



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

JOAQUIM WELLEY MARTIN

**SOCIABILIDADE E SOLIDARIEDADE VIA *WHATSAPP* NAS
GERAÇÕES *BABY BOMMERS* e *XY*: Uma análise das relações
interpessoais mediadas tecnologicamente**

Rio de Janeiro

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - (UFRJ)
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - (CFCH)
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO - (ECO)

**SOCIABILIDADE E SOLIDARIEDADE VIA *WHATSAPP* NAS
GERAÇÕES *BABY BOMMERS* e *XY*: Uma análise das relações
interpessoais mediadas tecnologicamente**

JOAQUIM WELLEY MARTINS

Tese apresentado ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura – Linha de Pesquisa: Mídias e Mediações Socioculturais, da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Gibaldi Vaz

Co-Orientadora: Dra. Scheila W. Martins

Rio de Janeiro

2018



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M386 Martins, Joaquim Welley.
Sociabilidade e solidariedade via whatsapp nas gerações baby bommers e XY: uma análise das relações interpessoais mediadas tecnologicamente / Joaquim Welley Martins. Rio de Janeiro, 2018.
160 f.: il.

Orientador: Paulo Gibaldi Vaz.
Coorientadora: Scheila Wesley Martins.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, 2018.

1. Internet – Aspectos sociais. 2. Comunicações digitais. 3. Relações entre gerações. 4. Redes sociais on-line – Aspectos sociais. I. Vaz, Paulo Roberto Gibaldi. II. Martins, Scheila Wesley. III. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação.

CDD: 303.483

Elaborada por: Adriana Almeida Campos CRB-7/4081


**ATA DA 455ª SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE TESE DE DOUTORADO
DEFENDIDA POR JOAQUIM WELLEY MARTINS NA ESCOLA DE
COMUNICAÇÃO DA UFRJ**


Aos vinte e seis dias do mês de abril de dois mil e dezoito, às oito horas, na sala 140 da Escola de Comunicação da UFRJ, foi realizada a defesa de tese de doutorado de **Joaquim Welley Martins**, intitulada: "**Sociabilidade e Solidariedade em Grupos de WhatsApp nas Gerações Baby Bommer e XY: uma análise das relações interpessoais mediadas tecnologicamente**" perante a banca examinadora composta por: **Paulo Roberto Gibaldi Vaz** [orientador(a) e presidente], **Márcio Tavares D'Amaral**, **Felipe de Moraes Borba**, **Aldira Samantha Garrido Teixeira** e **Marcelo Helvécio Navarro Serpa**. Tendo o(a) candidato(a) respondido a contento todas as perguntas, foi sua tese:

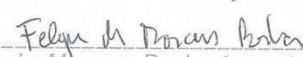
aprovada reprovada aprovada mediante alterações


E, para constar, eu, Thiago Couto, lavrei a presente, que segue datada e assinada pelos membros da banca examinadora e pelo(a) candidato(a) ao título de Doutor(a) em Comunicação e Cultura.

Rio de Janeiro, 26 de abril de 2018


Paulo Roberto Gibaldi Vaz [orientador(a) e presidente]


Márcio Tavares D'Amaral [examinador(a)]


Felipe de Moraes Borba [examinador(a)]


Aldira Samantha Garrido Teixeira [examinador(a)]


Marcelo Helvécio Navarro Serpa [examinador(a)]


Joaquim Welley Martins [candidato(a)]



“Descobrir consiste em olhar para o que todo mundo está vendo e pensar uma coisa diferente.”

Roger Von Oech



AGRADECIMENTOS

Ainda nesta fase do Doutorado, que é uma etapa decisiva para o futuro da pesquisa a que me propus realizar, tenho de agradecer primeiramente aos meus ORIXÁS, que são uma das forças que me impõem a seguir em frente. A ODÉ, OYÁ e LOGUNEDÉ, bem como a todos os meus guias e mentores meu sincero ADUPÉ Algumas pessoas do meu círculo íntimo eu não poderia deixar de citar: Scheila Wesley Martins, Sandra Willéia Martins, Rosa Maria Elias, Dr, Jones Chebom, Felipe Labuto, Marlene Freitas de Lima, Pai Luizinho D´Ogum e Jorge Martins Corrêa (revisão). Eles sabem o motivo desse agradecimento. Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Vaz, pois em nossas conversas muitos caminhos a seguir foram apontados. E, dentre todos os meus professores do Doutorado, cujos ensinamentos foram relevantes e que, de alguma forma e em alguma medida me ajudaram a mudar várias ideias e conceitos, um agradecimento especial a: Márcio Tavares do Amaral, Muniz Sodré, Raquel Paiva, Marialva Carlos Barbosa. Não posso me furtar a agradecer à Jorgina da Silva Costa e Thiago Couto, da secretaria da Pós-graduação, que sempre me deram força. Finalmente, agradeço aos colegas e amigos do programa, visto que todos foram relevantes nesse meu ciclo de aprendizagens. A TODOS, O MEU MUITO OBRIGADO.



RESUMO

SOCIABILIDADE E SOLIDARIEDADE VIA *WHATSAPP* NAS GERAÇÕES *BABY BOMMERS* e *XY*: Uma análise das relações interpessoais mediadas tecnologicamente

JOAQUIM WELLEY MARTINS

Orientador(es):

Prof. Dr. PAULO GIBALDI VAZ

Dra. SCHEILA WESLEY MARTINS

Este trabalho faz um estudo analítico sobre a comunicação interpessoal mediada pelo smartphone em grupos de WhatsApp nas gerações *Baby Bommers* e *XY*. Busca-se analisar um quadro específico e inerente à realidade histórica atual em que o fenômeno da *Internet*, dos *smartphones* e das redes sociais afeta as práticas da sociabilidade e da solidariedade humanas. A metodologia utilizada fundamentou-se no enfoque sistêmico aliado a técnicas de análise multivariada e com um viés etnográfico em três (03) grupos distintos de WhatsApp integrados pelo próprio pesquisador. Foram implementadas duas (02) pesquisas por meio de questionários aplicados via Internet para os integrantes dos grupos analisados. A partir dos dados de campo analisados se buscou verificar os aspectos de sociabilidade e solidariedade mediante a utilização de técnicas estatísticas multivariadas.

Key-words: Sociabilidade. Solidariedade. Comunicação Interpessoal. Interação. Mediação. Smartphone. Internet. WhtasApp. Gerações.



ABSTRACT

SOCIABILITY AND SOLIDARITY VIA WHATSAPP IN GENERATIONS BABY BOMMERS and XY: An analysis of technologically mediated interpersonal relations

JOAQUIM WELLEY MARTINS

Advisors:

Prof. Dr. PAULO GIBALDI VAZ

Dra. SCHEILA WESLEY MARTINS

Abstract da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura – Linha de Pesquisa: Mídias e Mediações Socioculturais, da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Comunicação Social.

This work makes an analytical study on smartphone-mediated interpersonal communication in WhatsApp groups in the Baby Bommers and XY generations. It seeks to analyze a specific framework inherent to the current historical reality in which the phenomenon of the Internet, smartphones and social networks affect the practices of human sociability and solidarity. The methodology used was based on the systemic approach combined with multivariate analysis techniques and with an ethnographic bias in three distinct WhatsApp groups integrated by the researcher himself. Two surveys were implemented through questionnaires applied through the Internet to the members

of the analyzed groups. From the field data analyzed, it was sought to verify the sociability and solidarity aspects using multivariate statistical techniques.

Key-words: Sociability. Solidarity. Interpersonal communication. Interaction. Mediation. Smartphone Internet. WhatsApp. Generations.



LISTA DE FIGURAS

- Figura 1.** Convenção adotada para determinação da identificação temporal das gerações. Fonte Internet (Wikipédia)12
- Figura 2.** Comunicação interpessoal e aquela mediada pelos dispositivos tecnológicos Comunicação face a face e comunicação mediada pela tecnologia. Fonte: *Internet*27
- Figura 3.** Por um lado, o uso do *smartphone* amplificou a capacidade de interação dos indivíduos em termos de quantidade, especialmente o acesso remoto as pessoas geograficamente distantes. Por outro lado, também tem potencializado uma descontinuidade (quantitativa e qualitativa) da interação face-a-face. Fonte: Internet (site de Duke Chargista, disponível em <https://www.facebook.com/dukechargista/>)40
- Figura 4.** Ilustração que representa bem as implicações para o relacionamento interpessoal consequente da comunicação mediada por *smartphones* Fonte: *Internet* (site Top Imagens, disponível em <http://www.topimagens.com.br/outros/4857-os-celulares-aproximam-e-afastam.html> .)104



LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Contabilização de termos e/ou expressões identificados como relevantes durante o processo de análise textual das respostas do questionário	67
Tabela 2 - Sumarização das respostas obtidas no questionário da FASE 1: respostas às perguntas 2 a 6	70
Tabela 3 - Sumarização das respostas obtidas no questionário da FASE 1: respostas às perguntas 7 a 10	71



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
SOCIABILIDADE	32
SOLIDARIEDADE	44
METODOLOGIA DE PESQUISA	59
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA FASE I	66
APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA FASE II.....	75
CONCLUSÃO.....	101
REFERÊNCIAS	112
ANEXOS.....	118

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, já se tornou lugar comum vermos pessoas, incluindo nós mesmos, se comunicando na forma interpessoal mediada por dispositivos eletrônicos em toda a sorte de lugares e situações, numa interação permanente e que demonstra a relevância da comunicação na existência dos indivíduos quanto aos seus valores e práticas de sociabilidade. Podemos dizer que isso passou a se constituir uma condição de existência e reconhecimento do indivíduo como integrante da sociedade humana e da própria realidade.

Nesse contexto, que é visivelmente centrado nas tecnologias de comunicação e informação como a atual, as práticas de sociabilidade mudaram de forma acentuada e em curto espaço de tempo, menos de 20 (vinte) anos aproximadamente. Período correspondente à criação, evolução, consolidação e disseminação popular do uso de diversos dispositivos eletroeletrônicos que passaram a ser usados para interação dos indivíduos – computador pessoal (PC), *notebook*, *tablet*, telefone celular¹ e *smartphone*, apenas para citar alguns.

O real potencial de transformação desses dispositivos tem sido referenciado para caracterizar um formato de organização social baseado no paradigma tecnológico e que se constituiria um fator de inclusão/exclusão dos indivíduos no tecido da realidade. Nesse contexto, as práticas de socialização necessariamente foram atingidas, influenciadas ou até mesmo determinadas por essa revolução tecnológico-comunicacional e que impactou de formas diferenciadas todas as gerações que tiveram e ainda têm contato com ela.

Nas ruas, bares, *shopping centers*, praças, praias, locais públicos e privados, nos ônibus, trens, metrô, barcas e aviões, caminhando ou estando parado, o corriqueiro é vermos indivíduos próximos fisicamente, mas sem implementar ou efetivar minimamente qualquer tipo de comunicação interpessoal face a face enquanto interação consciente e motivada com seu semelhante.

Estamos imersos numa realidade em que os indivíduos estão com seus olhos e sua atenção quase totalmente voltados para algum dispositivo eletroeletrônico em suas mãos e que lhes permite interagir com outros indivíduos que lhes estão distantes no aspecto geográfico e espacial. Assim, é fato incontroverso que os procedimentos comuns de sociabilidade foram

¹ Ver mais sobre Telefone Celular em https://pt.wikipedia.org/wiki/Telefone_celular

desconstituídos ou desconstruídos quase na sua essência. E, atualmente, o dispositivo que representa fidedignamente esse quadro sem sombra de dúvidas são os *smartphones*.

Trata-se de um quadro inerente à realidade histórica atual em que o fenômeno da *Internet*, dos *smartphones* e das redes sociais afeta claramente o cenário de práticas da sociabilidade humana. Isso acontece pela imposição de transformações sensíveis nas experiências cotidianas dos indivíduos e grupos quanto à produção, consumo e compartilhamento de mensagens e informações dentro e fora do espaço digital.

Observamos que a Comunicação Social, enquanto ciência social aplicada, optou por concentrar grande parte de suas pesquisas e análises na comunicação de massa, deixando praticamente de lado a comunicação interpessoal que, em nosso entendimento, se constitui base para todas as demais formas de comunicação necessárias ao desenvolvimento da sociabilidade dos indivíduos. Esse contexto pode ser verificado nas entrelinhas do que afirma Muniz Sodré:

“(…) Possivelmente por esse motivo, a comunicação humana, interpretada como discurso e processo interativo – atinente ao comportamento de um sujeito já socialmente constituído – no âmbito de uma sociedade movida por tecnologia avançada e industrialmente estimulada por desejos, atravessou o século passado e chegou a este novo milênio, tanto em sua materialidade tecnológica quanto nas abordagens acadêmicas, como um modo ampliado de realizar a transmissão de palavras, imagens, discursos e informações ou, num sentido politicamente republicano, de concretizar uma democrática difusão cultural.” (SODRÉ, 2014)

Assim, enquanto uma proposta de abordagem do ato comunicacional e das suas implicações com a sociabilidade no contexto presente, entendemos haver necessidade de uma discussão sobre a interação no ciberespaço e suas consequências nos relacionamentos interpessoais e grupais no mundo real.

Entendemos também que se deve buscar um mapeamento quanto aos possíveis pontos positivos e/ou negativos que a utilização exacerbada da tecnologia e seus dispositivos de interação podem trazer potencial ou efetivamente para nosso meio social.

Aquele tipo de ato de comunicação interpessoal que comumente implicava a existência mínima de um emissor e um receptor que mantinham um contato direto – do tipo face a face – passou por diversas transformações com as inovações tecnológicas. E, se originariamente se desenvolvia por interlocutores que estavam dispostos numa situação de proximidade ou aproximação, assim não é mais, especialmente com o surgimento e

popularização de criações tecnológicas como o telefone fixo, o celular, a *Internet* e o *smartphone*, dentre outros como anteriormente mencionados.

Nesse cenário, o desenvolvimento de mídias digitais com a imbricação da informática e telecomunicação criou oportunidades diferenciadas (potenciais e efetivas) de interação entre os indivíduos de todo o planeta. Isso implica uma nova perspectiva no campo de estudo dos processos de interação relativamente aos usos culturais dessas tecnologias na socialização. São evidentes as redefinições de tais práticas como produção e difusão de valores e informações culturais comuns a todos. Com isso, comprova-se a importância deste trabalho acadêmico na tentativa de lançar mais um olhar crítico sobre como os indivíduos atualmente têm usado as novas tecnologias digitais nas suas práticas de sociabilidade. Porém, somente o aspecto de sociabilidade poderia não demonstrar a importância de um novo olhar sobre as formas de interação mediadas pelos dispositivos tecnológicos e, devido a isso, optamos por agregar nesta abordagem também o aspecto de solidariedade. Essa escolha se deu por verificarmos que uma grande quantidade de mensagens tinha a solidariedade como um dos seus elementos motivadores de constituição e disseminação.

Em função de termos escolhido o dispositivo *smartphone* por conta de suas diversificadas funções, elegemos os grupos de *WhatsApp* como elemento focal de estudo. Outro fator para a escolha desse dispositivo e aplicativo é o fato de que ambos perpassam mais de uma geração de indivíduos que atualmente coexistem em nível de sociabilidade e solidariedade. Portanto, mostra-se relevante a verificação dos reflexos daqueles elementos nas novas práticas de construção ou transformação de valores e procedimentos comportamentais de indivíduos e grupos quanto à criação e disseminação de mensagens e informações. Essa nova modalidade de interação mediada como uma nova forma de sociabilidade e tendo a solidariedade como um contraponto relevante é o tema deste estudo.

No cenário atual, é patente que o *smartphone* ocupou o lugar do telefone fixo, do telefone celular e até mesmo do computador (*desktop*, *notebook* ou *tablet*) sendo a representação por excelência da comunicação mediada e da sociabilidade compartilhada nesse ciberespaço². Destacamos que em nosso entendimento aquele ato de sociabilidade mediada se

² O termo [ciberespaço] especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo 'cibercultura', especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999).) LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999

constitui, *per se*, como causa na mudança de valores, ideologias, atitudes e formas de encarar o mundo em nível individual e coletivo, desdobrando-se nas possíveis práticas de solidariedade de todos os indivíduos.

Com esta pesquisa, buscaremos discutir uma realidade interacional marcada pela consolidação da sociabilidade interpessoal mediada por diferentes dispositivos fisicamente articulados como produto da tecnologia e independentemente da vontade dos indivíduos. Disso se originou um sistema cultural e social baseado na interligação em rede. Isso posto, analisaremos a questão da sociabilidade justamente nessa malha, nessa rede que constitui aquele ciberespaço em que tudo e todos podem se interconectar.

A noção de rede ressalta o fato de que o contexto das novas práticas de sociabilidade é formado por complexas associações entre humanos e tecnologias, almejando com a pesquisa empírica atentar mais para o caráter híbrido dessas relações, que acabam por determinar como os indivíduos se comportarão em suas relações interpessoais agora e futuramente. Castells avaliza essa ideia quando reconhece que a rede passou a se constituir como o meio de relação e de comunicação nos quais um novo contexto social emergiu, o qual foi chamado de sociedade em rede.

É patente que a popularização no uso de dispositivos de comunicação, em nosso caso o *smartphone* com seus aplicativos bem como da *Internet*, foi o que permitiu a disseminação e a consolidação dessa sociedade em rede. Segundo Castells, em relação às práticas de sociabilidade a *Internet*:

“constitui a base material e tecnológica da sociedade em rede; é a infraestrutura tecnológica e o meio organizativo que permitem o desenvolvimento de uma série de novas formas de relação social que não têm sua origem na internet, que são fruto de uma série de mudanças históricas, mas que não poderiam desenvolver-se sem a Internet” (CASTELLS, 2005)

O fenômeno das redes sociais não é similar em todos os países e culturas, sobretudo em função de aspectos políticos, econômicos e técnicos. No Brasil, bem como ocorre em outros países do mundo, o fenômeno das redes sociais e suas implicações com a sociabilidade já ultrapassou o limite do que se poderia chamar de um uso cotidiano. É nítido que essas redes sociais são a grande fonte de práticas de sociabilidade e manifestações de solidariedade na sociedade, já que as pessoas acabam por ser verem obrigadas a estar o tempo todo conectadas com o mundo pelos seus *smartphones*.

No contexto dos *smartphones*, o aplicativo *WhatsApp* necessariamente tem de ser analisado com uma visão particular, já que possibilita uma interação quase instantânea e ao mesmo tempo eficaz entre indivíduos e grupos. Tanto que esse potencial foi o responsável pela sua rápida e acentuada proliferação desde o seu lançamento. O resultado foi o surgimento de grupos familiares, de amigos íntimos ou não, dos que professam uma mesma religião, de colegas de trabalho ou curso, da turma de faculdade, de categorias profissionais, de eventos de que se participará, do condomínio onde se mora, da rua onde se reside, de bairros, dentre outros e em quantidades cada vez maiores.

É fácil se verificar que as relações de sociabilidade nessa Sociedade da Comunicação ou da Informação, de Rede ou também nominada de Cibersociedade, acabam por prescindir da presença física dos interlocutores, já que acontece o que Marc Augé (AUGÉ, 2004) designou de “não lugar”³. Agora, é no ciberespaço que acontecem as práticas de sociabilização e as manifestações de solidarização mediadas por dispositivos eletrônicos e vinculadas à *Internet*. Tanto é assim que Marcos Palácios (PALÁCIOS, 1996) afirma:

“(...) situações em que interações de caráter comunitário estão tendo lugar no ciberespaço, esse “não lugar” formado pelas redes telemáticas. Comunidades virtuais, algumas congregando milhares de cidadãos, estão em pleno funcionamento, propiciando o aparecimento de novas formas de sociabilidade pouco ou nada conhecidas por nós”.

E complementando aquelas ideias, lançamos mão da seguinte afirmação de Sodré:

“(...) em vista da evidência de outro sentido para a genérica “comunicação” inerente ao que se tem chamado de *tecnologias da informação e da comunicação*, ou seja, a combinação do processamento de dados com a eletrônica e as telecomunicações. Comunicação configura-se aqui como forma de vida social ou um ecossistema tecnológico com valores humanos pautados pela realização eletrônica. No escopo do “ecossistema móvel”, calcula-se que o número de dispositivos interativos (*tablets, leptops, smartphones e netbooks*) já supera o da população do planeta (sete bilhões de pessoas).” (SODRÉ, 2014)

É incontestável que as novas possibilidades de interação propiciadas pela telefonia celular e alavancadas quando da conjugação dela com a *Internet* acabaram por interferir na sociabilidade e solidariedade de diversas formas, tendo em vista particularidades inerentes aos

³ **Não-Lugares – Introdução A Uma Antropologia Da Supermodernidade.** O não-lugar é diametralmente oposto ao lar, à residência, ao espaço personalizado. É representado pelos espaços públicos de rápida circulação - como aeroportos, estações de metrô e pelas grandes cadeias de hotéis e supermercados. Só, mas junto com outros, o habitante do não-lugar mantém com este uma relação contratual representada por símbolos da supermodernidade; cartões de crédito, cartão telefônico, passaporte, carteira de motorista, enfim, por símbolos que permitem o acesso, comprovam a identidade, autorizam deslocamentos pessoais. (AUGÉ, 2004)

indivíduos inseridos nos seus diversos contextos de uso: pessoal, familiar, profissional, acadêmico, científico, comercial etc.

Então, quando da disseminação e consolidação planetária de uso do *smartphone* que é totalmente vinculada à *Internet*, constatamos que houve um tipo de desconstrução das relações de sociabilidade desenvolvidas até então, notadamente a presencial. Isso é consequência dessa capacidade de fluidez e circulação imediata de mensagens e informações que cada indivíduo pode implementar a qualquer momento e de onde quer que esteja. Decerto que o *smartphone* e o *WhatsApp* são suas mais fortes representações.

Portanto, se a sociabilidade é afetada em suas práticas pelo uso do *smartphone* e seus grupos de *WhatsApp*, seria impossível que também as manifestações de solidariedade também não fossem. Em nosso entendimento, a solidariedade decorrente da sociabilidade pode até mesmo ser mais influenciada ou determinada por essas novas práticas interacionais mediadas pela tecnologia.

Também não há como negar que as características geracionais são vigorosamente determinantes nas práxis dos indivíduos e grupos, relativamente às suas práticas de sociabilidade e manifestações de solidariedade, ainda mais se implementadas com mediação pelos *smartphones* e seu aplicativo *WhatsApp*. No caso das gerações *Baby Bombers* e *XY* certamente que foram totalmente desiguais as formas de assimilação no uso do *smartphone* e, quando agregamos a isso um aplicativo como o *WhatsApp*, há fortes indícios quanto a toda sorte de possíveis mudanças e que se ampliam exponencialmente.

Enquanto integrante da geração X e ao mesmo tempo docente na área de Comunicação Social, sempre utilizei o telefone celular a partir do momento que foram disponibilizados no Brasil (desde as suas versões primeiras, como aqueles gigantesco da Motorola) e vivi todo o processo de evolução desses dispositivos até os atuais *smartphones*. Dessa forma, o objeto a ser pesquisado – que engloba o dispositivo e o aplicativo – está presente na minha vida cotidiana, bem como de várias pessoas com as quais mantenho relações de sociabilidade e solidariedade (familiar, profissional, comercial, educacional, religiosa etc.).

No processo de construção das ideias desta pesquisa, aconteceram diversas transformações quanto ao próprio objeto e tema de estudo em função de aspectos instigantes que foram surgindo no decorrer da própria pesquisa.

Constatamos empiricamente que os indivíduos acabaram desenvolvendo uma relação de dependência quanto às suas condutas de sociabilidade e manifestações de solidariedade. Essa dependência no caso do *smartphone* e do aplicativo *WhatsApp* decorre de suas altas capacidades para implementação de diversos modos de interação e que independem da idade, da raça, da posição social, do nível educacional, da religião e até mesmo de onde as pessoas se encontrem físico-geograficamente.

Em função de querermos fazer uma análise que abarque as gerações *Baby Boomers* e *XY*, esse dado empírico também acabou sendo uma das motivações para a pesquisa, já que também optamos por fazer uma abordagem de grupos de *WhatsApp* a que o pesquisador pertence. Numa abordagem dessa natureza, a diferença cultural entre os indivíduos é inevitável e necessariamente tem de ser um aspecto a se considerar, ainda mais que indivíduos de variadas gerações podem compartilhar um grupo em comum, possuindo valores, necessidades e interesses muito distintos quanto às suas práticas de sociabilidade e manifestações de solidariedade no grupo.

Especificamente quanto à sociabilidade mediada pelo *smartphone* nos grupos de *WhatsApp*, claro é que há um fator diferencial expressivo vinculado às características de cada uma das gerações analisadas. Não de ser consideradas as características culturais (individuais e grupais) de cada uma dessas gerações, que acabam se misturando no fluxo-refluxo de utilização dessa forma de interação institucionalizada na sociedade contemporânea. Também são patentes e visíveis as diferenças nas manifestações de solidariedade mediada quando feitas por indivíduos das gerações *Baby Boomers* e *XY*.

Esse dispositivo e aplicativo deu seguimento a um processo de sensível e visível modificação no *modus operandi* das práticas de interação interpessoal mediada, já que o seu caráter verbal/sonoro/visual, desvinculado da presença física e aliado à indiferença quanto à distância física dos integrantes, constituiu-se como o elemento transformador das já consolidadas práticas interacionais de sociabilidade. Houve na sociedade de rede a institucionalização dessa forma de sociabilização individual e coletiva que implicou uma maior despersonalização dos interlocutores, ainda que com a ampliação do papel imagético nessas novas relações de sociabilidade, abarcando praticamente indivíduos de todas as três gerações analisadas, indistintamente.

Com o *smartphone* somado ao aplicativo *WhatsApp*, os contatos face a face quase passaram a ser a exceção e não a regra, já que essa interação mediada passou a abarcar

fotografias, imagens (estáticas e móveis), jogos e vídeos compartilhados e até mesmo contato visual em tempo real. Tudo é acessível aos usuários em qualquer momento e lugar, bastando que haja um *smartphone* com o respectivo acesso à *Internet*.

Tal tecnologia acabou se instituindo no grande fator de mudança e/ou adaptação nas práticas de sociabilidade, embora mediadas, já que acabou por estabelecer novos balizamentos para as interações individual e grupal em si mesmas. Uma análise de como as três últimas gerações vivenciaram essa mudança é mais que relevante e justificada, de forma a averiguarmos aspectos, condições e características inerentes a cada uma delas foi fator que reforçou e/ou enfraqueceu essa transformação de valores e práticas.

Em função da proposta de análise e do objeto de estudo, eleger em que se constituiriam aquelas gerações *Baby Bombers* e XY, tendo em vista que tal conceituação seria o que acopla os demais elementos da pesquisa. E como vivemos num contexto caracterizado pela capacidade individual e grupal de globalização das práticas de sociabilização, o *modus operandi* dos indivíduos de diferentes gerações certamente acaba determinado pela forma como cada uma dessas gerações interagiu com o objeto de pesquisa eleito, a saber, o dispositivo *smartphone* e o aplicativo *WhatsApp*.

Foi justamente em função da interligação em rede dos meios de comunicação pessoais e massivos, em nosso caso o *smartphone* e a *Internet*, o que gerou a emergência dessa nova modalidade de interação com diferentes padrões para sua implantação, especialmente em função das características pessoais dos interlocutores.

Diversas perspectivas teóricas e aplicadas têm buscado entender e explicar o conceito de gerações, e conforme a perspectiva a ser usada pode parecer que há uma contradição entre as definições existentes. Contudo, enquanto opção metodológica e não adentrando as particularidades dessas diversas conceituações, escolhemos usar a explicação do filósofo alemão Wilhelm Dilthey (DILTHEY, 1992), por entendermos que dá conta, satisfatoriamente, dos aspectos de divisão e caracterização daqueles agrupamentos de indivíduos porque não são desprezadas as particularidades históricas e humanas de cada fase, antes o contrário.

Em função daquilo a que nos propusemos, teremos de nos valer de estudos e pesquisas sobre sociabilidade, interação, comunicação interpessoal e solidariedade, em suas perspectivas mais amplas e possíveis imbricações. Oportuno ressaltar que trabalhos com essa temática foram reduzidos por uma opção de grande parte dos pesquisadores nacionais,

particularmente nas décadas de 80 e 90. Os estudos no aspecto da comunicação de massa foram os mais levados adiante.

Em nossa perspectiva e com o devido respeito, essa opção por estudar exclusivamente a sociabilidade e a comunicação de massa e apenas elas, acabou por minar a compreensão de como elas podem ser influenciadas ou transformadas por mudanças implementadas na sua forma interpessoal. Entendemos que a forma interpessoal seria o ato de socialização e comunicação por excelência do indivíduo ou grupos, mesmo que imersos nessa Sociedade de Comunicação/Sociedade da Informação/Sociedade em Rede.

Como alguns outros poucos pesquisadores têm demonstrado interesse e desenvolvido pesquisas do tema na sua forma interpessoal, mediada ou não, dentre os quais podemos citar Alex Primo (PRIMO, 2008), verificamos a ausência de uma bibliografia nacional mais densa e consistente sobre o tema. Isso nos obrigou a estabelecer pontes e construir um outro olhar para esse aspecto que as teorias da comunicação nacional colocaram num segundo plano.

Em razão das mudanças trazidas pela imbricação entre as tecnologias de telefonia e informática, a realidade virtual atualmente é mais do que presente e relevante nos processos e práticas de sociabilização dos indivíduos e grupos. Dessa imbricação tecnológica surgiram dispositivos como o *smartphone* e aplicativos como o *WhatsApp*, demonstrando a importância de analisarmos os resultados do virtual sobre o real quotidianamente. Nesse ponto, destacamos que o adjetivo virtual não deve ser visto ou analisado como oposto por excelência do real, mas sim como uma nova forma disponibilizada para que os indivíduos interajam entre si e com o mundo.

E disso podemos avaliar previamente que essa nova prática de sociabilização, interação e comunicação é feita necessariamente de forma diferenciada por integrantes de cada uma das gerações analisadas mediante suas particularidades. E isso implica ter em conta toda a gama de interfaces abertas e conexões que lhes permitem contatar, visualizar e manipular seus potenciais de contato pessoal e grupal, sensivelmente ampliado pelo *smartphone* e com o *WhatsApp*.

O *smartphone* e o aplicativo *WhatsApp* disponibilizam e explicitam o mundo interior de cada indivíduo para um tipo de espaço que mesmo não sendo privado é comum a vários outros indivíduos. Com isso, constroem uma rede de potenciais interlocutores simultâneos,

individual ou grupalmente. E em função disso se impôs afinar o objeto geral da pesquisa, tendo escolhido analisar os casos de sociabilidade e solidariedade nos grupos de *WhatsApp*.

De qualquer forma, esta pesquisa necessita apresentar uma estrutura sequencial em função do seu possível resultado e, para atender a essa formalidade, este trabalho inicia fazendo uma revisão crítica de algumas teorias sobre as chamadas sociabilidade mediada, interatividade, comunicação interpessoal e solidariedade mediada. Procuramos fazer uma retrospectiva histórico-conceitual sobre aqueles valores e práticas socioculturais que foram disponibilizadas na contemporaneidade pela imbricação entre telefonia e informática, tendo como objeto específico o dispositivo *smartphone* e o aplicativo *WhatsApp*.

No Capítulo 1, temos o Referencial Teórico, em que trataremos primeiramente de um resgate do conceito inicial de sociabilidade e solidariedade, e nos subsidiaremos daquela proposta por Simmel (SIMMEL, 1983; SIMMEL, 2006), mas já reconhecendo que seu sentido sofreu grandes modificações ao longo do tempo. Isso ocorreu especialmente com a incorporação quotidiana das novas tecnologias da comunicação que acabaram por fazer surgir novas formas de sociabilidade com implicações na solidariedade. Esse nosso entendimento pode ser encontrado nas ideias desenvolvidas por Michel Maffesoli (MAFFESOLI & MAFFESOLI, 1996), dentre outros pesquisadores contemporâneos. Ainda nesse Capítulo 1, teremos que referenciar os conceitos sobre virtualidade e cibercultura, uma vez que intimamente ligados à temática da pesquisa.

O capítulo 2, Sociabilidade, abordará os aspectos geracionais, ou seja, na perspectiva construída por Wilhelm Dilthey (DILTHEY, 1992) e até mesmo desenvolvendo um diálogo entre suas ideias e de outros pesquisadores do tema, buscaremos detalhar as características dos indivíduos de cada uma daquelas gerações (*Baby Bombers* e XY) em função do objeto e objetivo da pesquisa.

O capítulo 3, Solidariedade, percorrerá um caminho no mínimo tortuoso, pois tentaremos fazer a articulação de uma abordagem sistêmico-relacional das práticas de sociabilidade e solidariedade por meio daquela modalidade interpessoal de interação mediada pelo *smartphone* e pelo aplicativo.

Nessa fase, buscaremos evidenciar se houve ou não mudanças relevantes na forma de sociabilidade interpessoal e grupal com a mediação pelos grupos de *WhatsApp* e em que medida isso seria ontologicamente diferente para os indivíduos de cada uma das gerações

pesquisadas. Também buscaremos distinguir nos contextos de interatividade em seus aspectos de sociabilidade e solidariedade se haveria situações de interação mútua e interação reativa de formas distintas.

Nos capítulos 4, 5 e 6 (Metodologia de Pesquisa, Apresentação e Análise dos Resultados), serão apresentadas as questões pertinentes ao desenvolvimento metodológico do processo de pesquisa, bem como da interpretação dos dados das pesquisas desenvolvidas (FASE I e FASE II) segundo o objeto/objetivo da pesquisa, desenvolvendo uma interpretação crítica sobre o fenômeno analisado. Aqui não haverá como ignorar as múltiplas perspectivas nos ambientes contemporâneos de contato real e virtual, isso na sua forma interpessoal dentro dos grupos do *WhatsApp* previamente eleitos.

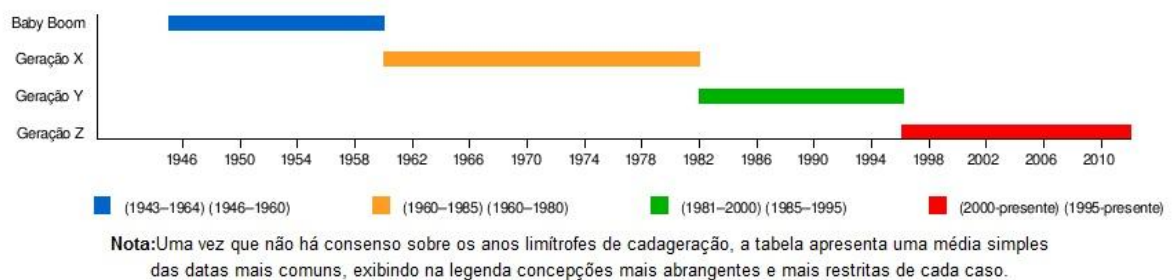
Finalmente, no capítulo 7, apresentaremos as conclusões e contribuições que a presente pesquisa oferece à comunidade tendo em vista o domínio estudado.

REFERENCIAL TEÓRICO

Na sociedade humana, já se tornou lugar comum vermos pessoas, incluindo nós mesmos, se comunicando intensamente na forma interpessoal mediada por dispositivos eletrônicos em quaisquer lugares e situações. Esse tipo de interação nos foi imposta enquanto conduta permanente da sociedade cibernética e da informação na qual estamos insertos, demonstrando a relevância dessa modalidade de prática comunicacional individual e coletiva.

Atualmente, essa modalidade de interação se tornou uma condição *sine qua non* do sentido de existência e autorreconhecimento dos indivíduos como integrantes da sociedade humana e da própria realidade. Só isso já representa um aspecto diferenciador quanto às gerações *Baby Boomers* e *XY* por conta da forma como tais dispositivos se introduziram na sua vida cotidiana. Destacamos que a determinação e a análise da questão geracional suscitam muitos debates (ainda sem uma formalização de consenso unificado) em diversos outros domínios de pesquisa associados (sociologia, psicologia, educação e tecnologia), no entanto, para esta pesquisa, adotamos o seguinte entendimento quanto à convenção que determina a definição temporal e a composição das gerações, conforme também ilustrada na Figura 1.

- Nascidos de 1961-1979, Geração *Baby Boomers*;
- Nascidos de 1978-1992, Geração X;
- Nascidos de 1993 em diante Geração Y.



(fonte: wikipedia)

Figura 1. Convenção adotada para determinação da identificação temporal das gerações. Fonte Internet (Wikipédia)

Estaríamos, por assim dizer, num contexto de realidade mediada em que dispositivos eletroeletrônicos como o *smartphone*, por exemplo, se incluiu como um dos elementos constituintes dos indivíduos, ou dito de outra forma: sem a utilização dos dispositivos

tecnológicos de interação é como se o indivíduo perdesse uma parcela da sua identidade, do seu sentido de existência no aspecto específico de integração de um grupo ou comunidade. De certo modo confirmando essa afirmação, Muniz Sodré é emblemático ao afirmar que:

A midiáticação é, portanto, uma elaboração conceitual para dar conta de uma nova instância de orientação da realidade capaz de permear as relações sociais por meio da mídia e constituindo – por meio do desenvolvimento acelerado dos processos de convergência midiática – uma forma virtual ou simulativa de vida, a que demos o nome de bios midiático (ou bios virtual). (SODRÉ, 2014, p. 109)

Considerando até mesmo como numa necessidade de entendimento no campo da epistemologia científica da comunicação, o que até justificou a realização da presente pesquisa, Sodré já amplia e justifica o atual contexto de comunicação interpessoal mediada quando afirma que:

O conceito de midiáticação também não encerra o problema epistemológico da comunicação – ou seja, não garante a cientificidade de seu estatuto de conhecimento – e, no entanto, é por excelência o objeto dos estudos de mídia, precisamente por sustentar a hipótese de uma mutação sociocultural centrada no funcionamento atuais das tecnologias da comunicação. Esse conceito não é exclusivo da radiodifusão ou da televisão e não se tornou obsoleto com a interatividade das redes sócias. Ao contrário, ele se revela ainda mais pertinente na era digital, na medida em que telefones celulares, laptops e outros dispositivos de conexão com a internet, todos capazes de produzir entretenimento (programação televisiva, filmes, jogos, música, etc.), não apenas mudaram o panorama do consumo de mídia, como criaram tecnologias próprias de mediação. (SODRÉ, pp. 109-110, 2014)

Essa é a expressão de realidade da chamada Sociedade da Comunicação e da Informação, os valores e as práticas de sociabilidade, incluindo aquelas associadas à solidariedade, acabaram mudando de forma muito acentuada e num curto espaço de tempo. Aqui se incluem o tempo de criação, a disseminação e a consolidação do uso daqueles diversos dispositivos de comunicação mediada: telefone fixo, computador pessoal (PC), *notebook*, *tablet*, telefone celular e, finalmente, o *smartphone*.

No caso específico do Brasil quanto aos *smartphones*, o início de sua comercialização e popularização foi a partir da década de 1990⁴. Tanto que, hoje, já somos o sexto mercado mundial de *smartphones* e isso não pode ou deve ser ignorado quanto aos valores e práticas de sociabilidade e solidariedade, pois é inegável que esse contexto teve impactos fortes quanto àqueles aspectos culturais da sociedade brasileira.

⁴ vide <http://exame.abril.com.br/negocios/dino/estatisticas-de-uso-de-celular-no-brasil-dino89091436131/> e <https://www.opus-software.com.br/estatisticas-uso-celular-brasil/>

O potencial de transformação desses dispositivos nos contextos individuais e coletivos, tendo como referencial a sociabilidade e a solidariedade. Dispositivos que podem ser utilizados para caracterizar um formato de organização social baseado no paradigma tecnológico, fato que também se constituiria num fator de identificação da inclusão/exclusão dos indivíduos no tecido social. Estes conceitos serão trabalhados em maior detalhamento em capítulos específicos neste trabalho.

Com facilidade, constatamos que um indivíduo que não interaja com seus pares pelo uso de um daqueles dispositivos, sob certos aspectos praticamente inexistiria em determinados nichos da sociedade contemporânea. Isso no aspecto de manifestação real e virtual acaba se tornando numa duplicidade de existência na qual estamos mergulhados independentemente da nossa vontade, o que necessariamente faz com que também acabem ocorrendo mudanças nos valores de sociabilidade e nas práticas de solidariedade nesse contexto real/virtual. Sobre isso nos valem novamente de Sodré já que ele assim se manifesta:

(...) Na realidade, a integração da mídia potencializada pela comunicação/informação eletrônica enseja uma reorientação dos modos de pensar e de sentir análogo à formação de outro tipo de polis, o que nos permite reler a categoria aristotélica de bios – em que está presente além das ideia de um círculo humano ambiental, o sentido de uma orientação existencial específica – à luz da tecnociência eletrônica e do mercado. (...) A idealidade materializa-se no bios virtual, constituindo o próprio solo orgânico do novo tipo de sociabilidade emergente. (...) Como bem se sabe, o modo de ser de um comportamento tem a ver com a ontologia dos modos humanos de perceber e de realizar algo no mundo. Os atos de perceber, sentir, pensar, conhecer, empenhar-se e fazer implicam o levar-se a si mesmo ao encontro (“com”) de um comum. (SODRÉ, 2014, p.249 e 254)

Assim, podemos ter valores e práticas de solidariedade como uma consequência da transformação da sociabilidade, influenciados ou até mesmo determinados por essa revolução tecnológico-comunicacional. Isso implicou a adoção rápida de formatação dos agrupamentos de indivíduos que interagem via dispositivos como o *smartphone*, dentre os quais os grupos de *WhatsApp* são uma das melhores representações. Logo se evidencia que o fator da interação é um dos postos-chave a serem observados nesta abordagem, considerando como Alex Primo assim se manifesta em complementação ao que foi afirmado por Sodré:

Na mesma direção, Fisher (1987) acrescenta que a comunicação é o relacionamento que os parceiros criam através da interação (com esse itálico no prefixo o autor pretende salientar o “entre” da relação). Sendo assim, uma pessoa não se comunica, mas, sim, se engaja num processo de comunicação: “As ações de ambos os membros de um relacionamento, a comunicação interpessoal ou as interações, criam o que viemos chamar de relacionamento. No mesmo sentido que o clichê “É preciso duas

“pessoas para dançar tango?”, um relacionamento não é algo que você “faz”, mas algo em que você entra, torna-se uma parte. Você, como um participante individual, não define mais o relacionamento que um pingo individual define toda uma tempestade. Você é apenas uma parte do sistema de comunicação interpessoal. Suas ações, juntamente com as ações coordenadas do outro, se combinam para definir o relacionamento.” (PRIMO, 2008, p. 82-83)

Com base nas ideias acima, fica clara a necessidade de se verificar que os valores e as condutas de sociabilidade e solidariedade acabam se constituindo num dos diversos resultados dos processos de interação que, no caso específico desta abordagem, buscou avaliar aquela interação mediada pelo *smartphone* em grupos de *WhatsApp* previamente escolhidos e levando em conta toda as particularidades que lhes são inerentes.

Enfocamos necessariamente as características e condições dos indivíduos das gerações *Baby Boomers* e XY, já que as formas de interação interpessoal mediada por tecnologia desses indivíduos aconteceram de forma diferenciada. Implica supor que, embora possa haver pontos de contato entre os processos interacionais dessas gerações, certamente haverá pontos de ruptura e distinção determinados pelo nível de cultura tecnológica associada a cada geração.

Nesse contexto, fica claro que o *smartphone* e os grupos do aplicativo *WhatsApp* cumprem com eficiência essas novas funções de intermediação dos seres humanos. É isso o que se observa quanto à interação quando olhamos atentamente nas ruas, bares, *shopping centers*, praças, praias, academias, agências bancárias, repartições públicas e privadas, nos automóveis, ônibus, trens, metrô, barcas e aviões, caminhando ou estando parados. Vemos indivíduos ou grupos interagindo quase que exclusivamente via aquele constructo tecnológico. Tornou-se cena comum vermos indivíduos próximos fisicamente, mas sem entabular qualquer tipo de interação consciente e motivada na forma face a face, já que todos estão com seus olhos e atenção voltados para algum dispositivo eletrônico que lhes permite interagir com outros indivíduos que, embora estando distantes no aspecto geográfico, espacial e temporal, estão perfeitamente acessíveis nesse universo virtual via *smartphone*. O face a face virtual praticamente se tornou a regra, a prática homogeneizada de grande parte dos indivíduos.

Indistintamente, pessoas de todos os sexos, orientações sexuais, idades, religiões, classes sociais, níveis de escolaridade, exercendo todos os tipos de profissão, estão atualmente como usuários de algum tipo de *smartphone*, seja do mais simples aos mais avançados. E, nesse contexto, não há como negar que os procedimentos comuns de sociabilidade foram

desconstituídos, desconstruídos e reorganizados por toda uma nova orientação de desejos e necessidades culturais, mesmo que os indivíduos sequer se apercebam disso. Abordaremos essa temática com maior profundidade em capítulo específico neste documento.

Então, como afirmado por Sodré (SODRÉ, 2014) e Primo (PRIMO, 2008), ainda que de formas distintas, o fator interação é aquele que acaba por determinar ou influenciar a criação de valores e a implementação das práticas de sociabilidade e solidariedade nos processos de comunicação mediada por *smartphone*. Necessariamente, a verificação das práticas de sociabilidade e solidariedade nesse tipo específico de interação mediada implica considerar separadamente os contextos históricos em cada uma das gerações analisadas. Porque isso se constitui necessariamente em aspectos vinculados à cultura geracional, onde certamente há fatores particulares de cada uma delas.

A comunicação interpessoal mediada por tecnologia se trata de um contexto inerente à nossa época, na qual o uso dos *smartphones* e das redes sociais na *Internet* afeta o cenário em nível de valores e práticas. E não se contestam as consequências para os níveis e a qualidade das manifestações de sociabilidade e solidariedade humanas, impondo transformações sensíveis nas práticas e experiências cotidianas dos indivíduos e grupos. Produção, compartilhamento e consumo de mensagens e informações pelo espaço digital são responsáveis por grande parte da construção de nosso “eu” real e virtual.

Os valores e práticas de sociabilidade foram altamente afetados na sua forma de constituição e assimilação por cada uma daquelas gerações quando da popularização do *smartphone*. Entendemos que isso aconteceu em função da diferença na perspectiva filosófica daquele conceito no seu aspecto de cultura geracional. Conseqüentemente, os valores e práticas de solidariedade também acabaram sendo afetados porque esta seria uma das formas de manifestação da sociabilidade e que também tem suas particularidades atreladas aos indivíduos de cada geração. Apresentaremos uma reflexão mais elaborada sobre esses aspectos em capítulo específico neste documento.

Com esta pesquisa, objetivamos avaliar e discutir uma realidade interacional fortemente marcada pela consolidação da comunicação interpessoal mediada pelo *smartphone*, na qual diferentes dispositivos e meios de comunicação e informação se articulam, independentemente da vontade dos indivíduos, dando origem a um sistema baseado

na interligação em rede de comunicação. Essa noção de rede⁵ ressalta o fato de que o contexto das novas formas e procedimentos de sociabilidade é formado por complexas associações entre humanos e tecnologias, e elas estão de certa forma a determinar como aqueles passam a exercitar essa prática que lhes é natural e inerente enquanto integrantes de diversos agrupamentos, isso desde o nascimento (família, escola, cidade etc.). Sustentando em certa medida a afirmativa acima, Marcos Palácios articula que:

Um segundo ponto importante a ser destacado com relação à expansão e à multiplicação das redes e das comunidades virtuais já foi levantado por André Lemos em artigo recente. Trata-se do que ele classifica como “a apropriação cotidiana da técnica e a apropriação técnica do cotidiano.”. Para ele, estamos testemunhando um rompimento com o paradigma da modernidade que estabelecia uma clivagem entre cultura e técnica, levando a uma cisão polarizada da técnica, vista, por um lado, como a esperança utópica de racionalização da vida social no progresso e na história e, por outro, como “o inimigo público número um, como o alienígena, como a encarnação mais fiel do racionalismo instrumental e desumanizante”. Existindo na técnica e pela técnica, as comunidades virtuais propiciam a apropriação cotidiana da técnica, num cotidiano que passa a existir nessa técnica. O “sistema técnico” deixa de ser pensado e vivenciado como um sistema isolado e separado da cultura cotidiana. A cibercultura questiona e desorganiza o modelo da clivagem entre cultura e técnica, que caracterizou a Modernidade, forçando a produção de outros olhares e a abertura de novos caminhos. (PALACIO, 1996, p. 92)

Concordamos com Marcos Palácio, relativamente à comunicação interpessoal mediada pelo *smartphone* de uma forma geral e mais especificamente aquelas introduzidas nos grupos de *WhatsApp*. Estamos diante de um tipo de “comunidade” que se distingue do conceito de comunidade clássica que a sociologia tão amplamente perscrutou em suas abordagens.

É perceptível que, em relação às comunidades virtuais, não se pode aplicar indistintamente aqueles seis componentes constituintes do conceito clássico de comunidade, a saber: a) sentimento de pertencimento; b) territorialidade; c) permanência; d) ligação entre sentimento de comunidade, caráter cooperativo e emergência de um projeto comum; e) existência de formas próprias de comunicação; f) tendência à institucionalização (PALACIO, 1996, p. 95)

⁵ **Rede: 1** - (...) 8. Fig. O conjunto dos meios de comunicação ou de informação (telefone, telégrafo, rádio, televisão, jornais, revistas etc.). (...)14. Ópt. Rede de computadores. Rede de telecomunicações que envolve a interconexão entre dois ou mais computadores permitindo a troca de dados entre estas unidades e otimizando recursos de hardware e software. (...) Rede de telecomunicações. Conjunto de linhas de comunicação interligadas por dispositivos (pontos de rede) capazes de receber uma mensagem e fazê-la transitar por estes canais de comunicação, para que, partindo de um ponto de origem, chegue ao seu destino. (FERREIRA, 2004); **2** - (...) Inform. Sistema que permite que um computador se conecte com outro computador ou com um disco rígido, uma impressora ou qualquer tipo de dispositivos, capacitando seus usuários a enviar e receber eletronicamente informações entre si. (HOUAISS, 2000); **3** - (...) (tc) Conjunto de equipamentos terminais, circuitos, linhas, troncos, centros de comutação e outros recursos interligados de forma a permitir a operação do serviço telefônico em âmbito nacional ou internacional. (RABAÇA; BARBOSA, 1978)

Nesta abordagem, podemos eleger os grupos de *WhatsApp* como uma especialidade daquela comunidade a que se refere Marcus Palácios. Em nosso caso, associaremos aquele conceito para identificar as chamadas comunidades virtuais⁶.

Uma vez que existem diversos conceitos de comunidade virtual, inclusive associados à tecnologia, que chamamos de “*comunidades virtuais*”, consideraremos aquilo que o sociólogo alemão Ferdinand Tönnies, em 1987, classificou como *gemeinschaft* (comunidade) e *gesellschaft* (companhia)⁷. Para Tönnies, necessariamente haveria uma dicotomia entre ambos termos **companhia** e **comunidade**, mas em nossa visão podem ser tidas como congruentes quando aplicados à interação no ambiente digital.

O primeiro termo, companhia, se refere à ideia tradicional de comunidade na qual os indivíduos constroem relações interpessoais mais íntimas e até mesmo homogêneas, especialmente quanto à valorização das relações sociais face-a-face. Em função disso, o aspecto geográfico-espacial não pode ser negligenciado, além disso o fator emocional-sentimental está muito presente. Já o segundo termo, comunidade, se refere a aspecto de indivíduos que estariam juntos (acompanhamento/associação) com relações mais impessoais e perenes, geralmente individualizadas para fins específicos quanto a interesses e/ou necessidades. (PERSELL, 1987)

Podemos verificar então que os grupos de *WhatsApp* acabam por se transformar num híbrido de comunidade e associação, pois abarcam aspectos de ambas as ideias apresentadas. Essa afirmação é reforçada por Ávila (1975) quando define uma comunidade como um conjunto de indivíduos detentores das seguintes características:

- a) uma certa contiguidade espacial, que permita contatos diretos entre seus membros;
- b) a consciência de interesses comuns, que permite aos seus membros atingirem objetivos que não poderiam alcançar sozinhos;
- c) a participação em uma obra comum, que é a realização desses objetivos e a força de coesão interna da comunidade. (ÁVILA, 1975)

Um conjunto de pessoas que mantém algum tipo de contato e que interage nos grupos de *WhatsApp* experimenta, ainda que de forma diferenciada devido à assincronicidade,

⁶ **Comunidade Virtual:** Uma comunidade virtual é uma comunidade que estabelece relações através de meios de comunicação à distância. Caracteriza-se pela aglutinação de um grupo de indivíduos com interesses comuns que trocam experiências e informações em ambiente virtual. Um dos principais fatores que potencializam a criação de comunidades virtuais é a dispersão geográfica dos membros. O uso das tecnologias de informação e comunicação - TICs minimiza as dificuldades relacionadas a tempo e espaço, promovendo o compartilhamento de informações e a criação de conhecimento coletivo. (www.wikipedia.com.br)

⁷ *Gemeinschaft* = comunidade; *Gesellschaft*= companhia. (www.google.tradutor.com)

circunstâncias equivalentes às citadas acima, e o diferencial é justamente o local de contato, pois tudo acontece no ciberespaço. Entretanto, isso não invalida a presença das características definidas por Ávila, em que pese não haver uma dependência necessária entre os integrantes do grupo para satisfação de interesses e necessidades mais particulares.

Como entendemos que a solidariedade é uma das formas de se expressar a sociabilidade, poderíamos afirmar que a primeira seria uma qualidade de manifestação dos interesses e necessidades comuns entre integrantes de um grupo de *WhatsApp*. Dessa forma, tais grupos denotam as mesmas características de comunidade ou associação nos termos apresentados por Ferdinand Tönnies e reforçados por Ávila.

Quanto a isso, entendemos que a expressão de solidariedade seria o elemento ou movimento de convergência quando de uma situação mais específica, que poderia se constituir na busca de algo que pudesse ser do interesse ou da necessidade de um, da maioria ou de todo o grupo.

Há uma componente Moral na formação dos grupos de *WhatsApp* com intuito de satisfação de interesses ou necessidades comuns, que não precisam ser explicitados diretamente. Assim, eles agiriam como uma “caixa de ressonância” generalizada quanto a fatos e ocorrências externas que, efetiva ou potencialmente, pudessem afetar seus integrantes. Isso até mesmo no sentido de serem tomadas medidas protetivas (excluir ou silenciar um integrante do grupo, falar privadamente, compartilhar informações diversas, dentre outros).

Uma vez mais o binômio interesse/necessidade está fortemente presente na formação dos grupos de *WhatsApp*, motivando a criação ou a participação em um grupo. Sendo o aspecto ético fator de ligação entre os integrantes do grupo, revelando-se um autêntico padrão de normatização comportamental para aqueles indivíduos, conferindo ao grupo identidade que lhes é muito própria, gerando regras de convivência e normas de etiqueta para seus integrantes.

O certo é que grupos de *WhatsApp* poderiam ser vistos como subgrupos da sociedade real contemporânea e em escala planetária, já que a limitação físico-geográfica inexistente. Possuem assim um *ethos* particular no qual há uma ética própria e um padrão de convivência diferenciado, que representa os fatores de coesão e dispersão e outras características que tipificam uma cultura virtual que existe imbrincada à realidade material (MEYER e THOMAS, 1990, p. 6).

No corpo desta abordagem, impõe-se um entendimento particularizado sobre esses grupos de *WhatsApp* enquanto comunidade/associação virtual em que acaba por se desenvolver uma maneira especial de sociabilidade e da qual resulta também um tipo diferenciado de solidariedade. Logo, vamos entender nessa perspectiva que tais grupos se constituem como uma aglutinação de indivíduos que, em se valendo da intermediação do aplicativo do *WhatsApp*, fazem emergir desse contexto imposto pela *Internet* um novo *modus* para a interação interpessoal. A forma diferenciada por existir de modo assíncrono ou síncrono da sua intensidade de utilização, acaba por tecer uma teia de relações pessoais no ciberespaço. Porém, essas relações, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, se encontram sedimentadas **por** e **com** emoções, sentimentos, expectativas, medos, buscas e tudo o mais que anteriormente acontecia no mundo real.

Destacamos que indivíduos de gerações distintas, quando agrupados nessas comunidades/associações virtuais o fariam baseados em função de alguma proximidade de interesse ou necessidade, até mesmo com priorização do aspecto emocional, sem que haja a necessidade real de proximidade física.

Eles se reúnem motivados por um tipo de senso comum que leva a práticas assemelhadas em nível de sociabilidade e solidariedade que tem como uma das suas principais características a desnecessidade de se constituírem uma agregação geográfica (RHEINGOLD,1993; FERNBAC & THOMPSON, 1995, p. 8). Assim, conforme já dito anteriormente, aquilo que necessitava do contato face-a-face, passou a ser implementado sob a forma virtual. Decerto que houve implicações com essa mudança:

- a) foi praticamente imposta aos indivíduos da geração *Baby Bombers*;
- b) foi assimilada com relativa tranquilidade pelos indivíduos da geração X;
- c) redundou no contexto no qual já nasceram os indivíduos da geração Y.

A questão de como a sociabilidade foi ou está sendo afetada pela realidade virtual, inclusive se particularizando – isso para cada uma daquelas gerações –, é tão grande, que existem aqueles que advogam que a submissão das relações interpessoais ao ciberespaço possa destruir os valores e práticas de sociabilidade como a conhecemos, Lemos (1996). Independentemente dessa visão, verificamos que todas as formas de sociabilidade contemporâneas se encontram cada vez mais submetidas à tecnologia em função da sua capacidade potencializadora e catalisadora, estabelecendo um instrumento de conexão por

excelência da sociedade atual. E, se constatamos que isso aconteceu, necessariamente temos de considerar a grande possibilidade de que também houve implicações e transformações nos valores e práticas de solidariedade, entendendo que em parte as ocorrências desta seriam uma decorrência daquela.

Todos aqueles componentes explicitadas acima se apresentam de uma forma grandemente especializada em função das próprias características intrínsecas das comunidades/associações cibernéticas. E, nos grupos de *WhatsApp*, isso particularmente se verifica quanto àquele aspecto da dissociação entre realidade e virtualidade.

Ao observar tais componentes na perspectiva de valores e práticas de sociabilidade e solidariedade, temos ainda o caráter geracional como elemento catalisador. Não haveria uma constância cultural e uniforme entre indivíduos daquelas gerações, muito pelo contrário, implicando que a análise a ser feita deverá buscar possíveis pontos de contato quanto ao uso do *smartphone* na interação social que terá os grupos de *WhatsApp* como ambiente de observação deste pesquisador. Isso implicará níveis e qualidades diferentes de sociabilidade e de solidariedade.

A ideia acima é bem sintética quando Lemos aponta que o ciberespaço não é desconectado da realidade, contrariamente constitui-se num espaço intermediário que faz parte da cultura contemporânea em que todos são atores, autores e agentes de interação (LE MOS, 1996). Disso decorre que, na atualidade, os valores e práticas de sociabilidade e solidariedade estão se tecendo por meio dessa entidade organizadamente caótica e onipresente que é o ciberespaço. Nesse novo contexto, praticamente tudo o que conhecemos ou achávamos conhecer passou e ainda passa por um processo de reconfiguração, realinhamento, remodelagem para atender àqueles “**novos**” interesses e necessidades dos indivíduos de cada uma das gerações, quando das suas interações mediadas pelo *smartphone*, dentre outras.

Com esta pesquisa empírica, atentamos mais para o caráter híbrido e impositivo dessas relações construídas entre indivíduos e grupos agora necessariamente submetidos àquela mediação tecnológica. Essa mediação diferenciada acaba por determinar como esses mesmos indivíduos e grupos se comportaram/comportam quando do início, desenvolvimento e consolidação das condutas de sociabilidade, com atenção especial àquelas situações que envolvam práticas de solidariedade, bem como se comportarão em suas relações interpessoais futuramente, já que esse é um contexto que não tem mais volta.

É fácil se verificar que as relações de sociabilidade nessa chamada sociedade da comunicação e informação acabam por prescindir da presença física dos interlocutores. É o ciberespaço em que acontece a comunicação interpessoal mediada por dispositivos eletrônicos e vinculada à *Internet*, constituindo-se num produto da Cibercultura. Tanto é assim que Marcos Palácio afirma:

(...) situações em que interações de caráter comunitário estão tendo lugar no ciberespaço, esse “não-lugar” formado pelas redes telemáticas. Comunidades virtuais, algumas congregando milhares de cidadãos, estão em pleno funcionamento, propiciando o aparecimento de novas formas de sociabilidade pouco ou nada conhecidas por nós. (PALACIO, 1996)

Essas novas e altamente eficientes possibilidades de interação propiciadas pela telefonia celular e alavancadas quando da imbricação desta com a informática e sua conjugação com a *Internet*, tem no *smartphone* um dos seus maiores símbolos. E com isso acabaram por interferir, e porque não dizer determinar, os processos de sociabilidade de diversas formas, tendo em vista particularidades inerentes aos indivíduos e inseridos nos seus diversos contextos de uso (pessoal, familiar, profissional, acadêmico, científico, comercial etc.).

Isso se evidencia pela forma como os grupos de *WhatsApp* podem se organizar enquanto comunidade ou associação – reiterando que em nosso entendimento tais grupos são um misto de ambos. Vivemos numa sociedade cibernética com uma cultura cibernética que acabou por estabelecer que o sentido de existência se dá justamente pela capacidade interacional dos indivíduos por intermédio de dispositivos eletrônicos. Dito de outra forma: agora, para existir, o indivíduo tem de estar conectado, pois essa se tornou a condição *sine qua non* para que os seus pares identifiquem sua existência entre si.

Com a disseminação e consolidação planetária do uso do *smartphone*, constatamos que há uma “desconstrução” quanto ao sentido de existência e das relações de sociabilidade, notadamente a presencial. Situação que decorre da fluidez e circulação imediata de mensagens e informações que cada indivíduo pode compartilhar a qualquer momento e de onde quer que esteja. Para se comprovar isso basta ver que até mesmo pelas calçadas, enquanto estão caminhando, as pessoas se trombam em função de estarem com os olhos colados na tela do celular, fazendo um sem-número de coisas, inclusive se colocando em risco: trocando mensagens de texto e áudio pelo *WhatsApp*, mandando imagens, vendo

vídeos, lendo *e-mails*, fazendo compras e/ou pagamentos, dentre tantas ações que poderiam ser aqui listadas.

Estar permanentemente conectado – e preferencialmente por meio do *smartphone* por conta da sua mobilidade e alta capacidade performática – se tornou aquilo que eu e milhões de outros indivíduos atualmente aplicamos para reconhecer o outro enquanto ente existente, pessoa, cidadão. E tanto isso é verdade que numa pesquisa realizada por Mariana Balboni (BALDONI, 2007) e que foi apresentada como sua tese de doutoramento na ECA/USP, a pesquisadora constatou que 59% da população brasileira ainda não haviam utilizado a *Internet* pelo menos uma vez na vida. Com base nesse dado, que hoje certamente se modificou, poderíamos dizer que mais da metade da população brasileira inexistia naquela época por estar fora dos usos e práticas da *internet*.

Destaca-se que, no período daquela pesquisa que deve ser anterior a 2010, o *smartphone* ainda não havia sido plenamente popularizado no Brasil, por diversos fatores, mas com destaque para o seu custo. Levando-se em conta que o aplicativo *WhatsApp* somente pode ser baixado e utilizado em *smartphones*, aquela exclusão poderia ser mais do que aparenta.

É certo que a pesquisa de Balboni teve seu foco num aspecto de inclusão digital, tendo como fator relevante o exercício da cidadania, mas isso em nada invalida a aplicação dos resultados daquele estudo nesta abordagem. Pelos aspectos citados, os grupos de *WhatsApp* acabam expressando formas diferentes de comunidade e associações nos quais é intrínseco esse caráter de ser ou não ser cidadão, de existir ou não existir no mundo real pela inclusão no universo digital, autorreconhecer-se ou não por integrar algum tipo de grupo no ciberespaço (*Facebook, Instagram, WhatsApp* etc.).

Apenas para reforçar o quadro captado por Balboni, quanto aos aspecto de inclusão digital e que implica as práticas de interação interpessoal mediada, mas agora incluindo os grupos de *WhatsApp*, trazemos os dados de Acesso às Tecnologias da Informação e da Comunicação – TIC Domicílios 2015, realizada pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto.br (NIC.br), entidade que implementa as decisões e projetos do Comitê Gestor da *Internet* no Brasil, onde está demonstrado que:

A partir dos dados da pesquisa TIC Domicílios 2014, é possível notar um aumento expressivo de usuários de Internet no Brasil. De acordo com os dados do Cetic.br, em 2005, 24% dos brasileiros declararam ter usado a Internet pelo menos uma vez nos últimos três meses. Já em 2014, a proporção de usuários passou para 55% da população, isto é, mais que o dobro. Considerando a projeção populacional, o país assistiu ao ingresso de cerca de 21 milhões de usuários de Internet na última década. Apesar do aumento expressivo, o crescimento do uso da Internet no Brasil tem se mantido dentro da média internacional. Em 2005, o Brasil ocupava a 82ª posição entre os 193 países-membros das Nações Unidas, segundo dados da União Internacional de Telecomunicações (UIT)²⁰. Em 2014, o país passou a figurar na 81ª posição, o que sugere que o crescimento dos usuários de Internet no país tem sido estável em relação a média internacional. No que se refere à Internet móvel, entretanto, o avanço tem sido mais acelerado. Os dados do Cetic.br registram, entre 2005 e 2008, estabilidade na proporção de usuários de Internet via telefonia móvel. Durante os quatro primeiros anos desde que a primeira pesquisa foi realizada, a proporção de usuários da rede via celular manteve-se entre 5% e 6%. Entre 2009 e 2014, o uso da Internet móvel mostrou forte aumento, atingindo 47% dos brasileiros. E é nessa modalidade de uso que os modelos de franquia se consolidaram no país. (DOMICÍLIOS, 2015, p. 94)

Num país com uma população de mais de 207 milhões de pessoas, segundo dados consolidados pelo IBGE⁸ (IBGE, 2015), em que a aquisição do *smartphone* bem como o custo da *Internet* ainda são relativamente altos, é curioso que 51% da população tenham buscado e conseguido se integrar a esse novo contexto. Isso quando comparamos com países do primeiro mundo, aliado ao fato de que no Brasil o poder aquisitivo numa expressiva parcela da população é muito oscilante para baixo. Novamente: isso implica que uma respeitável parcela da população não estaria inclusa no universo digital e poderia ser tida como excluída no aspecto real.

Disso decorrem situações quanto à sociabilidade e solidariedade da forma como anteriormente apresentadas e que dão suporte ao desenvolvimento desta pesquisa. É relevante verificar dados que a Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República do Brasil publicou em 2014, na “*Pesquisa Brasileira de Mídia 2015: Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*” IPAD-2015⁹ (SECOM, 2015), levantou em relação a esse contexto:

Apesar da sua crescente importância, é alto o percentual de entrevistados que ainda não utilizam a *internet* (51%). Contudo, entre os usuários, a exposição é intensa e com um padrão semelhante: 76% das pessoas acessam a *internet* todos os dias, com uma exposição média diária de 4h59 de 2ª a 6ª-feira e de 4h24 nos finais de semana. Eles estão em busca, principalmente, de informações (67%) – sejam elas notícias sobre temas diversos ou informações de um modo geral –, de diversão e entretenimento (67%), de uma forma de passar o tempo livre (38%) e de estudo e aprendizagem (24%). (SECOM, 2015, p. 49)

⁸ <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>

⁹ <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>

Também consta dessa pesquisa do IPAD (SECOM, 2015) que as características geracionais são fortemente determinantes nas práxis dos indivíduos relativamente aos seus processos/procedimentos de sociabilização, notadamente aqueles implementados pela mediação dos *smartphones*. No caso das gerações *Baby Bommers* e *XY*, certamente que foram totalmente desiguais as formas de assimilação no uso do *smartphone* e integração a grupos do aplicativo *WhatsApp*. Decerto que tais implicações quanto às mudanças nas valorações e práticas interacionais se ampliam quase que exponencialmente por serem elementos da cultura e dos hábitos de cada geração.

Da mesma forma, a solidariedade foi aprendida e apreendida de forma diferenciada, enquanto construção valorativa e ético-moral, pelos integrantes de cada uma dessas gerações. Tais mudanças culturais e de hábitos, capitaneadas pela tecnologia e seus dispositivos, impactou de forma particular os indivíduos de cada geração. Isso quanto à criação, manutenção, transformação ou retirada de valores e práticas que já estavam consolidadas na sociedade contemporânea enquanto evolução histórica da sociedade. Podemos verificar isso no que aponta Rousiley Maia:

(...) o familiar e o próximo misturam-se com o estranho e o distante, de modo que as fronteiras entre tais domínios tornam-se quase irreconhecíveis. [...] o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e informação abre um grande leque de possibilidades para a interação virtual entre indivíduos e grupos, para a coordenação da ação política ou para a promoção de mobilizações através de redes, em escalas planetárias, de um modo sem precedentes. (MAIA, 2006, p. 15)

Nessa perspectiva, quanto às transformações trazidas pelas tecnológicas de comunicação e informática quando imbrincadas, cremos que a assertiva de Zigmunt Bauman, em certa medida a esclarece:

Tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’. (BAUMAN, 2005, p. 17)

Aqui se faz necessário discutir os aspectos de identidade e territorialidade que são relevantes e implicam diretamente a forma diferenciada como a sociabilidade e a solidariedade foram assimiladas pelos indivíduos daquelas gerações. Aquelos aspectos necessariamente devem ser tidos como fator de pertencimento geracional.

Ora, em se constituindo como um elemento inerente à condição de humanidade dos indivíduos, é inegável que ambas são buscadas por todos, mas sempre tendo como objetivo final a garantia de um lugar nesse contexto interacional dentre os quais poderíamos citar: formação de convicções, assimilação de valores, moldagem comportamental e garantia ao indivíduo de um lugar no mundo.

Tanto a construção da identidade quanto o sentimento e prática da territorialidade, agora largamente efetivados sob a forma virtual, são extremamente interdependentes, já que é por essas condições que ambos acontecem, que os indivíduos e/ ou os grupos se sentem habilitados a praticar sua sociabilidade e solidariedade. Vemos com nitidez que aquele território virtual acabou se sobrepondo ao território real.

O virtual se potencializou para assumir diferentes formas ou funções nos aspectos culturais e até mesmo psicológicos dos indivíduos, passando a influenciar ou determinar manifestações emocionais, econômicas, políticas, físicas e até mesmo geográficas. E esse quadro está impregnado pelas balizas trazidas pelos avanços tecnológicos em escala mundial, que impactaram de distintas maneiras os indivíduos de cada uma das gerações analisadas.

Caberia aqui a pergunta: será que aquelas balizas realmente existem?

A revolução das tecnologias de comunicação estreita distâncias e desfaz fronteiras, com impactos inevitáveis aos conceitos e processos essenciais de comunicação, conforme ilustrado na Figura 2. O globo terrestre transforma-se num complexo espaço de relações desterritorializadas. Uma nova estrutura da sociedade surge composta por novos sujeitos interconectados mundialmente e que sequer tenham qualquer contato físico real. Mas isso não acontece de forma generalizada e balanceada, pelo contrário, realiza-se de forma caótica e até mesmo avassaladora, independentemente do “querer” de todos os indivíduos.

No processo de construção das ideias desta pesquisa, constatamos empiricamente que alguns indivíduos acabaram desenvolvendo uma relação de dependência quanto às suas condutas de sociabilidade e solidariedade. Essa dependência se dá em relação aos usos dos dispositivos tecnológicos de mediação. Nesse caso, nos grupos de *WhatsApp*, em razão de suas capacidades e potencialidades de implementação de contato/interação, independe da idade, da raça, da posição social, do nível educacional, da religião e até mesmo de onde as pessoas se encontrem físico-geograficamente. Consequentemente, não há uma homogeneidade quanto à formatação e expressão da sociabilidade mediada, bem como em

relação à implantação de um tipo diferenciado de solidariedade também mediada pela tecnologia.

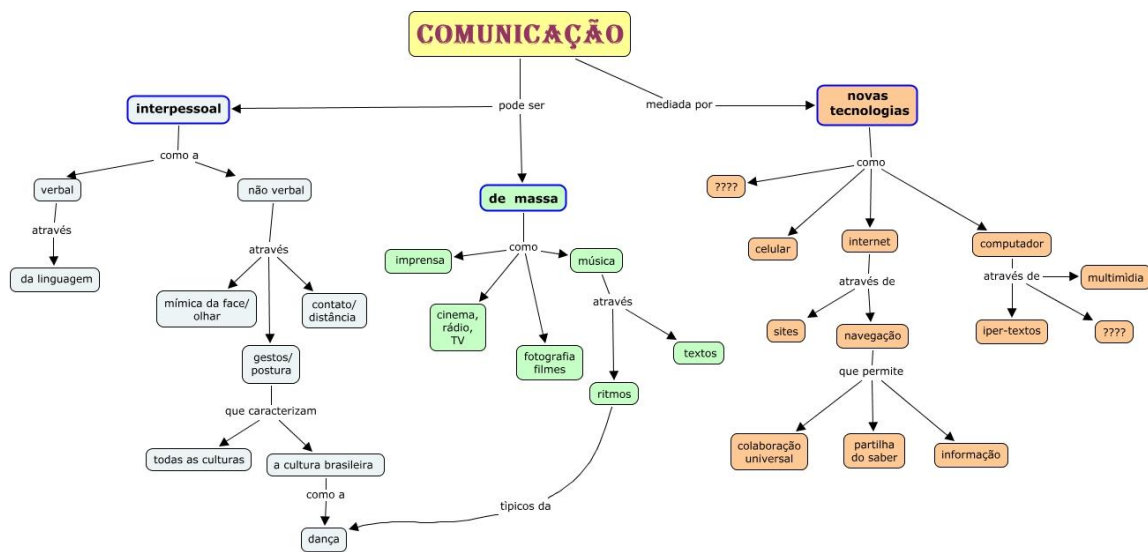


Figura 2. Comunicação interpessoal e aquela mediada pelos dispositivos tecnológicos Comunicação face a face e comunicação mediada pela tecnologia. Fonte: *Internet*

Pela análise que abarcou as gerações *Baby Bombers* e *XY* na amostra escolhida, esse dado empírico acabou sendo uma das motivações para a pesquisa porque a diferença entre as pessoas é inevitável e necessariamente precisou ser um aspecto a se considerar.

Adicionamos a isso o envolvimento de indivíduos de variadas gerações que podem interagir nos mesmos grupos ainda que possuindo valores e interesses muito distintos quanto às suas práticas de sociabilidade. E, no tocante à solidariedade, ela também não ocorre de uma forma padronizada, uma vez que seria o resultado de algum acontecimento específico que implicasse reforço do sentimento de unidade dos integrantes dos grupos de *WhatsApp*, enquanto exercício da sua sociabilidade mediada.

No caso específico da sociabilidade via grupos de *WhatsApp*, é patente a existência de um elemento diferencial embutido nas características sócio-histórico-culturais das gerações analisadas. Foram eleitas algumas dessas características inerentes a todos indivíduos de cada uma dessas gerações e dos grupos que integram, as quais acabam sendo misturadas no fluxo-refluxo de utilização nessa forma de interação já institucionalizada também na sociedade contemporânea brasileira. Tais características são integrantes das chamadas informações censitárias. Dentre elas, algumas específicas foram eleitas em razão do objeto e objetivo da análise.

Imbricando aquelas características sobre o *smartphone* e o seu aplicativo de grupos de *WhatsApp*, verificamos que se deu seguimento a um processo de sensível e visível modificação no *modus operandi* das práticas de sociabilidade e solidariedade de todos os indivíduos da amostra. Verificamos que pelo seu caráter verbal, sonoro, visual e desvinculado da presença física dos integrantes dos grupos no uso do aplicativo, isso se constituiu como o elemento transformador das já consolidadas práticas interacionais desses indivíduos. Resultou numa forma diferenciada de interação já consolidada, com impacto nas práticas de sociabilidade e solidariedade da amostra, tais como uma maior despersonalização dos interlocutores, abarcando indivíduos de todas as três gerações analisadas.

Com o *smartphone* somado ao aplicativo *WhatsApp*, os contatos face a face quase que passaram a ser a exceção e não a regra, já que essa interação mediada passou também a incluir fotografias, imagens (estáticas e móveis), jogos, vídeos e *links* compartilhados e até mesmo transmissão em tempo real, estando tudo acessível aos integrantes dos grupos de *WhatsApp* em qualquer momento e em qualquer lugar, bastando que se tenha acesso à *Internet*.

Quando analisamos os aspectos de sociabilidade e solidariedade vinculados a grupos de *WhatsApp* e que se constituiu em nosso objeto de estudo, dentro do vasto universo de pensadores e pesquisadores que poderiam ser utilizados, não há como se deixar de lado as ideias desenvolvidas por Michel Maffesoli (MAFFESOLI, 2010; MAFFESOLI, 2010) e Zygmunt Bauman (BAUMAN, 2004) como referências teóricas que buscaram lançar um olhar mais sensível sobre esse fenômeno da comunicação social e que impactou a comunicação interpessoal criado pelas descobertas tecnológicas (*smartphone* e aplicativos) que, acontecendo simultaneamente, foi assimilada e vivenciada de forma distinta por indivíduos das gerações *Baby Bombers* e *XY*.

Não podemos dizer que esses dois pensadores lançaram um mesmo olhar sobre aquele fenômeno, sendo certo que as ideias deles acabam por se complementar já que, para Michel Maffesoli, todas as mudanças decorreriam de novas formas de enxergar os agrupamentos sociais que estão acontecendo na contemporaneidade em função de condições particulares e que lhe são inerentes, enquanto Zygmunt Bauman, num contexto no mínimo dúbio, em que os indivíduos buscam desenvolver intenções que devem anteder simultaneamente a uma necessidade de se estar junto e ao mesmo tempo não estabelecer relações duradouras, o que se institui numa das evidentes ambivalências dos relacionamentos implementados no mundo virtual.

Maffesoli enxerga os agrupamentos sociais dentre os quais podemos incluir aqueles implementados sob a forma de grupos de *WhatsApp* como algo que conceituou de neotribalismo¹⁰ baseado fortemente numa socialidade representada pela proxemia na qual o indivíduo importa menos que a comunidade. No caso dos grupos de *WhatsApp*, isso pode ser evidenciado pela necessidade imposta de se fazer parte deles como forma de ser reconhecido enquanto pertencente a eles e presente na realidade, ou dito de outro modo: o indivíduo somente existe na medida em que participa de agrupamentos virtuais que o coloquem em contato com seus semelhantes, atestando sua existência no mundo real.

Na perspectiva dessa abordagem, faz-se necessário trazer o conceito que o autor faz sobre socialidade, que segundo Maffesoli (2010) envolve um contexto em que o indivíduo estaria forçado a deixar de ser ele mesmo dando lugar a uma pessoa que representa papéis nos diferentes setores sociais de que participa pautados e que implica assumir lugar em diferentes **neotribos** e grupos específicos. O sociólogo francês sustenta essa ideia da seguinte forma (2009, p. 100):

Ao social, correspondem a solidariedade mecânica, o instrumental, o projeto, a racionalidade e a finalidade; a socialidade, correspondem a solidariedade orgânica, a dimensão simbólica (comunicação), o não lógico, a preocupação com o presente. Ao drama, sucede o trágico, aquilo que é vivido em si mesmo sem rejeição às contradições. Ao futurismo, sucede o presenteísmo. (MAFFESOLI, 2009.)

Aplicando-se essa perspectiva de Maffesoli aos grupos de *WhatsApp* pesquisados e em relação à comunicação interpessoal mediada, verificamos que independentemente da geração as pessoas facilmente se encaixam naquele conceito de **neotribos** em que as reações, embora sendo fluidas e apresentando um alto grau de ajustamento e dispersão, acabam por impactar o *modus* de vida dos seus integrantes, implicando revisões quanto à forma de interação que, mesmo não sendo presencial, implica um nível diferenciado de comprometimento, sobretudo quanto às condutas de solidariedade. Isso se verifica na seguinte afirmação de Maffesoli:

“[...] as tribos das quais nos ocupamos podem ter um objetivo, uma finalidade, mas não é isso o essencial. O importante é a energia despendida para constituição do grupo como tal”. (MAFFESOLI, 2010, p. 164)

Dessa forma, nos grupos de *WhatsApp*, até mesmo por sua própria constituição, originam-se sujeitos duplos ou ambíguos que se expressam por uma teatralidade nas redes

¹⁰ NEOTRIBOS - Termo introduzido pelo sociólogo francês Michel Maffesoli no final do século XX, para caracterizar os novos agrupamentos sociais surgidos no contemporâneo. (MAFFESOLI, 2009)

sociais da *Internet*, insurgindo essas outras formas de estar junto, de copertencer e de se relacionar baseadas no que o pensador francês chama de o pacto emocional, em que a sociabilidade e a solidariedade se ajustam a essa condição da não presença, mas que não implica uma ausência, pelo contrário.

Podemos garantir com alguma segurança que nos grupos de *WhatsApp* os sentidos agora são construídos e experienciados no momento presente pela maximização do sensorial e das relações interpessoais mediadas enquanto prática mais regular de interação entre os indivíduos. Tudo passa a ser sentido enquanto e quando for compartilhado nesse momento de viralidade que se apresenta como uma das mais fortes características dos meios de comunicação social digitais. Na *Internet*, propaga-se a figura do fractal, do fragmentado, em que os indivíduos passam a buscar a sua realização nos mais diversos aspectos pelas interações *online* que lhes propiciam vivências de pequenas utopias que preenchem os vazios, conectam pedaços das vivências e ligam as pessoas mesmo que de uma forma fluida.

Já na perspectiva de Zygmunt Bauman, as reações interpessoais mediadas propiciam um estar junto, mas sem estabelecer relações duradouras, sendo isso uma das principais razões da ambivalência característica dos relacionamentos individuais e grupais como aqueles desenvolvidos em grupos de *WhatsApp*. Isso se evidencia na sua potente afirmação de que:

"a misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos, é o que este livro busca esclarecer, registrar e apreender" (BAUMAN, 2004, p. 8).

Daquela sua afirmação emerge que, em função do contexto cibernético no qual estamos imersos, as relações humanas não são mais espaços de certeza, tranquilidade e conforto espiritual, passando a se constituir fonte fecunda de ansiedade perpétua e de uma vida em permanente estado de alerta que se representa pela aflição com que os indivíduos aguardam o celular tocar ou vibrar, demonstrando que alguma mensagem lhes chegou, seja ela qual for. Aparentemente, com as novas redes de relacionamento que são formadas em espaços digitais e que trazem a noção de aproximação, acabamos por entender como natural aqueles momentos de isolamento real no qual acabamos por nos inserir, querendo ou não.

Podemos verificar que, por meio dos grupos de *WhatsApp*, os indivíduos buscam superar pela quantidade a fragilidade das suas relações e práticas de sociabilidade e solidariedade. A qualidade das relações é substituída pela quantidade, num simulacro que

procura tornar tais relações mais sólidas e reais. Esse desequilíbrio entre qualidade e quantidade das interações comunicacionais dos indivíduos acabou por gerar um sentido de unidade em que a homogeneidade aparentemente existente na verdade surgiu de uma massa para a qual foi imposta uma diminuição da distinção entre “nós” e “eles”. Há uma unidade que precisa ser construída por intermédio de um acordo “artificialmente produzido” que é a única forma disponível de unidade. Dessa forma assevera o sociólogo polonês:

De agora em diante, toda homogeneidade deve ser “pinçada” de uma massa confusa e variada por via de seleção, separação e exclusão; toda unidade precisa ser construída; o acordo “artificialmente produzido” é a única forma disponível de unidade. O entendimento comum só pode ser uma realização, alcançada (se for) ao fim de longa e tortuosa argumentação e persuasão, e em competição com um número indefinido de outras potencialidades – todas atraindo a atenção e cada uma delas prometendo uma variedade melhor (mais correta, mais eficaz ou mais agradável) de tarefas e soluções para os problemas da vida. E, se alcançado, o acordo comum nunca estará livre da memória dessas lutas passadas e das escolhas feitas no curso delas. (BAUMAN, 2003, p. 19).

Essa nova forma de sociabilidade se constitui e é aumentada pelas pequenas telas dos *Smartphones* que, mesmo impedindo a formação física de redes de parceria, possibilita e incentiva que mantenhamos contato intenso e com grande quantidade de mensagens nas redes sociais digitais. A segurança e o sentido de existência e pertencimento dos indivíduos se dão pela intensidade de suas conexões na rede, pois fora dela as interações se tornam frágeis e superficiais. Bauman propõe que, embora a sociabilidade seja uma das características da modernidade líquida, nela os indivíduos não mais têm um grupo de referência pelo qual se pautam. Isso implica a emergência da multidão na qual os indivíduos compartilham ações baseadas no instante em que se vive e nas condições semelhantes nas quais se encontram, sendo os grupos de *WhatsApp* uma forte representação desse contexto.

Dessa forma, a aplicação das ideias de Mafessoli e Bauman aos grupos de *WhatsApp* pesquisados é perfeitamente adequada, até mesmo em função do aspecto geracional presente já que as abordagens de ambos podem ser aplicadas indistintamente para indivíduos das gerações *Baby Boomers* e *XY* com pequenos ajustes em função de características culturais de cada uma delas. Mas há uma certa segurança em se afirmar que tanto a sociabilidade quanto a solidariedade exercitada nesses grupos de *WhatsApp* abarcam o que foi dito pelos pensadores em questão.

SOCIABILIDADE

O conceito corrente de sociabilidade e que consta de diversos dicionários brasileiros tais como FERREIRA, 2004; HOUAISS, 2000; BUENO, 1986 e RABAÇA e BARBOSA, 1978 assim se apresenta: “*Qualidade do que é sociável. 2 - Modos de quem vive em sociedade. 3 - Tendência para viver em sociedade*”¹¹.

É senso comum que os seres humanos estão naturalmente inclinados à vida em sociedade, sendo por natureza animais sociais, pois é praticamente impossível que um ser humano consiga viver somente para si em todos os aspectos, mesmo porque em algum momento ou de alguma forma na sua vida acaba necessitando de relacionamento(s) com seus iguais até mesmo para a sua sobrevivência.

Há, contudo, de se verificar que embutido no conceito de sociabilidade está outro conceito, que é o de socialização, o qual se constitui numa ação ou atitude de: “*Tornar ou tornar-se social ou sociável. 2 - Tornar ou tornar-se socialista. 3 - Reunir ou reunir-se em associação*” (FERREIRA, 2010).

Desses conceitos, entende-se que a sociabilidade seria o resultado do processo de socialização enquanto forma de interação¹², sendo formada por valores e práticas que os indivíduos se veem obrigados a exercitar, mesmo que inconscientemente, pois desde o nascimento já integram um grupo (familiar). Seguindo no processo, passam a estabelecer outras formas de interação que os colocará em contato com outros tipos de grupos (de amigos, da escola, da religião, do time de futebol, do bairro em que reside, da sua cidade, do seu país, do seu continente e do mundo). Para que isso ocorra, há a necessidade de assimilação de algumas características ao seu modo de ser, viver, expressar e interagir, num sistema de aprendizagem no qual estamos submetidos em toda a nossa vida e por meio do qual aprendemos as características do meio em que vivemos, até mesmo para poder interferir nele. Essa interferência já é resultado do processo de sociabilidade.

O desenvolvimento da própria história humana, sua movimentação e ocupação dos espaços geográficos do planeta e que implicou diversas culturas existentes, é também

¹¹ Dicionário Aurélio Online. (Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27 Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/sociabilidade>>. Acesso em: 18 Mar. 2017

¹² Interação: 2. Fenômeno que permite a certo número de indivíduos constituir-se em grupo, e que consiste no fato de que o comportamento de cada indivíduo se torna estímulo para outro. (Dicionário Aurélio Online. 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27 Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/interação>>. Acesso em: 18 Mar. 2017

resultado da sociabilidade que se manteve como o fator que possibilitou tais acontecimentos. A sociabilidade, então, acaba se constituindo como elemento fundamental à própria manutenção da espécie e seus domínios sobre o ambiente no qual se encontrava.

Diversos fatos e momentos da história exemplificam isso, mas certamente foi com as evoluções científicas e tecnológicas, especialmente aquelas ocorridas nos séculos XX e XXI, que o fator da sociabilidade se apresentou como vital para a humanidade, individual e grupalmente, dado que impactou simultaneamente muitos indivíduos e culturas em todo o planeta.

Nesta abordagem, vamos afunilar nossa observação nas descobertas da informática e da comunicação que realmente se consolidaram em meados do século passado até a atualidade. Desse contexto, pinçamos as chamadas sociedades em rede quanto a uma forma diferenciada de sociabilidade gerada pelo uso de dispositivos eletrônicos de comunicação e mediação. E devido à multiplicidade de dispositivos com aquela finalidade, optamos por analisar o aparelho *smartphone* e o aplicativo *WhatsApp* que lhe é inerente, sendo inquestionável o seu uso individual e em grupo por praticamente todos os indivíduos da era contemporânea.

A sociabilidade implementada, mantida ou transformada pela disseminação de grupos de *WhatsApp* nos chamou a atenção pela sua velocidade de assimilação, bem como por ter se constituído quase em um elemento vital para que o indivíduo exerça suas práticas interacionais.

No que tange às relações sociais mediadas pelos aparatos tecnológicos e que foram e estão sendo vivenciados de formas diferenciadas por indivíduos integrantes das gerações *Baby Boomers* e geração XY, esse foi um dos aspectos que também nos despertou curiosidade porque permeiam a própria formação daqueles grupos mediante mensagens que são veiculadas. Entendemos que isso pode ter um sentido comum de integração para indivíduos das três gerações. Nessa perspectiva, os *smartphones* e seus aplicativos que viabilizam a interação/conexão, como é o caso dos grupos de *WhatsApp*, popularizou-se mundialmente com o advento da *Internet*, podendo ser considerado para além do seu consumo como elementos de simples sociabilidade, pois como afirmou Simmel:

[...] forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Esses interesses, quer sejam

sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, causais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana. (SIMMEL, 1983, p. 166)

Estamos usando aqui o termo sociabilidade numa perspectiva *Simmiliana* – o sociólogo alemão usa o termo **sociação** – por entendermos que ambos apontam para algum tipo de “(...) *interação psíquica entre os indivíduos (...)*” (SIMMEL, 2006, p.15). Em vários dos seus textos, Simmel entende que os processos de comunicação e interação como aqueles que ocorrem em grupos de *WhatsApp*, constituem-se como “(...) *a forma lúdica do processo de sociação (...)*” (SIMMEL, 1983, p.169), tanto que reforça a possibilidade de uso comum dos termos ao afirmar:

(...)a sociedade, cuja vida se realiza num fluxo incessante, significa sempre que os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros. A sociedade é também algo funcional, algo que os indivíduos fazem e sofrem ao mesmo tempo, e que, de acordo com esse caráter fundamental, não se deveria falar de sociedade, mas de sociação (...) (SIMMEL, 2006, p. 18)

Nessa perspectiva de Simmel, a sociação se efetiva quando indivíduos interagem das formas mais variadas objetivando cooperação e colaboração, de modo que poderíamos dizer que quanto mais interação existe no mesmo grupo, mais sociabilidade contém. A categoria sociedade para Simmel não abrange apenas as interações duradouras e cristalizadas (Estado, religião, família, organizações supraindividuais etc.), podendo ser entendida e estendida como os indivíduos constantemente ligados uns aos outros, se autoinfluenciando ou determinando, enquanto resultado de um elemento funcional e temporal: a sociação. Nesta abordagem, reiteramos entender que seja a sociabilidade.

A sociedade se compõe por um “*acontecer*”, não se tratando de uma substância ou algo concreto em si mesmo, mas num processo relacional permanente “*que tem uma função pela qual cada um recebe de outrem ou comunica a outrem um destino e uma força*” (SIMMEL, 2006, p. 18). Sociação ou sociabilidade em nossa perspectiva é uma forma atual pela qual os indivíduos estabelecem algum tipo de unidade para satisfazerem interesses e necessidades que lhe sejam comuns, de forma permanente ou temporária. Todavia, no contexto atual, isso ocorre por uma diversificada gama de motivações que tem como ponto em comum o uso de dispositivos eletrônicos como o *smartphone* e seu aplicativo *WhatsApp*, que acoplando telefonia e informática modificaram sensivelmente as práticas e motivações de comunicação e mediação entre os indivíduos e grupos.

Para efeitos desta abordagem, aqueles termos aplicados ao *smartphone* e aos grupos de *WhatsApp* analisados serão entendidos como:

(...) estar com o outro, para o outro e contra o outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos de sociabilidade. (SIMMEL, 1983, p.168).

Ainda quanto ao que se constitua a sociabilidade, também julgamos interessante o proposto por Bauman (BAUMAN, 2004), quando o pesquisador narra um depoimento que ilustra como a imensa quantidade de dispositivos posta para uso dos indivíduos nas TICs (Tecnologia de Informação e Comunicação) fornece as ferramentas necessárias para um outro exercício de sociabilidade, uma na qual tanto é fácil se juntar como se romper qualquer tipo de contato, interação ou relacionamento: “*Você sempre pode apertar a tecla para deletar. Deixar de responder um e-mail é a coisa mais fácil do mundo*” (BAUMAN, 2004, p. 85).

Da mesma forma, nos grupos de *WhatsApp* o ato de repassar, ignorar ou até mesmo deletar uma mensagem recebida se constitui prática no mesmo sentido e intensidade apresentados por Bauman.

Mesmo assim não cremos ser verossímil afirmar que o uso do *smartphone* e seu aplicativo *WhatsApp* somente se justifica em nível de interconectividade, impingindo-lhe prioritariamente uma função de agregação de indivíduos dispersos num espaço comum, ainda que esse espaço seja todo o planeta. Constatamos que o *smartphone* também se aplica a usos estritamente individuais, sem que perca sua eficiência e abrangência, visto que possibilita a leitura de livros e revistas eletrônicos, o acesso a acervos de pinacotecas e museus, *streaming* de música e vídeos, compras e pagamentos *online* etc. E isso também se constituiria como outro *modus* de sociabilidade levado a efeitos pela disponibilização potencial e permanente de algo para compartilhamento.

Convalidando o dito acima, Bauman reconhece que a aplicação prática da sociabilidade via *smartphones*, embora não esteja intrinsecamente ligada aos valores individuais, que são constituídos, assimilados, mantidos ou transformados coletivamente. Tais condutas acabam sendo fortemente determinados pela forma como o próprio indivíduo utiliza seus aspectos subjetivos de personalidade na forma como age perante seus iguais, isso nos agrupamentos dos quais faz parte.

Esses elementos formatam os contextos de sociabilidade nos quais todos nós estamos inseridos atualmente, mas com as particularidades que nos individualizam. Aqueles elementos se autodeterminam e até mesmo se confrontam na medida em que alguma ferramenta de interação, o *smartphone* neste caso, é acionada para efetivar as múltiplas possibilidades de inter-relações sociais (indivíduo-indivíduo, indivíduo-grupo, grupo-grupo etc.).

Não há como nos omitirmos quanto à neutralidade inerente às ferramentas interacionais em geral, decorrendo disso que a sociabilidade enquanto valor e prática resulta de um processo permanente e diferenciado pelo(s) indivíduo(s) ou grupo(s) que a exerce(m), intermediado(s) por algum artefato tecnológico interacional, mas estando submetido às condições do contexto em que isso ocorre.

E esse contexto engloba os universos real e virtual, sendo quase infinitos para potencialidades e práticas de sociabilidade que, sem aplicação de uma visão maniqueísta, não podem ser reduzidas a algo que seja bom ou mau, certo ou errado, divino ou demoníaco. Por tudo isso novamente recorreremos a Bauman que também afirma: “*onde existe uso, há sempre a chance do abuso*” (BAUMAN, 2008, p. 10)

No cenário atual, é patente que o *smartphone* ocupou o lugar do telefone fixo e até mesmo do computador (pessoal, *notebook* ou *tablet*) isso em função da imbricação das tecnologias de informática e telecomunicação, sendo a representação por excelência da interação mediada e da sociabilidade compartilhada **no** e **pelo** ciberespaço. Frisamos que em nosso entendimento todos os valores e práticas de sociabilidade mediada, que agora influenciam fortemente as regras de construção de identidade e sentimento de pertencimento de grande parte da humanidade. Isso se constitui *per se* como causa e consequência na mudança de valores, ideologias, atitudes e formas de encarar o mundo em nível individual e coletivo, com evidentes desdobramentos diferenciados na sociabilidade de indivíduos pertencentes às gerações *Baby Bombers* e *XY*, enquanto característica cultural não só assimilada, mas individualizadora dessas gerações.

Pelo aspecto geracional eleito como um dos elementos de segmentação dos grupos de *WhatsApp* analisados, evidenciam-se **quais** e **como** foram os resultados nessa sociedade e cultura perpassadas fortemente por elementos tecnológicos. Aquelas gerações estiveram e estão em constante movimento quanto às suas próprias estruturas de constituição, manutenção ou transformação de valores, bem como de formas de ação dentro de um novo espaço social

que em sua grande parte não é mais real, mas sim virtual, com as evidentes implicações daí advindas.

Por força dos intercâmbios e trocas permanentes entre aqueles espaços (real e virtual), estamos obrigados a transitar diuturnamente em diversos tipos de agrupamentos humanos, enquanto indivíduos vivos e sociáveis. Disso deriva que tais espaços estão em constante mutação e reformulação, até independentemente da vontade dos seus participantes. Isso nos daria certa segurança em afirmar que a forma de contato, apropriação e uso do *smartphone*, enquanto dispositivo de mediação por cada uma daquelas gerações é uma instância que transpassa aquelas mutações e reformulações, sendo um dos poucos elementos que poderia ser utilizado para se compreender, numa análise simultânea e comparativa, a maioria das dinâmicas sociais referentes àquela sociabilidade geracional. Salientamos que esse entendimento se aplica ao objeto de estudo desta abordagem enquanto uma opção metodológico-conceitual de análise do pesquisador.

É sabido que qualquer situação de sociabilidade necessariamente envolve valores e práticas de interação (individual ou grupal), com adoção de papéis de emissão e recepção de mensagens somadas ao emprego mútuo das capacidades empáticas entre os interlocutores. Isso objetiva, por assim se dizer, a constituição de uma agregação que capacite os indivíduos a se comportarem em conformidade com as necessidades e interesses comuns daqueles que integram um dado contexto de sociabilidade. Logo, uma das características da sociabilidade tecnologicamente mediada seria uma predisposição atualmente cultural para duas ou mais pessoas, um grupo e uma pessoa ou vários grupos interagirem entre si por interconexão midiática, tentando estabelecer um acoplamento que possa ser expressado pelo conteúdo das mensagens trocadas entre si.

No caso da sociabilidade mediada por dispositivos eletroeletrônicos (*smartphone* + grupos de *WhatsApp*), objeto desta pesquisa, forçosamente há também de se ter em conta a capacidade da *Internet*, do dispositivo e desse aplicativo de interação. Como estamos estudando grupos de *WhatsApp*, as mensagens podem ser textos escritos e de áudio, fotos, vídeos, *gifs* e músicas, além de ligações tipo as telefônicas, mas com a possibilidade de imediata visualização entre os interlocutores. Essa sociabilidade interpessoal mediada pelo *smartphone* nas suas várias dimensões e categorias acabou se tornando um dos principais pilares que sustenta a configuração dos indivíduos e grupos nessa era digital/virtual. É patente que isso ocorre de forma diferenciada no caso das gerações analisadas. Como é indubitável

que o *smartphone* se incorporou à vida comum de todos e, independentemente de características físicas e/ou socioculturais dos indivíduos, poderíamos arriscar dizer que é dessa sociabilidade mediada que passaram a decorrer todas as demais que os seres humanos podem estabelecer durante a sua existência.

Há uma ideia recorrente, quase um senso comum, que a sociedade brasileira é composta por indivíduos naturalmente afáveis e acessíveis, aspecto que se acentuaria por características da nossa cultura, obrigando a dizer que o brasileiro é um ser dotado de grande potencial de sociabilidade. Nesse aspecto, pudemos constatar que a determinação de nossa sociabilidade por redes sociais extrapola o uso cotidiano, bastando para isso que se ande pelas ruas de cidades de todos os portes do país, onde se poderá ver pessoas o tempo todo conectadas pelos seus smartphones ou outros dispositivos eletrônicos de interação. Em estações de metrô, trens, ônibus ou barcas, nos aeroportos, museus, *shopping centers*, repartições públicas ou qualquer outro local de frequência coletiva onde haja sinal de *Internet*, agora é raro que as pessoas conversem entre si, pois estão majoritariamente com toda a sua atenção voltada para seus *smartphones* ou dispositivos similares.

A real extensão dos grupos de *WhatsApp* no país, podendo até representar uma prova de dependência quanto às nossas práticas individuais e coletivas de sociabilidade, foram os resultados de uma pesquisa do *On Device Research* (SOARES, 2013), feita em 2013, em que se comprovou uma fidelidade e preferência dos brasileiros. A pesquisa detectou que o *WhatsApp* era tido como principal aplicativo de mensagens nos *smartphones* de brasileiros. Tal pesquisa ouviu 3.759 usuários de *smartphones* no Brasil, EUA, África do Sul, China e Indonésia, adotando numa abordagem comparativa que não pode ser tida como aleatória.

Semelhante resultado poderia parecer irrelevante se no ano seguinte, em 2014, a Ericsson não tivesse também feito um estudo (GOMES, 2015; QURESHI, 2014) cujo resultado apontou outra realidade no caso do Brasil: 80% do fluxo de uso de aplicativos nos celulares era para o *Facebook*, *YouTube*, *Chrome*, *WhatsApp* e *Instagram*, nessa ordem. Essa pesquisa da Ericsson somente foi publicada numa matéria jornalística do portal G1 em 2015, quando por duas vezes o aplicativo foi bloqueado por determinações judiciais, gerando uma enorme onda de críticas e manifestações por toda sorte de usuários e em todo o território nacional, só que feitas via outras redes sociais, com destaque para o *Facebook*.

Dados mais recentes obtidos pela 28ª Pesquisa Anual de Administração e Uso de Tecnologia da Informação nas Empresas¹³, realizada pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP), organizada pelo professor Fernando Meirelles (MEIRELLES, 2016) e divulgada em 19 de abril de 2017, levando em conta apenas os *smartphones* com uso efetivo, constatou que:

(...)Hoje, o País tem 198 milhões de celulares inteligentes em uso, crescimento de 17% na comparação com os dados da pesquisa do ano passado. De acordo com o estudo, a expectativa é de que, nos próximos dois anos, o País tenha 236 milhões de aparelhos desse tipo nas mãos dos consumidores, em um crescimento de 19% em relação ao momento atual. (MEIRELLES, 2016)

Já segundo dados da pesquisa IDC *Mobile Phone Tracker Q3* (IDC, 2017), realizada pela consultoria IDC Brasil e publicada em 04 de dezembro de 2017, há uma aparente incoerência quanto ao comércio de aparelhos celulares e *smartphones* no Brasil:

“O mercado brasileiro de celulares voltou a cair no terceiro trimestre de 2016. Segundo o estudo IDC *Mobile Phone Tracker Q3*, realizado pela IDC Brasil, líder em inteligência de mercado, serviços de consultoria e conferências com as indústrias de Tecnologia da Informação e Telecomunicações, entre os meses de julho e setembro de 2017 foram comercializados 12,4 milhões de aparelhos, 2% a menos do que no mesmo período de 2016. Do total de celulares vendidos, 11,7 milhões foram *smartphones*, 5% a mais do que no terceiro trimestre de 2016, quando foram vendidos 11,2 milhões, e 700 mil unidades foram *feature phones*, ou seja, 51% a menos do que no terceiro trimestre de 2016, quando foram comercializados 1,4 milhão de aparelhos. A receita total aumentou 18% em relação ao terceiro trimestre de 2016, chegando a R\$ 13,1 bilhões. (IDC, 2017)

O uso dos grupos de *WhatsApp* no contexto da sociabilidade no Brasil pode ser tido como marcante porque possibilita uma interação comunicacional instantânea e ao mesmo tempo eficaz entre seus usuários, individual e grupalmente. Sua facilidade de uso aliada à possibilidade de conexão instantânea pela democratização de acesso à *Internet* (que se tornou uma exigência da sociedade e um item de política pública para o Estado) atraiu primeiramente os jovens da geração Y e uma boa parcela da geração X. Isso em função da intimidade com o *smartphone* e seus recursos. Com o passar do tempo, os indivíduos da geração *Baby Bombers* também passaram a fazer intenso uso do aplicativo até por uma imposição do contexto real.

O *smartphone* é uma fonte permanente e eficaz para o exercício daquela sociabilidade natural e cultural do brasileiro. Isso resultou numa espantosa proliferação de grupos: familiares, de trabalho, de amigos mais íntimos, de amigos do trabalho, de colegas de cursos

¹³ Vide link.estadao.com.br/noticias/gadget-ate-o-fim-de-2017-brasil-tera-um-smartphone-por-habitante-diz-pesquisa-da-fgv,70001744407

de línguas, de colegas e conhecidos de academias de ginástica, do bairro, rua ou até mesmo do condomínio onde as pessoas moram ou edifícios onde trabalham, da turma do colégio de seu filho, de eventos de que se irá participar, dentre tantas outras possibilidades, conforme ilustrado na Figura 3. Até mesmo a duração dos grupos é algo interessante de ser observado.



Figura 3. Por um lado, o uso do *smartphone* ampliou a capacidade de interação dos indivíduos em termos de quantidade, especialmente o acesso remoto as pessoas geograficamente distantes. Por outro lado, também tem potencializado uma descontinuidade (quantitativa e qualitativa) da interação face-a-face. Fonte: Internet (site de Duke Chargista, disponível em <https://www.facebook.com/dukechargista/>)

Mas que tipo de sociabilidade é essa que, em perpassando três gerações distintas de indivíduos, se constitui por mediação eletrônica e é calcada na realidade virtual que tem a *Internet* como seu ponto de sustento e existência? Estaríamos diante de uma sociabilidade concreta, verdadeira, efetiva, original, legítima, verídica, espontânea e genuína em que os indivíduos estivessem participando realmente por se sentirem pertencentes àqueles grupos de *WhatsApp*. Ou essa participação é uma a mera satisfação de necessidade de palmas e curtidas enquanto forma de uma aprovação social que sequer lhes resultasse em algum tipo de satisfação pessoal e emocional palpável ou tangível?

Ou essa sociabilidade é algo artificial, convencional, fingido e dissimulado enquanto um “**escape**” para uma subjetividade altamente frágil já que construída com elementos que não se encontram na vida concreta dos indivíduos, levando-os à filiação a um sem-número de grupos apenas para acompanhar uma “**onda**” ou um “**efeito manada**”, para utilizarmos um termo criado por Bumgarner (BUMGARNER, 2007). Essa sociabilidade é representada pelos

atos quase automáticos de se replicar quaisquer tipos de mensagens recebidas sem que sequer se saiba quem postou pela primeira vez, mas apenas para se fazer presente e se sentir integrante de algo maior e mais intenso que a própria vida real.

Seja real ou artificial em relação à sociabilidade experienciada via grupos de *WhatsApp*, é interessante a reflexão trazida pela pesquisadora Paula Sibilía (SIBILIA, 2008), apontando para um possível contexto de sociabilidades múltiplas, em que a *Internet* e seus recursos acabaria se constituindo como um grande laboratório para a criação de novas subjetividades.

Como valores e práticas da sociabilidade estão diretamente ligados com a forma de construção da subjetividade dos indivíduos, em que o aspecto geracional é altamente relevante, uma sociabilidade artificial de curtidas e de palmas enviadas de forma aleatória, enquanto uma resposta quase automática a um estímulo que seria o alarme do aplicativo, e que somente lhe chegaria pela existência da *Internet*, estaria mais perto do que foi dito por Castells (2005): “(...)é um instrumento que desenvolve, mas que não muda os comportamentos; ao contrário, os comportamentos apropriam-se da internet, amplificam-se e potencializam-se a partir do que são” (CASTELLS, 2005, p. 272).

Grande parte das óticas sobre a sociabilidade enquanto valor e prática dos indivíduos da sociedade virtual ou cibernética, por mais que apontem numa mesma direção, são parcialmente opostos em relação à qualidade dessa sociabilidade, que seria inconstante ou inconsistente em função do meio virtual do qual os indivíduos a obtêm. Verificamos que num permanente conflito entre interesses e necessidades, individuais e coletivos, é que se está constituindo uma sociabilidade virtual que novamente segundo Castells (2005):

A sociabilidade está se transformando através daquilo que alguns chamam de privatização da sociabilidade, que é a sociabilidade entre pessoas que constroem laços eletivos, que não são os que trabalham ou vivem em um mesmo lugar, que coincidem fisicamente, mas pessoas que se buscam: eu queria encontrar alguém que gostasse de andar de bicicleta comigo, mas primeiro tenho que procurar esse alguém. Por exemplo: como criar um clube de ciclismo? Como criar um clube de gente que se interesse por espeleologia? (CASTELLS, 2005, p.274)

A ideia de sociabilidades múltiplas defendida por Sibilía se torna mais densa pela afirmação de Castells para efeitos desta abordagem, pois ambos entendem que essas chamadas "comunidades virtuais" possuem uma lógica diferenciada quanto aos processos e práticas relacionais dos indivíduos. No caso dos grupos de *WhatsApp*, acabariam se constituindo em redes de afinidades que entendemos não podem ser tidas como comunidades

no seu sentido tradicional, já que baseadas em interesses e valores individuais que não precisam ser integralmente comuns ou permanentes.

Entendemos que tais ideias representam mais um tipo de agrupamentos de pessoas no espaço virtual, gerada por uma afinidade qualquer e que em sendo fortalecida mesmo que por uma imposição tecnológica, poderá gerar uma sociabilidade mais consistente e constante a ponto de constituir uma comunidade ou grupo, tais como os do *WhatsApp*, que acabe por surgir no universo virtual mas também passe a existir e gerar expressões no espaço real.

Aquele fortalecimento ou não certamente é resultado dos processos de sociabilidade daqueles que integram os agrupamentos, que pode acontecer por uma replicagem automática de uma imagem, como também pelo engajamento oportuno e consciente dos integrantes em algo que atenda a algum interesse ou necessidade de um integrante específico do grupo. Mas que implique uma necessidade colaborativa efetiva de todos, por exemplo. Não seria presunçoso afirmar que dessa existência grupal no espaço real e virtual, simultaneamente ou não, decorrem comprometimentos quanto à sociabilidade dos seus integrantes. Sendo assim, não se poderia ignorar o entendimento de Weber (WEBER, 1987) para quem o conceito de comunidade se sustenta numa orientação da ação social dos integrantes daqueles agrupamentos humanos e nos quais haveria uma sociabilidade mais consistente, resultando na formação de uma comunidade real. Essa comunidade estaria baseada em qualquer tipo efetivo de ligação emocional, afetiva ou tradicional dos seus integrantes, tanto que afirma: *“Chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo ideal baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes”* (WEBER 1987:77).

A ênfase dada por Weber no fator da solidariedade enquanto elemento aglutinador de grupos, comunidades ou sociedades sejam elas virtuais ou reais, possibilita-nos afirmar que suas existências somente se justificariam quando alicerçadas sobre um tipo de sentimento de situação comum. Isso somente aconteceria se estivesse aliada a valores e práticas de pertencimento e das possíveis consequências desse contexto, pois há também um senso comum de que qualquer ação feita pelo integrante de um grupo implicaria uma necessária reciprocidade. A reciprocidade se traduziria nesse sentimento de constituição de um todo que não seria a simples somatória de seus componentes.

Para os grupos de *WhatsApp*, esse conceito Weberiano se justificaria ser aplicado a qualquer tipo de interação ligada a aspectos do emocional, da afetividade ou do

tradicionalismo cultural de indivíduos e grupos. Dessa forma, está justificado que independentemente da quantidade de indivíduos, das suas motivações para fazer parte ou não de um grupo de *WhatsApp* e até mesmo da durabilidade desses grupos, todos aqueles aspectos elencados por Weber podem ser encontrados neles. Por isso encontraríamos respaldo na proposição de sociabilidades múltiplas (SIBILIA, 2008) uma vez que as formas de construção da subjetividade dos indivíduos nos tempos atuais inegavelmente se submetem às imposições da parafernália tecnológica que nos é imposta e somos quase que obrigados a utilizar, sob pena de não sermos reconhecidos como seres humanos do século XXI.

Essa organização dos grupamentos humanos por afinidades de gostos, necessidades e interesses, tem nos grupos de *WhatsApp* uma fidedigna representação. E com a popularização da *Internet* e das tecnologias aliadas à disseminação das realidades virtuais com sua capacidade de desterritorialização de espaços públicos e privados, individuais e coletivos, isso acaba por se impor e assumir as rédeas quanto à sociabilidade de cada indivíduo ligado à rede, tenha ele consciência ou não disso. E como se extrai dos dizeres de Lévy (1999):

Uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidades por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida nem uma coerção. Apesar de “não presente”, esta comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ela vive sem lugar de referência estável: em toda parte onde se encontrem seus membros móveis... ou em parte alguma. (LEVY, 1999)

Pela observação feita dos grupos de *WhatsApp* nesta pesquisa, não restaram dúvidas de que foi justamente a fusão entre o dispositivo e o aplicativo que somente se deu com o advento da *Internet*, que potencializou grandemente um novo *modus* social de vida e interação no qual o compartilhamento de experiências individuais e grupais é regra geral. Já que a barreira espacial foi totalmente rompida com a *Internet* dispensando a presença física dos interlocutores, modificou-se por completo o contexto para implementação de um contato interpessoal face a face, pois como afirmou Bauman: “(...)a proximidade não exige mais contiguidade física e a contiguidade física não determina mais a proximidade” (BAUMAN, 2004, p. 81).

SOLIDARIEDADE

Da mesma forma, a definição de solidariedade e que consta em FERREIRA, 2004; BUENO, 2000 e RABAÇA e BARBOSA, 1978, é: “*Qualidade do que é solidário. 2 - Dependência mútua. 3 - Reciprocidade de obrigações e interesses. 4 - Direito de reclamar só para si o que se deve a todos*¹⁴” (FERREIRA, 2010). Em função dessas definições, já se evidencia um forte componente ético-moral como inerente às formas de sua manifestação.

Não sendo muito diferente na Enciclopédia e Dicionário Koogan/Houaiss (HOUAISS, 2000), mas trazendo uma acepção mais elástica, o verbete está assim definido: “*s.f. Dependência mútua entre os homens. / Sentimento que leva os homens a se auxiliarem mutuamente. / Relação mútua entre coisas dependentes. / Jur. Compromisso pelo qual as pessoas se obrigam umas pelas outras.*”

Se buscarmos o mesmo termo no Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa na sua versão *online*, veremos que há uma visível ampliação de sentido:

solidariedade so-li-da-ri-e-da-de sf 1Qualidade, característica, condição ou estado de solidário. 2 Sentimento de amor ou compaixão pelos necessitados ou injustiçados, que impele o indivíduo a prestar-lhes ajuda moral ou material. 3 Ligação recíproca entre duas ou mais coisas ou pessoas, que são dependentes entre si. 4 Responsabilidade recíproca entre os membros de uma comunidade, de uma classe ou de uma instituição. 5 Apoio em favor de uma causa ou de um movimento. 6 Compartilhamento de ideias, de doutrinas ou de sentimentos. 7 Reciprocidade de interesses e obrigações. 8 JUR Compromisso jurídico entre as partes de uma obrigação, sejam eles credores ou devedores. 9 SOCIOL Estado ou situação de um grupo que resulta do compartilhamento de atitudes e sentimentos, tornando o grupo uma unidade mais coesa e sólida, com a capacidade de resistir às pressões externas. ETIMOLOGIA der de solidário+e+dade, como fr *solidarité*.

Confrontando essas definições e optando por enfatizar sua perspectiva interacional, nós nos valeremos das ideias do francês Émile Durkheim, considerado por muitos o criador da sociologia moderna e defensor de que a existência de uma sociedade, bem como sua própria coesão social, se sustenta no grau de consenso produzido entre os indivíduos que a compõem, o que foi por ele denominado de solidariedade social¹⁵.

Ele construiu suas ideias observando a sociedade industrial do século XIX, quando percebeu a importância de se compreender o que garantia a necessidade ou não da vida em

14 Dicionário online. Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27 - Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/solidariedade>. Acesso em: 23 Jun. 2017.

15 vide https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%89mile_Durkheim

sociedade para os seres humanos, com as implicações de um tipo de ligação que explicaria o próprio *modus* de organização social. Para Durkheim a sociedade contemporânea na qual vivemos e que teria se iniciado com a Revolução Francesa em 1789, organiza-se de maneira individualista por causa do modelo econômico implantado e que vige até hoje: o capitalismo. Como resultado daquele modelo, o sentimento de pertencimento seria mais comum em ambientes ajustados por aspectos da subjetividade de cada indivíduo (família, religião, partido político). E pela dinâmica social o pertencimento pode se expandir e extrapolar aquele fator subjetivo, estabelecendo novas e diversificadas formas de manifestação de solidariedade.

Durkheim identificou que os vínculos ou relações que unem os indivíduos nos mais diferentes tipos de sociedade aconteceriam como resultado daquela solidariedade social que se apresenta de dois tipos: mecânica e orgânica (RIBEIRO, 2016).

Essa solidariedade social, atentando que o termo já foi composto por duas palavras, se prenderia a outros dois elementos, já vinculados a particularidades individuais: os conceitos de consciência individual e de consciência coletiva. E como tais conceitos podem ser vistos como também integrantes da sociabilidade humana, poder-se-ia supor existir interdependência entre ambos. Daí nosso entendimento de que as diversas formas de manifestação de solidariedade podem ser compreendidas como um resultado das práticas de sociabilidade dos indivíduos.

A consciência individual é própria de cada indivíduo, possuindo características ligadas à sua personalidade ou seu modo de ser, enquanto a consciência coletiva seria o resultado de alguma combinação de todas as consciências individuais que, interagindo entre si, se autoinfluenciariam. Com a consciência individual, temos como tomar nossas decisões e praticamos nossos atos particulares em diversos contextos específicos (família, religião bairro, time de futebol etc.). Já a consciência coletiva estaria relacionada aos valores do grupo no qual nos inserimos, sendo-nos transmitida pelo convívio social para construção de nossos valores e práticas ético-morais e nossos sentimentos comuns principalmente, com isso se constituindo numa pressão externa no momento das escolhas que também acontecem naqueles contextos já específicos citados. A consciência coletiva pode ser passada de uma geração a outra com ou sem modificações, mas a consciência individual é construída particularmente sem que o aspecto geracional anterior a possa definir integralmente, mas com grande possibilidade de influenciá-la.

Na solidariedade social orgânica, ocorre um processo de individualização dos membros lhes dando uma margem maior na sua interpretação dos imperativos sociais que lhes são impostos. Entretanto, também objetiva melhorar o vínculo social por meio de algum tipo de divisão socialmente aceita, como a do trabalho, por exemplo.

Com isso, a diferenciação do trabalho entre os indivíduos resultaria naquela solidariedade devido à interdependência e ao reconhecimento de que todos são importantes para a satisfação de algum interesse ou necessidade do coletivo. Essa forma de consciência coletiva pode ter seu poder de influência reduzido, criando condições de sociabilidade bem diferentes e gerando variações daquele tipo de solidariedade identificada por Durkheim, acabando por se tornar numa condição para os indivíduos viverem se integrando a uma coletividade (grupo ou comunidade).

Já na solidariedade social mecânica, quanto mais forte a consciência coletiva, maior a sua intensidade e eficiência, visto que é diretamente dependente da extensão da vida social coletiva (ou comum). Essa solidariedade se expressa por meio de uma irmandade entre seus integrantes que vai ajustando as ligações entre eles, sendo bem representada pelos aspectos que contribuem para um vínculo social mais específico, tais como valores, costumes e tradições compartilhados harmonicamente, pois são aceitos e aprovados por todos.

A vontade e o desejo da coletividade suplantam essas mesmas manifestações no aspecto particular, propiciando um tipo aparentemente maior de harmonia e coesão social, que seria a base para o sentimento de pertencimento de cada indivíduo. Esse sentimento estaria presente na consciência de todos os integrantes de um grupo ou comunidade, como por exemplo um grupo de *WhatsApp*. Essas ideias podem ser verificadas na afirmação de Márcio de Oliveira (2012):

(...) Durkheim quer mostrar principalmente a função da consciência coletiva, ou seja, sua capacidade de criar laços sociais solidários entre os indivíduos ou, simplesmente, de criar solidariedade, ainda que, para isso, ele a associe à morfologia (volume e densidade) da sociedade. Dito de outro modo, na ausência de divisão do trabalho, tem-se a fluida relação entre a consciência coletiva e sua organização morfológica que faz os indivíduos se aproximarem, criarem laços sociais, sem os quais a própria sociedade não existe. Mas o esforço maior de Durkheim aqui é tanto provar a existência da consciência coletiva quanto mostrar as diferenças e semelhanças entre as sociedades avançadas e suas congêneres inferiores. As primeiras diferenciam-se das últimas porque a divisão do trabalho torna-se uma realidade, permitindo aos indivíduos maior liberdade de expressão e de ação, mas não a expensas da consciência coletiva (ou da sociedade), que continua a existir em ambas. Em consequência, a mudança fundamental nas sociedades avançadas seria apenas no número maior de estados coletivos. (OLIVEIRA, 2012, fragmento de fls. 73/74)

Na contemporaneidade, estaríamos vivendo quase integralmente de solidariedade orgânica, sobretudo quando tais conceitos são aplicados à sociedade com alta dependência da tecnologia porque, no aspecto de consciência, a solidariedade mecânica seria mais característica das sociedades ditas “primitivas” ou “arcaicas”, do tipo agrupamentos humanos tribais ou formados por clãs.

Desde a consolidação do capitalismo em nível global, predominam as sociedades ditas “modernas” ou “complexas” em que a consciência de cada indivíduo é mais acentuada, pois não há obrigatoriedade de compartilhamento dos mesmos valores e crenças sociais, além do que os interesses individuais são bastante distintos. Sustentando essa ideia, valemo-nos novamente de Ribeiro (2015), quando argumenta que:

(...) ainda que o imperativo social dado pela consciência coletiva seja enfraquecido numa sociedade de solidariedade orgânica, é preciso que este mesmo imperativo se faça presente para garantir minimamente o vínculo entre as pessoas, por mais individualistas que sejam. Do contrário, teríamos o fim da sociedade sem quaisquer laços de solidariedade. (RIBEIRO, 2015)

A ideia acima pode ser exemplificada pelo expressivo número de grupos ou comunidades virtuais especificamente criados em função de um interesse/necessidade de certos indivíduos e objetivando a promoção de uma interação focada nessa particularidade comum. Grupos de trabalho, de família, de moradores de um bairro ou logradouro, de uma turma escolar, de portadores de algum tipo de patologia, de uma dada seita ou religião, e por aí vai quase infinitamente. Quanto a esses aspectos, novamente Oliveira (2012) nos dá suporte:

(...) Embora direcionando seus esforços no sentido de demonstrar o caráter coletivo das representações e o impacto dos fatos sociais sobre o comportamento dos indivíduos – trabalho ao qual se dedica tanto nas Regras quanto em O Suicídio – Durkheim não perde de vista o problema da diferenciação entre representações individuais e representações coletivas. (OLIVEIRA, 2012, fragmento de fls. 77)

Mas quando olhamos um grupo de *WhatsApp* será que não teríamos uma mescla daqueles dois tipos de solidariedade, tendo como elemento diferenciador do contexto de criação e participação dos indivíduos aquele elemento tecnológico? Elemento esse que passou a servir como um dos principais fatores de coesão entre indivíduos na sociedade contemporânea?

Reforçando esse questionamento, não há como negar que o contato ou a proximidade física, que era elemento essencial em ambos os tipos de solidariedade no século XIX, no caso da sociedade contemporânea e com alta tecnologia para promover interações é algo

totalmente dispensável. Isso fica evidente quando falamos da sociabilidade mediante ideias de Simmel (1983), Weber (1987) e Sibilía (2008) dentre tantos outros que se debruçaram sobre essa temática.

Os grupos de *WhatsApp* que somente podem ser formados e acessados via *smartphones*, potencialmente conduzem à coexistência das solidariedades mecânica e orgânica de Durkheim, ainda que em desproporção. Por causa dos valores e práticas de sociabilidade que somente ocorrem se houver algum interesse ou necessidade comum, compele qualquer indivíduo a integrar ou não aquele tipo de grupo. Isso se torna evidente quando consideramos que, se para Émile Durkheim o homem se desconstruiu enquanto ser vivo não selvagem, isso aconteceu quando aprendeu a desenvolver hábitos e costumes compartilhados num dado grupo social. Os grupos de *WhatsApp* se amoldam perfeitamente a esse contexto.

Na atualidade, o uso dos grupos de *WhatsApp*, ainda que minimamente, passou a se constituir como conduta de autorreconhecimento do indivíduo enquanto ser sociável, por meio das suas diversas interações invariavelmente criadas com foco em interesses/necessidades previamente estabelecidos: religiões, esportes, *hobby*, atividades voltadas ao lazer ou privilegiando a amizade e a família, dentre outros. Portanto, qualquer que seja a solidariedade ou sociabilidade em questão, elas resultam de algum tipo de mediação eletrônica que passou a influenciar – ou por que não dizer determinar – nossas formas de interação e coesão social, sem que busquemos aqui aferir se isso foi positivo ou negativo.

Exemplificando aqueles interesses ou necessidades, poderíamos achar que o processo de educação dos indivíduos seria um elemento relevante na criação e participação dos indivíduos em grupos de *WhatsApp*. Disso resultaria numa socialização obrigatória dos indivíduos e que também implicaria a disseminação natural de manifestações de solidariedade. No entanto, é patente que não é bem assim, pelo menos no caso do Brasil, já que o mais comum de se ver são práticas de pessoas altamente alfabetizadas¹⁶ (universitários, por exemplo) que teriam práticas de sociabilidade em altos níveis, mas que são minimamente ou totalmente despidas de um sentido de solidariedade real e efetivo.

¹⁶ Sentido de alfabetização: 1 - Ação de alfabetizar, de propagar o ensino de leitura. 2 - Conjunto de conhecimentos adquiridos na escola. Dicionário online. Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27 - Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/alfabetização>. Acesso em: 13 Jun. 2017.

Se a alfabetização que pode ser confundida com educação¹⁷ realmente fosse aquele elemento diferenciador para indivíduos e grupos quanto às suas expressões de solidariedade, Oliveira (2012), recuperando as proposições de Durkheim, assim se posiciona:

(...) O papel da educação, para Durkheim, era construir um ser humano novo. Buscava-se um ideal e seu fundamento deveria justamente corresponder à representação que a sociedade se fazia de seus membros e de seu futuro. Referências ao tema das representações encontram-se igualmente no livro *A Educação Moral*. Nesse último, Durkheim (2008) fala ora do “sistema de representações”, ora das “representações” feitas sobre a sociedade, ora ainda da “representação” que uma criança faz da regra moral. Em qualquer uma dessas passagens, o termo de representações diz respeito àquilo que é pensado ou da transposição para o nível mental daquilo que se acredita ser a realidade. Mas diz respeito também às práticas, uma vez que as representações permitem compreender as últimas. Mitologia, religião ou ciência desempenham a mesma função cognitiva, afirma, lançando definitivamente as bases para a comparação entre ciência e religião. (OLIVEIRA, 2012, fragmento de fls. 82)

Em se tratando do aspecto educacional, quando sobrepomos a valores e práticas de solidariedade pela abordagem de Durkheim, verificamos que um comportamento desviante num grupo social tende a ser inibido por reação espontânea dos seus integrantes. Ação repressora até mesmo em grupos formados espontaneamente, como é o caso dos de *WhatsApp*, resulta da imposição de um tipo de conduta que é previamente fixado enquanto caráter comportamental daquela comunidade.

Por tudo isso, é patente a determinação da consciência coletiva sobre a individual, já que o processo de educação e interação desempenharia função de configuração dos indivíduos ao grupo em que vivem. Como isso é um processo permanente com o passar do tempo e das interações repetidas, as regras prefixadas deveriam automaticamente transformar-se em hábitos homogêneos quanto aos interesses ou necessidades dos componentes dos grupos de *WhatsApp*, por exemplo. Contudo, nem sempre isso acontece em função daquela consciência individual, que particulariza cada indivíduo.

Por entendermos que a solidariedade é uma forma de expressão da sociabilidade, haveria sua transmissão e assimilação naturalmente pelo processo educacional coercitivo (formal ou informal), pois que integrar um grupo ou comunidade já obriga a observância de regras e costumes prévia e historicamente fixados a que somos coagidos a nos submeter. Nessa perspectiva, mesmo em sociedades tidas como democráticas, o contexto é

¹⁷ Sentido de alfabetização: 1 - Ação de alfabetizar, de propagar o ensino de leitura. 2 - Conjunto de conhecimentos adquiridos na escola. Dicionário online. Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27 - Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/alfabetizacao>. Acesso em: 13 Jun. 2017.

simultaneamente coercitivo e dotado de existência própria e exterior às nossas consciências individuais. Quanto ao aspecto da solidariedade, isso pode até ocorrer enquanto perspectiva social, mas não nos parece que se efetive integralmente como práticas individuais espontâneas.

Ainda sob a perspectiva da educação, a *Internet* e suas redes sociais com seus grupos ou comunidades se constituíram como meio dotado de uma dupla consequência:

- a) potencialmente podem promover uma maior integração social (coletiva) ou um maior isolamento individual (pessoal);
- b) se levarmos o aspecto da solidariedade também em conta, precisaremos observar o contexto e suas consequências do ponto de vista do ambiente cultural e do indivíduo, destacando sua relação com ambos os mundos: o real e o virtual.

O que é ser solidário numa sociedade como a nossa? Como aconteceria essa solidariedade em nível virtual? Será que isso implicaria fraternidade¹⁸? Será que haveria alguma modificação marcante nas suas formas de expressão no universo real e no virtual? Em se considerando grupos de *WhatsApp*, haveria alguma particularidade mais acentuada inerente ao aplicativo?

Não temos qualquer pretensão de esgotar essa temática, muito pelo contrário, pois o que mais se tem visto na área das Ciências Humanas e Sociais é justamente pesquisadores se debruçando sobre o *WhatsApp*, tentando lançar os mais diversos olhares sobre esse aplicativo na busca de melhor entender as consequências advindas dele.

E se levarmos em conta o aspecto geracional, disso já decorreria uma infinidade de abordagens, dentre as quais optamos por analisar aquele binômio sociabilidade-solidariedade por entendermos que necessariamente estão imbrincados.

Enquanto valor e prática cultural que priorize alguma reciprocidade com base nas definições acima e considerando fortemente as proposições de Durkheim, as expressões de solidariedade via grupos de *WhatsApp* se apresentariam como uma potencial explicação para as diversas situações de exclusão, miséria e mazelas presentes na realidade atual. Tais

¹⁸ Fraternidade: 1 - Parentesco de irmãos ou irmãs. 2 - União fraternal. 3 - Amor ao próximo Dicionário online. Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27 - Disponível em: <https://dicionarioaurelio.com/fraternidade>. Acesso em: 13 Jun. 2017.

aspectos **da** e **na** nossa realidade capitalista e de consumo podem ser analisados em nível individual e grupal, por conta da necessária interconexão entre os indivíduos. Então, o elemento da solidariedade e as suas expressões seriam imprescindíveis. Enquanto prática social, poderíamos ter como seu ponto de origem aqueles ideais da Revolução Francesa, em que também estaria a gênese do atual estágio da sociedade contemporânea. Esse estágio é o do capitalismo desmedido no qual vivemos e do qual deriva o chamado “Capitalismo Informacional”¹⁹.

Atualmente, mais o uso do termo do que práticas efetivas de solidariedade proliferam de forma vertiginosa e enquanto conduta politicamente correta na sociedade contemporânea. Individual ou coletivamente, no universo real ou no virtual, o que temos é uma grande visibilidade quando o tema é a solidariedade por meio de inúmeras mensagens, postagens, vídeos, *GIFs* e campanhas difundidas com ou sobre esse fundamento.

Apontando para um potencial interesse/necessidade de recomposição das relações sociais quanto à solidariedade, essa ampliação no uso de grupos de *WhatsApp* poderia significar a necessidade de reformulação até mesmo do sentido de coesão social mediada pelos dispositivos eletrônicos disponíveis.

O exemplo da solidariedade orgânica enquanto expressão de um valor ou prática culturalmente compartilhadas pelos integrantes de um grupo ou comunidade pode ser bem visto e questionada por intermédio da parábola do Bom Samaritano²⁰ (Lucas 10:30-37), que textualmente apresenta o seguinte fato:

Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram, deixando-o quase morto. Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado. E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado. Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontrava o homem e, quando o viu, teve piedade dele. Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando nelas vinho e óleo. Depois colocou-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, deu dois denários ao hospedeiro e lhe disse: 'Cuide dele. Quando eu voltar, pagarei todas as despesas que você tiver'. "Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?" "Aquele que teve misericórdia dele", respondeu o perito na lei. Jesus lhe disse: "Vá e faça o mesmo". (A BIBLÍA SAGRADA, Lucas c.10 v.10-37)

¹⁹ vide https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo_informacional

²⁰ Samaritano – [Do lat. *Samaritanu.*] *adjetivo substantivo masculino* 1. DE, ou pertencente ou relativo a Samaria, antiga cidade da Palestina. 2 – Relativo ou pertencente a um grupo híbrido que se estabeleceu nessa região, e que os israelitas se recusaram a admitir como membro de seu povo. 3 - . Fig. Caridoso, bom, beneficente (por alusão ao Bom Samaritano, personagem bíblico). O Bom Samaritano. Personagem duma Parábola de Cristo apresentada como modelo de caridade. (FERREIRA, 2004)

Percebemos que, a começar pelo título “Parábola do bom samaritano”, já estamos diante de um paradoxo por conta do adjetivo, bom, seguido do termo samaritano, que historicamente seriam pessoas vindas da Samaria, uma região entre a Judeia e a Galileia, o que os fazia serem considerados impuros pela sociedade judaica da época. Logo, samaritano evoca a ideia de um indivíduo marginal, membro de uma comunidade (ou grupo) desprezada e tida como indigna. Ocorre que foi justamente esse indivíduo quem efetivou a expressão de solidariedade em favor de um seu semelhante.

No contexto da parábola, foi o “vilão” ou a má pessoa, sob certo aspecto valorativo da coletividade da época, quem praticou aquilo que todos aprovavam em suas consciências individuais, mas que não tiveram coragem de efetivar por atitudes. De todos os que viram a situação de um indivíduo que lhes era desconhecido, apenas o samaritano se preocupou com o fator da dignidade humana daquela pessoa. Daí se perceber que o reconhecimento do outro como seu igual é fator relevante enquanto valor e prática de solidariedade.

Na sociedade capitalista contemporânea e sem que se possa negar uma forte influência das tecnologias de informação, a solidariedade se tornou um valor mundialmente buscado e está mais do que em voga. Comprovamos isso porque a solidariedade constou expressamente no texto da Declaração do Milênio das Nações Unidas (ONU, 2000), enquanto resultado da Cúpula do Milênio das Nações Unidas, realizada na cidade de Nova York em setembro de 2000.

A Assembleia Geral, Adota a seguinte Declaração:

Declaração da Cúpula do Milênio das Nações Unidas

(...)

6. Nós consideramos certos valores fundamentais serem essenciais às relações internacionais no século vinte e um. Esses incluem:

(...)

c- Solidariedade. Desafios globais devem ser administrados em um modo que distribua custos e responsabilidades justamente de acordo com os princípios básicos da igualdade e justiça social. Aqueles que sofrem, ou menos beneficiados, merecem ajuda daqueles que mais se beneficiam. (ONU, 2000)

A formalização daquele documento resultou na fixação do dia 20 de dezembro como o “Dia Internacional da Solidariedade Humana”, mas isso só ocorreu em 2005 quando, curiosamente, aconteceu a celebração da primeira década das Nações Unidas para a Erradicação da Pobreza (1997-2006). Será que tudo isso aconteceu por mera coincidência?

Fica evidente a busca de uma nova matriz de coesão social mundial. E isso giraria em torno de algo que interessa ao capitalismo enquanto forma de organização da sociedade contemporânea e na qual o poder da interação via universo virtual é inquestionável. Mas seria a mesma solidariedade da parábola? A noção de dignidade humana é mutável, variando conforme as tendências e práticas culturais de uma da época, do local e até mesmo dos fatos que lhe promovam o debate. Na nossa civilização ocidental contemporânea, esse debate tem como pano de fundo textos como o daquela Declaração do Milênio das Nações Unidas, cujo reconhecimento é tido como uma característica universal, independentemente de qualquer outro fator.

Então, o aspecto das manifestações de solidariedade por meio da virtualidade nas relações humanas atuais é algo que necessariamente tem de ser levado em conta. Isso porque redonda dos avanços tecnológicos, abarcando o contexto da sociedade da comunicação e informação disseminada em escala global na contemporaneidade.

A pergunta é: Será que isso aconteceu?

Pelos grupos de *WhatsApp*, poderíamos pensar numa solidariedade orgânica que priorize produção de subjetividades tendo como base a interconexão de um com outro (interpessoal mediada), de um com vários (indivíduo-grupos) e de vários com vários (grupos-grupos). Disso resultaria uma subjetividade coletiva que não seria apenas a somatória das subjetividades individuais. Aparentemente, essa sociedade ao mesmo tempo real e virtual é mais permeável ao refazimento daquela subjetividade pelas práticas que não ignorassem o arcabouço histórico-cultural pretérito e que agenciaria esse processo.

Isso poderia ser tido como os que muitos chamam de solidariedade por convivência enquanto forma de subjetividade coletiva. Não se negaria também uma influência da condição geracional relacionada aos indivíduos e grupos naquele processo de refazimento de valores e práticas enquanto processo histórico-social em permanente desenvolvimento.

Será que neste caso não poderíamos usar como sinônimo aquela ideia de consciência coletiva de Émile Durkheim? Vemos que um processo de refazimento de valores e práticas do

senso comum, quando aplicados à solidariedade no contexto virtual em que se incluem os grupos de *WhatsApp*, está mais afeta à ideia de caridade²¹. Embora ela não deixe de ser uma característica presente na parábola, não se constituiu como atividade-fim da conduta do samaritano. A solidariedade espontaneamente exercitada por ele foi uma atividade-meio ou ato para o alcance de um objetivo maior. Naquele caso, esse objetivo seria uma manifestação de respeito pela dignidade humana e que já deveria fazer parte da subjetividade ou consciência coletiva dos indivíduos, enquanto valor e prática cultural.

Mas seja como subjetividade ou consciência coletiva quando lhe imbricamos o aspecto da solidariedade advinda das interações mediadas pelos grupos de *WhatsApp*, não temos como negar que há plena e efetivamente uma grande possibilidade de manipulação de muitos por poucos. E no caso dos grupos de *WhatsApp*, isso pode ser constatado pelo aumento crescente de denúncias quanto a encaminhamento de mensagens falsas relativas a fatos/acometimentos do interesse coletivo e que são disseminadas de forma viral por meio do aplicativo.

Isso não representaria justamente um ato de falta de solidariedade? Citamos como exemplo a grande quantidade de mensagens trocadas nas redes sociais, incluindo grupos de *WhatsApp*, quanto ao assassinato de Marielle Franco (vereadora carioca) e Anderson Pedro Gomes (seu motorista) ocorrido no dia 14 de março de 2018, na cidade do Rio de Janeiro. Apesar de não dispormos de levantamentos ou dados estatísticos, já que o evento é recente, verificamos que isso aconteceu nos grupos de *WhatsApp* analisados nesta pesquisa e dos quais fazemos parte.

Reiterando nosso entendimento de que a solidariedade seria uma expressão da sociabilidade no caso da sociedade contemporânea, então a gigantesca troca de informações sobre o assassinato e que se constituiu no grande assunto nos grupos de *WhatsApp* naquele dia e nos seguintes, surgem diversos questionamentos: o que teria gerado isso? teria sido um sentimento de solidariedade, fraternidade ou caridade? isso se expressou por meio de indivíduos puramente interconectados, mas sem uma motivação específica?

Por que ou o que teria compelido essas pessoas a apenas replicarem uma mensagem sobre um fato que lhes chegou por integrarem um grupo qualquer de *WhatsApp*?

²¹ Caridade – [Do lat. *Caritate*] S. f. Ét. No vocabulário cristão, o amor que move a vontade à busca efetiva do bem de outrem e procura identificar-se com o amor de Deus;(…) 2. Benevolência, complacência, compaixão. 3 – Beneficência, benefício, esmola. (FERREIRA, 2004)

Por esse exemplo, percebemos que equivocadamente o senso comum não entende ou se recusa a expressar a solidariedade como qualquer ato de união entre indivíduos, independentemente de quaisquer fatores que possam lhes diferenciar (raça, sexo, orientação sexual, credo/religião, local de moradia, nível de escolaridade). O que importa seria o atingimento de um objetivo comum, qualquer que fosse ele.

Aparentemente, as particularidades de cada indivíduo são momentaneamente deixadas de lado, passando as expressões de solidariedade a ter como fundamento o respeito pela dignidade da pessoa humana e na igualdade de direitos e obrigações entre todos os seres humanos. Por isso não é de se espantar que o assassinato da vereadora carioca tenha repercutido de forma tão intensa nos grupos de *WhatsApp*, dentro e até mesmo fora do Brasil.

Sem podermos afirmar categoricamente que tais expressões realmente sejam daquela solidariedade orgânica a que nos referimos, é oportuno pontuar que aquele fato serviu como justificativa para um sem-número de manifestações nos grupos de *WhatsApp*. Tais manifestações tiveram as mais diversas modulações (político-panfletário, de indignação coletiva, de demagogia social, de cobrança quanto a direitos fundamentais, dentre outras) e que foram amplamente divulgadas nas mídias jornalísticas²².

Curiosamente, do fato ocorrido e que envolveu dois indivíduos (a vereadora e seu motorista) nas notícias jornalísticas elencadas como exemplo, o destaque maior está centrado na pessoa de Marielle Franco. Em seu favor, as manifestações de solidariedade no aspecto da dignidade humana e no seu direito social de integridade física são explícitas e veementes. Mas e quanto à pessoa de Anderson Pedro Gomes? Seu nome quase não é citado ou se o é não está encoberto por aqueles mesmos valores de dignidade humana e direito à vida.

No exemplo das notícias veiculadas sobre o assassinato daquelas duas pessoas, quantas delas realmente representam expressões de uma solidariedade como aquele presente na parábola?

²² <https://oglobo.globo.com/rio/veja-repercussao-do-assassinato-de-vereadora-do-rio-marielle-franco-22491134>
<https://oglobo.globo.com/rio/manifestacoes-sao-marcadas-no-rio-em-outras-cidades-pelo-pais-apos-morte-de-marielle-franco-22491286>
https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/03/15/interna_politica,944213/assassinato-de-vereadora-carioca-pode-ter-sido-por-motivacao-politica.shtml
<https://veja.abril.com.br/brasil/as-noticias-sobre-o-assassinato-da-vereadora-marielle-franco/>
<http://vermelho.org.br/noticia/308846-1>
<https://www.brasildefato.com.br/2018/03/15/em-todo-pais-manifestantes-vao-as-ruas-para-denunciar-execucao-de-marielle-franco/>

E caso fosse possível compilar todas as mensagens trocadas em grupos de *WhatsApp* sobre esse fato recente, será que encontraríamos minimamente aquelas que se tornaram condutas efetivas de solidariedade dos membros de tais grupos no mundo real?

Entre o conteúdo discursivo de uma mensagem, vídeo, imagem ou *GIF* compartilhados em grupos de *WhatsApp* e sua expressão em condutas efetivas há uma grande distância. Cremos ser impossível asseverar que todas as pessoas que replicaram qualquer uma daquelas formas de compartilhamento do fato ocorrido realmente tenham se movimentado em função de uma solidariedade consciente e espontânea quanto àqueles indivíduos mortos.

Comparando o texto da parábola e os das notícias sobre um fato real ocorrido e que repercutiu nacionalmente, dificilmente poderíamos dizer que aquelas condutas recentes e generalizadas em nossa sociedade possam ser adjetivadas como a do samaritano da parábola. O senso comum atual dissemina que ser solidário e fraterno é ser bom, sendo isso representado pelo ato de dar esmola a um pedinte, comprar comida para uma pessoa que passa fome, doar roupas antigas, mas utilizáveis em campanhas de agasalho, arrecadar brinquedos para serem dados a crianças pobres no Natal, contribuir financeiramente no “Criança Esperança”, apenas para exemplificar. Tais exemplos estão fartamente presentes nas práticas de grande parte dos grupos de *WhatsApp*, como se fosse uma característica inerente aos mesmos enquanto modalidade interacional mais plena e efetiva da sociedade contemporânea.

Essa dignidade humana e que se vincula muito mais à solidariedade orgânica de Durkheim, deve ser vista no contexto das escolhas conscientes e práticas efetivas dos indivíduos de um grupo ou comunidade. Não teríamos como afirmar categoricamente que as interações ocorridas nos grupos de *WhatsApp* relacionadas àquele fato possam ser tidas como efetiva expressão de solidariedade. Práticas efetivas de solidariedade na sociedade capitalista global e da informação deveriam ser algo mais amplo que aqueles apresentados nos conceitos que iniciaram este capítulo e até mesmo na parábola bíblica destacada. No entanto, repercussões no mundo real por condutas efetivas enquanto expressões do mundo virtual não são regra. Por isso não entendemos que a solidariedade exercida nesse contexto de capitalismo e tecnologia extremos seria aquela mesma solidariedade orgânica concebida por Durkheim.

No caso da Declaração do Milênio (ONU, 2000), até mesmo suas motivações não podem ser entendidas como de uma solidariedade orgânica, pois aquele documento formalizado entre países intenta destacar a importância de práticas coletivas para construção

de um mundo melhor e mais seguro para todos. Algo muito mais afeto à solidariedade mecânica.

Transportando esses aspectos para os grupos de *WhatsApp*, verifica-se que essa solidariedade provém de indivíduos que não se concebem enquanto seres vivos e sociais sem uma interação permanentemente mediada do virtual para o real e vice-versa. Disso resultaria uma autodeterminação coletiva externa que moldaria suas consciências interna e individual implicando um tipo de solidariedade orgânica mediada pela tecnologia. Seria o reconhecimento prático pelos integrantes de grupos de *WhatsApp* de uma obrigação cultural de que indivíduos e grupos humanos que compartilham o mundo virtual têm de contribuir para o bem-estar dos demais, especialmente dos que têm mais necessidades.

Embora louvável, não cremos que isso efetivamente ocorra, ainda mais em se tratando grupos de *WhatsApp*, pois, embora o espaço virtual seja o *locus* em que todos podem se interconectar, acabamos por reproduzir um contexto de não pertencimento efetivo, contrariando aquela que seria sua função primordial.

Tais grupos da realidade virtual acabaram se tornando um dos principais espaços para implementação das interações dos indivíduos do mundo real, mas criando uma dinâmica própria quanto às práticas de solidariedade. Ocorre que na atualidade se tornaram muito relevantes ou até mesmo determinantes para consolidação de uma coesão social relativamente àquelas expressões de solidariedade entre as pessoas. Aspecto de alta racionalidade nesse tipo de prática é a utilização da solidariedade como elemento aglutinador se valendo de valores éticos previamente disseminados para estabelecer uma capacidade quase homogênea de indignação e compaixão entre os integrantes de um grupo de *WhatsApp*. Portanto, um comportamento individualista e não cooperativo acaba se tornando desastroso para o coletivo, obrigando a se estabelecer um tipo de dependência psíquica e material dos indivíduos que os forçaria a integrar em interagir grupalmente para se sentirem vivos e aceitos.

Aquele valor ético disseminado alavanca não só a troca de mensagens, mas também potencializa as expressões dos integrantes do grupo para algo que lhes seja de interesse ou necessidade comum. Aqui, sim, poderíamos ter aquela consciência coletiva que Durkheim identificou e que teria potência para se impor à consciência individual. Essa imposição se dá pelo consenso e aceitação de que sem o coletivo social o indivíduo inexistente enquanto ser real, não podendo enfrentar até mesmo desigualdades e injustiças das quais fosse vítima.

O contexto acima é a expressão de empoderamento da consciência coletiva sobre a individual, instrumentalizada pelos grupos de *WhatsApp* em seu discurso de solidariedade, em que a igualdade entre todos os seus integrantes estaria garantida. Esse empoderamento se efetiva quando há uma potencialização das capacidades individuais dos integrantes daquele contexto coletivo virtual.

Pode até ser verdade que isso aconteça, contudo no universo virtual isso também pode mascarar algum tipo de instrumentalização das pessoas, especialmente quando envolve a solidariedade. Tal manipulação se daria por um discurso de fraternidade explicitado nas mensagens compartilhadas. Esse discurso tende a ser disseminado quase automaticamente pelos integrantes do grupo, sem qualquer critério avaliativo quanto ao seu conteúdo. É apenas o reenviar, compartilhar, disseminar, como se isso fosse uma obrigação moral inescapável. É isso que muitos entendem como expressões de solidariedade. Mas isso também pode se tornar uma forma de manipulação porque embora haja um discurso de solidariedade sustentada num tipo de fraternidade virtual, quais são as garantias de que todos os integrantes sentem e praticam isso da mesma forma?

METODOLOGIA DE PESQUISA

MOTIVAÇÃO DA PESQUISA

A evolução da humanidade é caracterizada por importantes marcos que acabam por determinar ou fixar limites entre lapsos de tempo, na tentativa de marcar o que vivenciaram. Tais marcos podem ser históricos políticos e sociais, mas inquestionavelmente em todos eles se pode eleger um ou alguns elementos representativos.

No recorte histórico-temporal que nos propomos analisar, encontra-se o que poderíamos classificar de transição entre a Idade Moderna e a Pós-Moderna – admitindo que ela efetivamente exista e que estejamos nela –, que se caracteriza pelos grandes avanços tecnológicos com destaque para os da informática e telecomunicações com seus diversos tipos de dispositivos.

Como representação dessa fase, elegemos o lançamento do *Modem*, do *Computer Bulletin Board System* (BBS), que permitia aos computadores armazenarem e transmitirem grandes quantidades de informação e mensagens. Da sua evolução natural resultou o *Personal Computer* (PC) e posteriormente os *Notebooks* e *Tablets* que, quando popularizados mundialmente, propiciaram aos indivíduos e grupos o surgimento de uma nova fronteira para as comunicações, interações e práticas de sociabilidade e solidariedade agora não mais limitadas geográfica ou temporalmente. Seguindo o curso natural de desenvolvimento e no qual houve uma imbricação entre informática e telecomunicação, vimos entre as décadas de 1980 e 1990 o surgimento da *World Wide Web* (WWW), gerando uma explosão comunicacional em escala mundial e que já gerou transformações na forma de relacionamento dos indivíduos. E, quando da disponibilização dos chamados dispositivos *mobiles* (telefones celulares e *smartphones*) com sua multiplicidade de aplicativos somados ao acesso à banda larga, verificou-se uma transformação ainda mais profunda e radical para a sociabilidade e solidariedade de indivíduos e grupos (PRIMO, 2008).

Agora, no século XXI, como grande parte dos indivíduos passou a ter um computador ou *smartphone*, constatamos que a troca de mensagens se tornou horizontal, mais aberta e em enorme quantidade e velocidade. Esse contexto abarca uma diversidade de indivíduos que se tornaram efetivamente disseminadores de conteúdo e isso necessariamente tem implicações nas suas práticas de interação.

O contexto descrito acima acaba sendo potencializado e determinado pelas descobertas da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) em que a comunicação digital acaba por se impor nas relações interpessoais mediadas. A *Internet* se populariza, tornando-se o espaço em que as práticas de sociabilização se intensificam e se consolidam e, em alguns casos, até se iniciam por meio das ferramentas de comunicação digital fartamente disponibilizadas para todos, em todos os lugares, em qualquer momento.

Essa realidade que é simultaneamente compartilhada, mas não da mesma forma por indivíduos das gerações *Baby Bombers* e XY, somente se estabelece com o desenvolvimento, barateamento e larga comercialização daqueles dispositivos móveis, no nosso caso o *smartphone*. A isso se soma a popularização da banda larga de telefonia e às redes *WiFi*, que inclusive se tornaram elementos de Políticas Públicas mundialmente. Foi isso que possibilitou e a radical transformação a que nos referimos nas práticas de sociabilização e manifestações de solidariedade, transitando do real para o virtual ou vice-versa.

É justamente o aspecto de como aquele contexto influenciou, determinou e/ou transformou as práticas de sociabilidade e solidariedade mediada daquelas três gerações que se constitui no objeto desta pesquisa. Atualmente, encontramos pessoas de todas as idades usando seus *smartphones*, é claro que dentro de determinadas condições que são inerentes às características socioculturais de cada indivíduo. Referimo-nos aos indivíduos que integram as chamadas gerações *Baby Bombers XY*, que viveram o início, a consolidação e a disseminação mundial das práticas elencadas e que vieram no arrasto daquelas tecnologias vinculadas à WWW.

Optamos então por eleger os grupos de *WhatsApp* como objeto de estudo, pois como dito anteriormente, eles são a fiel representação do contexto descrito acima porque, como afirma Castells:

“(...) com a difusão da sociedade em rede e com a expansão das novas tecnologias de comunicação, dá-se uma explosão de redes horizontais de comunicação, bastante independentes do negócio dos media e dos governos, o que permite a emergência da comunicação de massas auto comandadas, cujas informações são difundidas de forma massiva em toda internet.” (CASTELLS, 2005)

Ao estudar as relações de interação mediadas nos grupos de *WhatsApp* pelas obras dos autores citados no referencial teórico, verificamos coerência quanto à influência daqueles grupos sobre as práticas de sociabilidade e as manifestações de solidariedade, individuais e grupais. Identificamos que houve efetivamente mudanças em diversos níveis e aspectos, bem

como que elas se processaram de forma diferenciada em função das características histórico-sócio-culturais dos integrantes de cada um dos grupos analisados e até mesmo em função da geração a que cada indivíduo pertença.

QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO

Em função do objeto e do tema sobre os quais nos debruçamos, a questão de investigação que se coloca e que justificaria a realização desta pesquisa seria a seguinte: qual foi o impacto que o uso do dispositivo de comunicação *smartphone* e do aplicativo *WhatsApp* teve na qualidade e nas formas de sociabilidade e solidariedade contemporâneas?

Como objetivo geral, esta investigação se propõe realizar um levantamento histórico e uma reflexão sobre como se operou o desenvolvimento das relações interpessoais de sociabilidade e solidariedade de três gerações (*Baby Bommers* e XY) em face da intermediação da comunicação digital visto que ela aconteceu de forma diferenciada para cada uma delas por fatores pessoais, culturais e tecnológicos disponíveis.

Ora, tentar mapear como se operava e como se operam aquelas práticas e manifestações em nível da interação mediada dessas três gerações, impactadas de forma diferente pela interface digital, conduz à análise desses indivíduos, suas condições pessoais enquanto atores do ato/fato da virtualidade como realidade comum a todos, sua forma de acesso a esse universo virtual e as consequências disso. O presente estudo também se propõe fazer uma reflexão sobre: as práticas de interação no ciberespaço em razão do uso do *smartphone* e dos grupos de *WhatsApp*.

Assim, desenvolveremos a análise de um contexto real e atual, a fim de aferir se as práticas implementadas com aquele dispositivo e aplicativo acabaram por impingir uma modificação severa na forma como os indivíduos e/ou grupos constroem suas pontes de relacionamentos em nível de sociabilidade e solidariedade.

OBJETIVOS DE PESQUISA

Poderíamos então propor que esse objetivo geral seria o seguinte:

- I) Quais os aspectos relacionados ao uso do *smartphone* e *WhatsApp* que impactam a questão da sociabilização e solidarização na forma individual e grupal, uma vez que estão relacionados com elementos culturais, sociais, econômicos e conjunturais inerentes a cada geração?

Enquanto objetivos específicos, buscaremos verificar:

- I) Com o uso do *smartphone* e *WhatsApp*, grande número de indivíduos pertencentes às gerações *Baby Bommers* e *XY* reduziu suas possibilidades de contato social direto (face a face), implicando em mudanças nos procedimentos de sociabilização e solidarização?
- II) O contato social mediado pelos grupos de *WhatsApp* difere significativamente da interação face a face?
- III) A construção de relacionamento via grupos de *WhatsApp* reduz as oportunidades de um conhecimento autêntico entre os interlocutores, tendo em vista a ausência de um contato direto e uma observação efetiva do desempenho deles em situações sociais reais de sociabilização e solidarização?

MÉTODOS DA PESQUISA

Como estratégia metodológica de pesquisa, seguindo observações do orientador, optamos por uma pesquisa de cunho qualitativo/quantitativo (por amostragem e via questionários), bem como pela análise textual das respostas, recorrendo ao método etnográfico, com a intenção de confirmar a questão de que a utilização do *smartphone* por meio de grupos *WhatsApp* tem a capacidade de afetar as experiências cotidianas de sociabilização e solidarização dos indivíduos, reconfigurando acentuadamente ou não o cenário das relações interpessoais num contexto de cibercultura. E, no caso de indivíduos de gerações diferentes, procuramos entender **de que modo** e **em que nível** essa influência se daria, tendo em tela as particularidades geracionais afetadas às práticas de sociabilidade e solidariedade mediadas pelo dispositivo e aplicativo.

Como campo empírico, escolhemos três (03) grupos do *WhatsApp* com características específicas (familiar, profissional e religioso) a que o pesquisador tem acesso, de forma a

melhor possibilitar a análise quanto à mensuração do uso do aplicativo e que também serve como verificação quanto às formas de uso do *smartphone* e dos grupos em si mesmos.

Dessa forma, além de questionários a serem aplicados aos integrantes dos grupos de *WhatsApp*, como o pesquisador tem acesso a eles, recorreremos também à observação participante (ainda que em pequenos níveis), atentando às interações entre os membros, bem como às maneiras como se relacionam com as informações e com as possibilidades do dispositivo/aplicativo quanto às possibilidades de interação a distância ou até mesmo face-a-face.

De fato, o uso do método etnográfico, ainda que parcialmente no caso da proposta desta pesquisa, apresentou-se como uma interessante prática do trabalho de campo, isso mediante uma convivência mais ou menos prolongada do pesquisador com os integrantes dos grupos a serem estudados. Essa prática de pesquisa de campo acaba por atender a uma demanda científica de produção de dados de conhecimento por meio de uma inter-relação efetiva entre o(a) pesquisador(a) e o objeto/sujeito pesquisado, que interagem num contexto mais duradouro, permitindo que o primeiro recorra dentre outros às técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas informais e formais, entrevistas abertas e não diretivas. A pesquisa etnográfica se realizando no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele observado, por meio da sua efetiva participação nas formas de sociabilidade e solidariedade que por ventura daquela realidade investigada se lhe apresenta como objeto de estudo.

No caso desta pesquisa, tanto a sociabilidade como a solidariedade acabam se constituindo domínios conceituais da pesquisa. Não se trata de um encontro eventual e/ou aleatório entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa, mas de uma relação que se prolonga no fluxo do tempo e na pluralidade dos espaços sociais vividos cotidianamente pelos indivíduos que compõem aqueles grupos de *WhatsApp*, com toda a multiplicidade de possibilidades que o *smartphone* e o aplicativo podem proporcionar. Dentro desse contexto, nossa principal preocupação é quanto ao necessário distanciamento entre o pesquisador e seu objeto, de forma a ser mantido o olhar crítico essencial à validação duma pesquisa científica. Nesse caso, isso estará sendo muito considerado quanto da observação participante, pois o pesquisador teve que captar determinados aspectos, condições ou características nas possíveis situações de socialização e solidarização existentes nas mensagens trocadas entre os integrantes dos

grupos analisados. Além disso, a própria participação do pesquisador nessa troca de mensagens poderá e deverá ser objeto de um olhar que vá além do senso comum, uma vez que o próprio pesquisador optou por se inserir no seu objeto de estudo.

PROCESSO DE PESQUISA

Por um fator operacional, optamos pelo uso de Questionários Abertos de análise Exploratória, dirigidos aos integrantes dos três grupos de *WhatsApp* em análise (familiar, profissional e religioso). Esses grupos possuem em média quarenta (40) integrantes:

- o primeiro e mais numeroso grupo, é o profissional, é composto por integrantes do meu curso universitário de Direito, que estão em sua maioria localizados na cidade de Vitória - ES;
- o segundo grupo é religioso, vinculado à religião Afro-brasileira do Candomblé e da roça de que o pesquisador faz parte, com todos os seus integrantes localizados na cidade do Rio de Janeiro;
- o terceiro é um grupo composto por integrantes da parte materna da família do pesquisador, destacando-se que este grupo integra pessoas que residem nos estados do Mato Grosso, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Santa Catarina e residentes na Alemanha.

Esse instrumento de pesquisa foi dividido em duas etapas: dados pessoais e profissionais, seguido das perguntas sobre uso do *smartphone* e *WhatsApp*. Um primeiro questionário, FASE I, foi designado “Questionário de análise exploratória preliminar – Relacionamento interpessoal mediado por celular”, sendo apresentado sob a forma de um *link* da *Internet* que foi enviado por *e-mail* a cinco (5) integrantes de cada um dos grupos estudados totalizando quinze (15) respondentes esperados. Foi dado um prazo de dez (10) dias para que os pesquisados respondessem ao instrumento, e para as questões apresentadas foram feitas perguntas abertas e de livre desenvolvimento pelo respondente, orientando os respondentes para que desenvolvessem respostas objetivas e precisas.

Com os dados coletados nesse primeiro questionário, decidimos criar um segundo questionário, FASE II, que também foi aberto e com um total de vinte e cinco (25) perguntas

pelas quais investigamos agora a observação dos aspectos da sociabilidade e solidariedade explicitada nos grupos de *WhatsApp* analisados. Esse segundo questionário foi também apresentado sob a forma de um *link* da *Internet*. Mas ao contrário do primeiro questionário, que foi direcionado especificamente para algumas pessoas de cada grupo, esse segundo questionário teve o *link* disponibilizado diretamente nos grupos em foco, com uma solicitação aberta e geral a fim de que todos os integrantes dos grupos (que pudessem ou quisessem) respondessem. Foi dado um prazo de noventa (90) dias para que os participantes respondessem, e a solicitação originária e geral, divulgada nos grupos, foi reforçada em intervalos regulares de tempo, por mensagens enviadas para integrantes específicos dos próprios grupos, como, por exemplo, os que responderam ao primeiro questionário. O presente documento destaca em capítulo específico a análise dos resultados das perguntas consideradas mais relevantes para os objetivos de pesquisa desejados, e a totalidade dos gráficos e dados coletados na FASE II podem ser conferidos na seção de Anexos.

Destaca-se que nos grupos eleitos existem indivíduos de todas as três gerações analisadas. Tal fato possibilitará a verificação de como se processa a utilização do *smartphone* e dos grupos de *WhatsApp* entre aqueles que necessariamente tiveram um contato diferenciado com essa possibilidade de interagir de forma simultânea com vários outros indivíduos ou grupos. Na realidade, o que surge como diferença é a forma, a intimidade e até mesmo a desenvoltura, por assim dizer, como esses indivíduos assimilaram e exercitaram as possibilidades de sociabilização e solidarização a integrar no seu cotidiano.

Assim sendo, temos um universo interacional de vastas proporções e com evidentes multidimensionalidades, propiciando o estabelecimento de uma rede em que tudo se compartilha, se troca e se divulga, pelo contato mais banal e desprezioso, naquele em que se programam reclamações, compromissos, ofertas, promessas, aceitações, recusas, consultas e resoluções, dentre outras coisas.

Com o(s) questionário(s), procuramos aferir a opinião dos integrantes dos grupos analisados e usuários do dispositivo/aplicativo, procurando descobrir as repercussões que o uso dos grupos vem trazendo às suas relações de sociabilidade e solidariedade cotidianas. Além disso, o(s) questionário(s) também permitiu(ram) averiguar como se processam tais relações e quanto tempo em média esses indivíduos dedicam a essas atividades de interação interpessoal mediadas virtualmente.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA FASE I

Para o desenvolvimento das ideias apresentadas quanto às possíveis alterações que o *smartphone* e o *WhatsApp* podem ter causado nas práticas de sociabilidade das gerações *Baby Bommers* e *XY*, optamos por analisar três (03) grupos distintos de *WhatsApp* dos quais o pesquisador faz parte.

Numa primeira abordagem de coleta de dados nesta fase, foram escolhidas aleatoriamente cinco (05) pessoas de cada um dos grupos, com ajuda do orientador, às quais foi disponibilizado um questionário virtual com *link* enviado por *e-mail*. Foi estabelecido um prazo de dez (10) dias para que fosse respondido, tendo sido fixado um tamanho de resposta de até dez (10) linhas, como forma de garantir que houvesse alguma objetividade e precisão quanto às respostas obtidas.

Nessa primeira abordagem, conseguimos obter um total de quatorze (14) respondentes dos quinze (15) esperados, tendo sido quatro (04) do grupo do Candomblé, quatro (04) do grupo da Família e seis (06) do grupo profissional. Desse total de respondentes, cinco (05) foram mulheres e nove (09) foram homens, correspondendo a 64% de indivíduos do sexo masculino e 36% do sexo feminino. Dessa amostragem, 65% têm curso superior completo, 7% superior incompleto, 7% superior com pós-graduação e 22% cursaram apenas o Ensino Médio completo. Quanto às faixas etárias, o respondente mais velho nasceu em 1949 e o mais novo em 1990, implicando em 40% com idades entre 53 e 67 anos, 31% com 49 anos de idade, 21% na faixa de 31 a 33 anos e 7% com até 25 anos de idade. Decerto que foram contempladas todas as gerações que estão sendo analisadas.

As questões apresentadas no questionário foram as seguintes:

1. Questão destinada a coleta de dados demográficos
2. Por que você se utiliza do *WHATSAPP*?
3. QUANDO e COMO você iniciou sua utilização do *WHATSAPP*?
4. Como você utiliza o *WHATSAPP*? Você faz parte de quantos grupos? Por quê?
5. Você teve dificuldades para utilizar esse aplicativo? Em caso de resposta positiva, quais foram essas dificuldades e como você as superou?

6. A utilização do *WHATSAPP* implicou no abandono e/ou redução da utilização de algum outro tipo/forma de comunicação (*E-MAIL*, *TELEFONEMA*, *CARTAS*, *SKYPE*, *MESSENGER* ETC.)? Por quê?
7. Você se julga *DEPENDENTE* OU *NÃO* da utilização permanente do *WHATSAPP*? Por quê?
8. Quando houve a suspensão dos serviços do *WHATSAPP* no Brasil, em mais de uma ocasião, em que isso impactou para você? Houve a busca de algum outro aplicativo similar imediatamente (*TELEGRAM*, *LINE*, *TALK ON*, *VIBER*)?
9. Você seria capaz de avaliar se o *WHATSAPP* influenciou ou não você no aspecto da sua sociabilidade?
10. Comente o que você acha relevante sobre o *WHATSAPP* e que não foi contemplado pelas questões acima.

Nesta análise exploratória, foram feitas perguntas abertas e de livre desenvolvimento pelo respondente como estratégia uma primeira “varredura” daqueles aspectos da comunicação interpessoal mediada enquanto vinculada às manifestações da sociabilidade dos entrevistados. Procuramos captar quais seriam os possíveis aspectos diferenciados que os entrevistados pudessem apresentar nas suas práticas interacionais quando vinculadas ao uso do aplicativo.

Optamos por uma análise textual das respostas na busca de palavras-termos-expressões que representassem pontos em comum quanto ao aspecto da sociabilidade dos entrevistados, conforme ilustrado na Tabela 1 abaixo. A avaliação dos termos levou em consideração características que os diferem entre si, como a idade (geração), sexo, escolaridade e profissão dos respondentes.

3	Facilidade	10	Rapidez/Rápido
2	Agilidade	6	Familiar/Família
18	Comunicação	6	Profissional
2	Praticidade	4	Telefone
1	Interação	4	<i>E-mail</i>
5	Telegran	1	Velocidade/Aplicativo

Tabela 1 - Contabilização de termos e/ou expressões identificados como relevantes durante o processo de análise textual das respostas do questionário

O questionário foi encaminhado no dia 03 de setembro de 2016, com solicitação de respostas até o dia 12 de setembro de 2016. No dia 12 de setembro de 2016, verificou-se que o questionário havia sido respondido por quatro (04) integrantes do grupo familiar, cinco (05) integrantes do grupo profissional e cinco (05) integrantes do grupo religioso. Com base nos dados demográficos observados, podemos descrever essa amostra da seguinte forma:

Grupo Familiar

- Dois (02) entrevistados do gênero masculino, com idades entre trinta e quarenta anos, ambos com curso superior completo e atuando no mercado de trabalho.
- Dois (02) entrevistados do gênero feminino, com idade acima de sessenta anos, ambas com curso superior completo, sendo uma aposentada e uma atuando no mercado de trabalho.
- Os indivíduos serão identificados por: P7 – P10 – P12 – P13.

Grupo Profissional

- Cinco (05) entrevistados do gênero masculino, com idades entre quarenta e sessenta anos, todos com curso superior completo e atuando no mercado de trabalho.
- Um (01) entrevistado do gênero feminino, com idade entre cinquenta e sessenta anos, com curso superior completo e atuando no mercado de trabalho.
- Os indivíduos serão identificados por: P2 – P3 – P4 – P5 – P6 – P11.

Grupo Religioso

- Dois (02) entrevistados do gênero masculino, com idade entre trinta e cinquenta e cinco anos, um com curso superior incompleto e outro com segundo grau completo, ambos atuando no mercado de trabalho.
- Dois (02) entrevistados do gênero feminino, com idade entre vinte e cinquenta anos, com segundo grau completo e ambas atuando no mercado de trabalho.
- Os indivíduos serão identificados por: P1 – P8 – P9 – P14.

Pela análise do discurso das respostas do questionário, fizemos um levantamento dos principais elementos vinculados à prática de sociabilidade, as respostas coletadas foram sumarizadas, o que gerou o seguinte resultado apresentado nas tabelas abaixo. Na Tabela 2,

são apresentados os resultados das questões de 2 a 6; enquanto a Tabela 3 apresenta os resultados das questões de 7 a 10, respectivamente:

Sumarização das Respostas – Parte I					
	Pergunta 02	Pergunta 03	Pergunta 04	Pergunta 05	Pergunta 06
P1	Facilidade, agilidade	2013, por trabalho	participa de cinco grupos, uso familiar e profissional	não	não
P2	Praticidade	2013	participa de oito grupos, uso diário	nenhuma	não, mas diminuiu o uso do telefone
P3	Interação, agilidade	2014, por trabalho	participa de quatro grupos, uso familiar e profissional	nenhuma. ágil e simples	sim, reduziu o uso do <i>e-mail</i>
P4	Comunicação	não soube precisar, mas a partir da compra de <i>iphone</i>	não quantificou os grupos de que participa, destacou o fator tempo na utilização	não	sim, reduziu o uso do <i>e-mail</i> e do telefone
P5	Comunicação, rapidez, objetividade	desde que o aplicativo foi disponibilizado no Brasil	não quantificou os grupos de que participa, todos relacionados ao trabalho, igreja e atividades sociais	não	sim
P6	Não respondeu	18 meses, por solicitação de familiares e amigos	não quantificou os grupos de que participa, destacou aspecto de contatos esporádicos no cotidiano	não	sim, destacando que praticamente deixou de usar as outras formas de comunicação, destacando o aspecto do baixo custo
P7	Comunicação familiar e profissional	não soube precisar, mas há muito tempo	não quantificou os grupos de que participa, destacou que utiliza muito profissionalmente e em nível familiar	não	sim, destacando o aspecto do baixo custo e explicitou a redução no uso de correspondências (cartas)
P8	Comunicação, facilidade	2015, com aquisição de celular que tinha esse aplicativo	não quantificou os grupos de que participa, destacou que utiliza muito profissionalmente	sim, admite que tem dificuldades até hoje	sim, destacando que praticamente deixou de usar as outras formas de comunicação, destacando o aspecto do baixo custo
P9	Comunicação, rapidez, facilidade, diversão	2011, por indicação de amiga e estando grávida	participa de quatro grupos: família, amigos e religião	não	sim, bastante, pela facilidade que o aplicativo possibilita
P10	Não respondeu	Não respondeu	não quantificou os grupos de que participa, destacou o uso para todos os tipos de	não	sim, reduziu o uso dos outros meios de comunicação, destacando a rapidez e alcance

			comunicação interpessoal		do aplicativo
P11	Relacionamento, rapidez, segurança	aproximadamente três anos	não quantificou os grupos de que participa, destacou o uso pessoal	não	sim, reduziu o uso do telefone
P12	Interação, praticidade, rapidez, escassez de tempo, ferramenta profissional	final de 2011	participa de quatro grupos, uso acentuadamente profissional	não	sim, reduziu o uso dos outros meios de comunicação, destacando o aspecto do custo, rapidez e facilidade do aplicativo
P13	Comunicação, aproximação	há aproximadamente três anos, em função do modismo	participa de três grupos, uso exclusivo para contato neles	não, mas admitiu que recorre à ajuda de terceiros quando tem dificuldades	sim, afirmando que o aplicativo é mais eficiente e rápido
P14	Não respondeu	2014	para interação com amigos	admitiu que tinha no início do uso do aplicativo, atualmente não mais	sim, não especificou como, mas destacando que o aplicativo possibilitou estreitamento de relações humanas

Tabela 2 - Sumarização das respostas obtidas no questionário da FASE 1: respostas às perguntas 2 a 6

Sumarização das Respostas -Parte II				
	Pergunta 07	Pergunta 08	Pergunta 09	Pergunta 10
P1	Não, pois segue utilizando outros apps, e-mail e telefone	não impactou, pois usou outras formas de comunicação	sim, mas não justificou de que forma	destacou que o aplicativo é ótimo e não apresenta aspectos negativos, exceto um uso errado pelos usuários que possam expor indevidamente algo ou alguém
P2	Não, pois utiliza o telefone também	respondeu que não, mas usou o telegram	sim, ajudou no estreitamento de laços com parentes que estão em locais distantes, pela troca de informações constantes	não respondeu
P3	Não, pois controla o tempo de utilização	“teve necessidade” de migrar para o telegram, por necessidade de manutenção dos contatos	sim, destacando que houve “aproximação” de pessoas que estão distantes e um “afastamento” de pessoas que estão próximas, inclusive em função das redes sociais em geral	destacou que o mais importante é a rapidez e instantaneidade de comunicação que o aplicativo possibilita
P4	Não, pois utilizaria outra ferramenta caso o aplicativo não funcionasse	sim, mas usou outras formas de comunicação	não, destacando a regularidade de uso do aplicativo	destacou o risco de “dependência” que o aplicativo pode gerar, somado a situações de

				exclusão social
P5	Independente, pois utiliza outras ferramentas de comunicação	sim, passou a usar o <i>telegram</i>	não, destacando que mesmo com o uso do aplicativo prioriza o contato pessoal real	destacou que o uso do aplicativo deve ser otimizado para não sobrecarregar os integrantes de grupos e usuários
P6	Não, mas destacou as qualidades de velocidade do aplicativo que o tornam necessário	sim, buscou outro aplicativo, mas sem especificação	sim, mas influenciou pouco, em função do uso limitado do aplicativo	não respondeu
P7	Não, pois utilizaria outra ferramenta caso o aplicativo não funcionasse	sim, mas não buscou outro aplicativo	sim e bastante, mas não justificou de que forma	não respondeu
P8	Sim, admite se sentir dependente do aplicativo	sim, destacando que teve de voltar a usar o telefone e <i>e-mail</i> , sendo isso muito ruim	sim e bastante, admitindo que o baixo custo do aplicativo é a principal razão no seu uso	destacou a rapidez e agilidade no contato social, ampliando a sociabilidade, bem como o aspecto do custo reduzido do aplicativo
P9	Sim, destacando que o aplicativo se tornou um vício para seus usuários	não, passou a usar o <i>messenger</i>	sim, quantificou em 30%, mas não justificou de que forma	destacou que o aplicativo é um “mal necessário na vida das pessoas”, importante em função da sua capacidade e rapidez de contato entre pessoas que estão longe fisicamente
P10	Sim, destacando que o aplicativo se tornou uma ferramenta de trabalho	não, mas não buscou outro aplicativo	sim, mas não justificou de que forma	destacou que o aplicativo e seu uso se adequa à realidade do Brasil
P11	Sim, pois atualmente o aplicativo se constituiu num “ótimo veículo” de comunicação	sim, passou a usar o <i>telegram</i>	não, mas sem qualquer justificativa	não respondeu
P12	Não, destacando existirem outras formas e outros aplicativos de comunicação	não, não buscou outro aplicativo e ficou aguardando a sua liberação	sim, destacando o aspecto de “falsa sensação de proximidade”, pela opção de uso do contato virtual ao real	destacou o aspecto de segurança e inviolabilidade
P13	Não, destacando que o uso do aplicativo é em momentos de folga das atividades diárias	não, voltou a usar o telefone e outros meios de contato	sim e bastante, tendo destacado o aspecto da rapidez como o elemento mais relevante quanto à sua sociabilidade	destacou que não é “dependente” do aplicativo e que o usa como forma de comunicação rápida e eficiente, tendo explicitado aspectos de moralidade no uso
P14	Sim, declarou-se dependente e enfatizou que não sabe se conseguiria viver mais sem o aplicativo	não, mas instalou imediatamente o <i>telegram</i>	disse que não teria condições de explicar o que a questão colocava	não respondeu

Tabela 3 -Sumarização das respostas obtidas no questionário da FASE 1: respostas às perguntas 7 a 10

Foi possível observar alguns fatos interessantes durante a análise do discurso, e que foram considerados relevantes para identificar características e comportamentos no contexto dos objetivos gerais e específicos deste estudo foram listados a seguir:

- Em nível de identificação do início de uso do aplicativo, o período é entre 2011 e 2015.
- Em nível de quantificação de grupos de que os entrevistados participam, a variação é entre três (03) e oito (08) grupos, por motivações diversificadas.
- Em nível de quantificação de dificuldade para uso do aplicativo, apenas dois (02) dos entrevistados reconheceram alguma dificuldade.
- Em nível de quantificação de uma redução no uso de outros meios de comunicação interpessoal mediada, apenas dois (02) entrevistados disseram que não houve mudanças significativas.
- Em nível de quantificação de uma possível “dependência” dos entrevistados quanto ao aplicativo, quatro (04) entrevistados admitiram essa condição, criada por diversos fatores.
- Em nível de quantificação na busca de um substituto para o aplicativo, em caso de problemas técnicos ou não, seis (06) admitiram ter feito isso.
- Em nível de quantificação da influência do aplicativo quanto à sociabilidade dos entrevistados, onze (11) admitiram que isso ocorreu.

De posse das respostas, fizemos uma análise de texto e, paralelamente, passamos a verificar as práticas desses entrevistados em suas condutas dentro do grupo de *WhatsApp* a que pertencia cada um. Pudemos encontrar alguns aspectos relevantes e que constam das respostas em anexo:

- Praticamente todos os respondentes estão usando o aplicativo há mais de cinco anos, com destaque para o fato de que é desse período a popularização dos *smartphones* no Brasil;
- Todos foram unânimes em reconhecer a necessidade que tem do aplicativo na sua vida diária, mas com expressa manifestação de que não existiria uma dependência

quanto a ele. No particular desse aspecto, cremos que houve uma inibição induzida pela questão, por conta do aspecto pejorativo do termo dependência;

- Praticamente todos participam de dois grupos ou mais, com características diversas (familiar, profissional, religioso, de amigos etc.);
- Todos foram unânimes em afirmar que, após o *WhatsApp*, tiveram uma acentuada redução no uso de outras formas de comunicação (telefone, *e-mail*, carta etc.). Mesmo assim não houve a eliminação total de uso dessas formas de comunicação, mas foi manifestada uma preferência pelo aplicativo, sobretudo em função do seu aspecto técnico de instantaneidade;
- Praticamente todos buscaram a utilização de algum outro tipo de aplicativo de comunicação instantânea e via *smartphone*, quando das duas situações de suspensão dos serviços no Brasil, isso em razão de decisão judicial. O *Telegram* foi o aplicativo mais citado;
- Praticamente todos reconhecem que o uso do *WhatsApp* influenciou na sua sociabilidade, mas sem conseguir definir claramente como seja isso. Entendemos que essa confusão se dá pelo que seria compreendido pelos respondentes como sociabilidade que, aparentemente, é sinônimo de conversar.

Um aspecto que nos chamou a atenção quando da disponibilização do questionário e do envio das respostas foi a média de tempo gasto para responder, que variou de cinco minutos a 41 minutos, e não tivemos condições de precisar o que teria motivado essa grande diferença entre os respondentes. Destacamos, todavia, que a plataforma *Survey Mankey*²³, utilizada para fazer a pesquisa, contabiliza o tempo entre a abertura do questionário e sua submissão.

Além disso, em relação à questão 10, que foi concebida para captar algum aspecto particularizado sobre o uso do *WhatsApp* pelos entrevistados e que não houvesse sido contemplado nas questões anteriores, cinco dos respondentes a deixaram em branco. Ainda que empiricamente, poderíamos extrair dessa situação que muitos usuários do aplicativo, embora o tenham incorporado ao seu cotidiano, fizeram isso de uma forma quase imitativa,

²³ <https://pt.surveymonkey.com/>

sem uma avaliação crítica quanto ao mesmo e as implicações que isso poderia gerar em suas práticas de sociabilidade e solidariedade.

Verificamos que trocas de mensagens de gentileza como bom dia e felicitações por aniversário, mensagens de conteúdo humorístico e político, especialmente no período de eleições municipais, vídeos de diversos conteúdos, além de muitas mensagens de brincadeiras foram as mais realizadas em todos os grupos analisados. Houve também grande utilização para marcação e confirmação de participação em eventos diversos (aniversários, casamentos, batizados, jantares etc.), demonstrando um caráter de agendamento que também passou a se constituir como outra função do aplicativo.

Especificamente quanto à análise das respostas da FASE I, cumpre destacar que alguns respondentes acabaram fazendo confusão quanto ao sentido das questões 02 e 03, de forma que elas acabaram sendo respondidas numa mesma resposta, embora fossem perguntas distintas. E, em função de já ter sido iniciada a análise, o pesquisador optou por não enviar *e-mail* solicitando qualquer tipo de retificação dos respondentes. Em razão disso e para não haver prejuízo na análise de dados, o pesquisador tentou contornar a situação dividindo o que era a resposta à pergunta 2 original em duas partes, fazendo a segunda parte constar como a resposta da questão 3, sem que isso implique manipulação das respostas.

Certamente, com o aprofundamento da análise de texto das respostas do primeiro questionário, bem como pelo que for respondido no segundo e que buscará preencher as lacunas do anterior, emergirá um quadro muito mais confiável de como esse aplicativo está a agir nas práticas interacionais de sociabilidade e solidariedade daqueles que integram os grupos analisados.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS DA FASE II

As informações contidas no presente capítulo se referem à apresentação e análise de resultados do questionário da FASE II, baseado nos dados extraídos desta pesquisa intitulada “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Bommers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018). Esses dados são apresentados integralmente no Anexo Digital que acompanha este documento, “Tabulação de Respostas do Questionário FASE 2”, (arquivo TabRespQuestFase2.pdf da *pen-drive*).

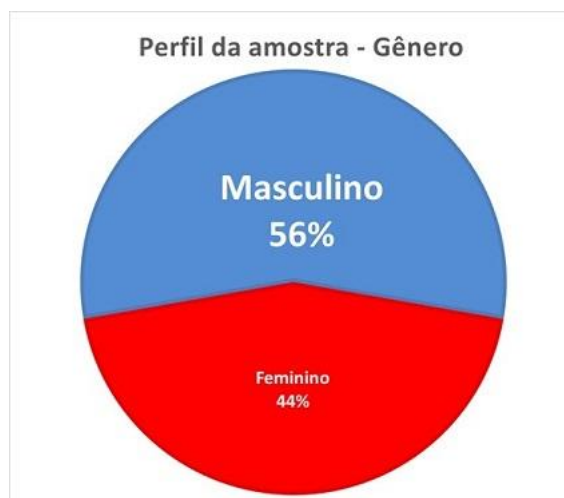
1. PERFIL DA AMOSTRA

O universo da pesquisa constitui-se por 99 usuários do aplicativo *WhatsApp*, participantes de três grupos, dos quais o pesquisador é membro, segmentados conforme descrição a seguir.

1.1 Por Gênero

A amostra está constituída, quanto ao gênero, por 55,6% de indivíduos do sexo masculino e 44,4% do sexo feminino. Destaca-se que a ligeira diferença encontrada não pode ser tida como fator relevante, estando dentro de uma margem de erro aceitável, conforme demonstrado pelo Gráfico 1.

Gráfico 1 - Perfil da Amostra – Gênero (arquivo G1P1Genero.png)



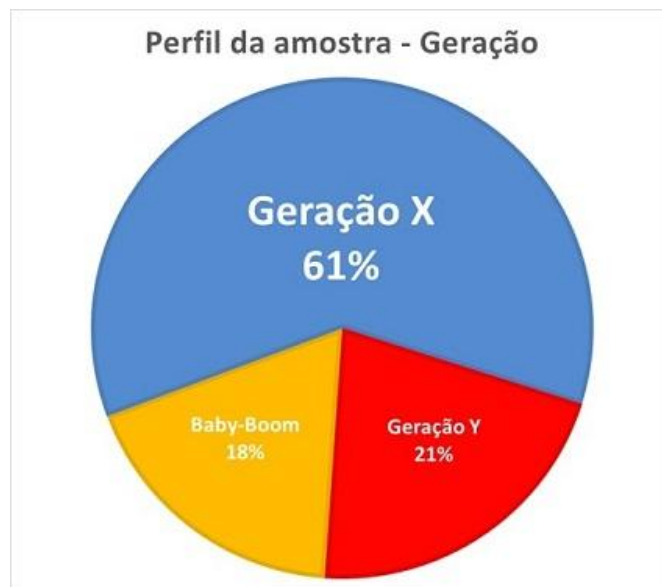
Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Bommers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

1.2 Por Geração

A amostra está constituída, quanto ao aspecto geracional, por 60,6% de indivíduos da geração X, 21,2% da geração Y e 18,2% da geração *Baby-Boomers*, conforme apresentado no Gráfico 2, de acordo com as datas de nascimento informadas pelos respondentes e pela convenção temporal adotada desde o início da pesquisa:

- Nascidos de 1961-1979, Geração *Baby Boomers*;
- Nascidos de 1978-1992, Geração X;
- Nascidos de 1993 em diante Geração Y.

Gráfico 2 - Perfil da Amostra – Geração (arquivo G2P1Geracao.png)



Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Bombers* e XY: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

1.3 Por Escolaridade

A amostra está constituída, quanto ao nível de escolaridade, por 61,6% de indivíduos com ensino superior, 31,3% com pós-graduação e 7,1% com nível médio, de acordo com as informações dos respondentes, conforme ilustrado no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Perfil da Amostra – Escolaridade (arquivo G3P1Escolaridade.png)

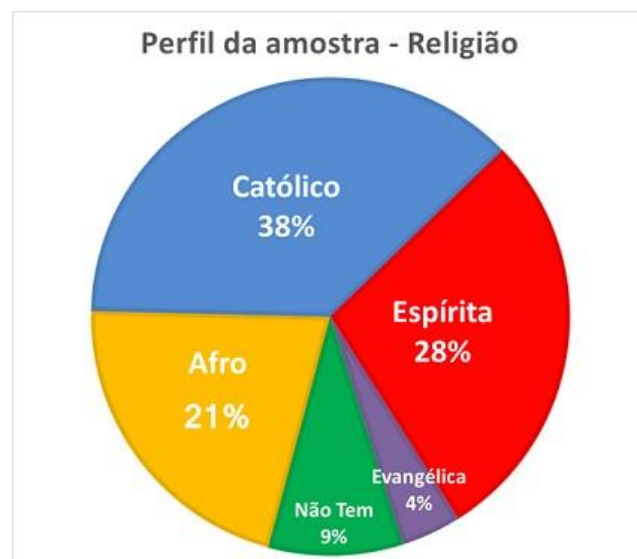


Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Bombers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

1.4 Por Religião

A amostra está constituída, quanto à religião, por 37,4% de católicos, 28,3% de espíritas, 21% de religiões de matriz africana, 4% de evangélicos e 9% de agnósticos de acordo com as informações dos respondentes, conforme apresentado no Gráfico 4. Foi necessária a inclusão dessa pergunta em função de que um dos grupos analisados tem essa característica como referencial.

Gráfico 4 - Perfil – Religião (arquivo G4P1Religião.png)

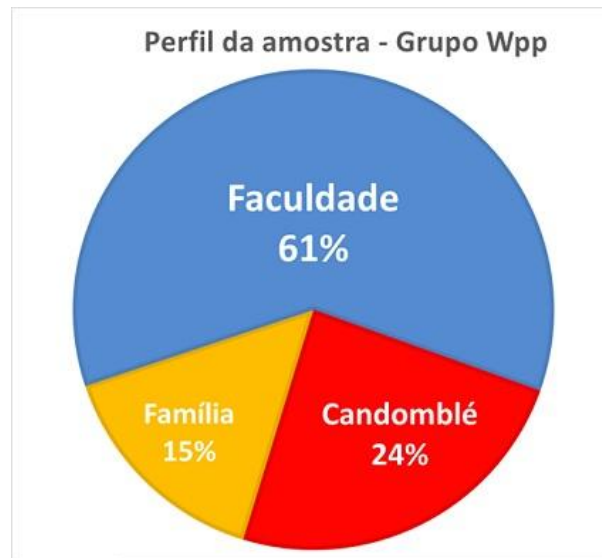


Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Bombers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

1.5 Por Grupo de *WhatsApp*

A amostra está constituída, quanto ao grupo de *WhatsApp* dos respondentes por 60,6% da faculdade, 24,2% do Terreiro de Candomblé e 15,2% de familiares, de acordo com as informações dos respondentes, conforme ilustrado no Gráfico 5. É importante ressaltar que o pesquisador é membro de todos os grupos pesquisados.

Gráfico 5 - Perfil – Religião (arquivo G5P1GrWhatsApp.png)



Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações Baby Bombers e XY: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

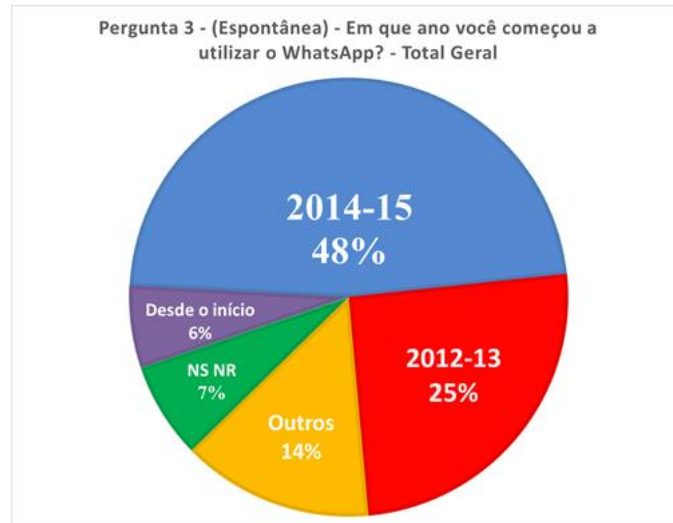
2. QUESTÕES RELEVANTES

O momento de início de utilização do aplicativo *WhatsApp* pelos integrantes dos grupos analisados foi considerado de grande relevância. É possível, mas não obrigatório, que tal momento de início de utilização do *WhatsApp* coincida com o momento de aquisição de um *smartphone* pelo respondente.

2.1 Pergunta 3: Em que ano você começou a utilizar o *WhatsApp*?

Dos dados tabulados, conforme apresentado no Gráfico 6, 48% da amostra declararam ter iniciado o uso do aplicativo *WhatsApp* no biênio de 2014-2015; 25%, no biênio 2012-2013; 14%, fora do período 2012-2015; 6%, desde o início da disponibilização do *WhatsApp* no Brasil (fato ocorrido em 2009); 7% da amostra não souberam ou não responderam.

Gráfico 6 - Pergunta 3-Total Geral – Religião (arquivo G6P3TotalGeral.png)



Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Boomers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

O percentual da amostra que não conseguiu precisar o momento de início de uso do aplicativo (NS/NR - 7%) é um indício interessante a ser observado, pois pode apontar para uma assimilação tão espontânea que sequer foi conscientemente percebida pelo indivíduo.

Ocorre que a assimilação de uso de uma nova tecnologia passa necessariamente pelos processos de raciocínio lógico-formais do indivíduo e, assim sendo, a recordação desse momento nos parecia ser algo de que todos teriam imediata lembrança, mas os 7% da amostragem nos comprovaram o contrário.

Curiosamente, no quadriênio 2012-2015 é que há marcadamente o uso do *WhatsApp* e dos seus grupos, e o aplicativo, embora estivesse disponibilizado no Brasil desde o ano de 2009, somente naqueles anos realmente se deu uma identificação maior por parte dos brasileiros, não havendo como afirmar categoricamente o que motivou esse contexto (fatores econômicos, técnicos, culturais, geográficos quanto ao acesso etc.).

Não obstante ser notória a diferença quanto à capacidade econômico-financeira de homens e mulheres, economicamente ativos do Brasil, que impactaria na capacidade de aquisição de um *smartphone* e até mesmo de manutenção de planos de acesso à *Internet* diferenciados e mais onerosos, constata-se, pela segmentação por gênero apresentada no Gráfico 7, que não há diferenças marcantes ou significativas entre homens e mulheres, quando comparadas as informações com relação à base da amostra.

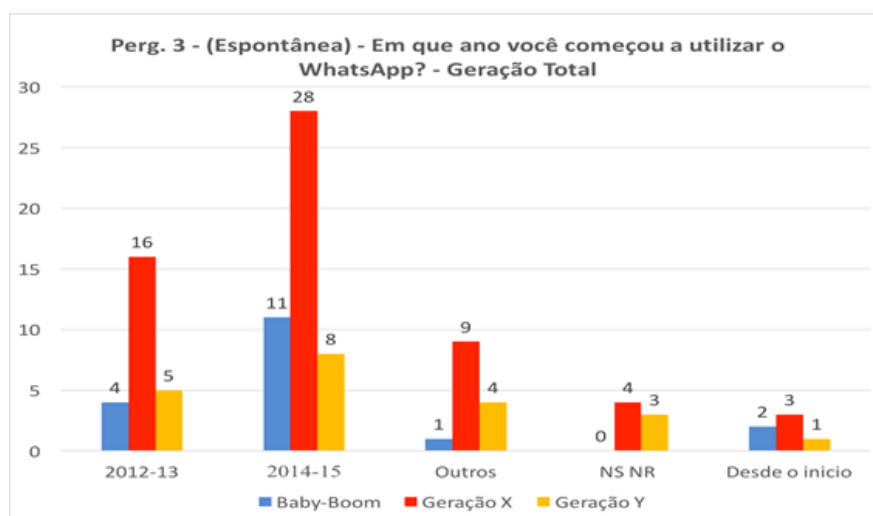
Gráfico 7 – Pergunta 3- Gênero (arquivo G7P3TotalGenero.png)



Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Boomers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

Na segmentação por geração, não ocorreu ingresso de indivíduos da geração *Baby Boomers* entre os anos de 2009 e 2011. O pico de ingresso de todas as gerações aconteceu no biênio 2014-2015, conforme ilustrado no Gráfico 8, o que serve como comprovação daquele aspecto já destacado da democratização do acesso à *Internet* e que também acaba coincidindo com a popularização do *smartphone* praticamente de forma igualitária e simultânea para indivíduos de todas as gerações analisadas e que integram os grupos pesquisados.

Gráfico 8 – Pergunta 3- Geração (arquivo G10P3TotalGeracao.png)

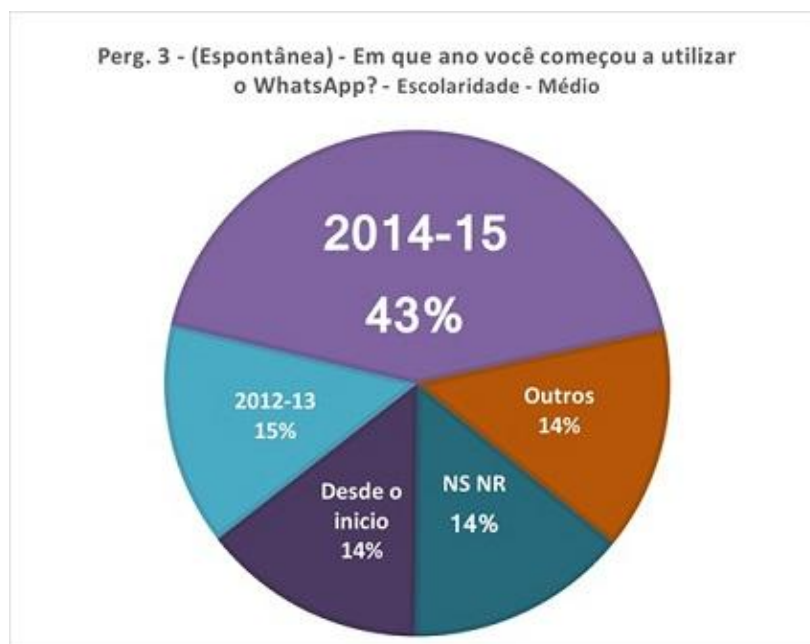


Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Boomers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

No caso específico da geração Y, há de se considerar que significativa parte de seus integrantes já nasceu quando a telefonia celular e a *Internet* já estavam consolidadas no Brasil, inclusive dispendo das tecnologias 3G e 4G, que são relevantes quanto à efetividade de uso do aplicativo *WhatsApp*.

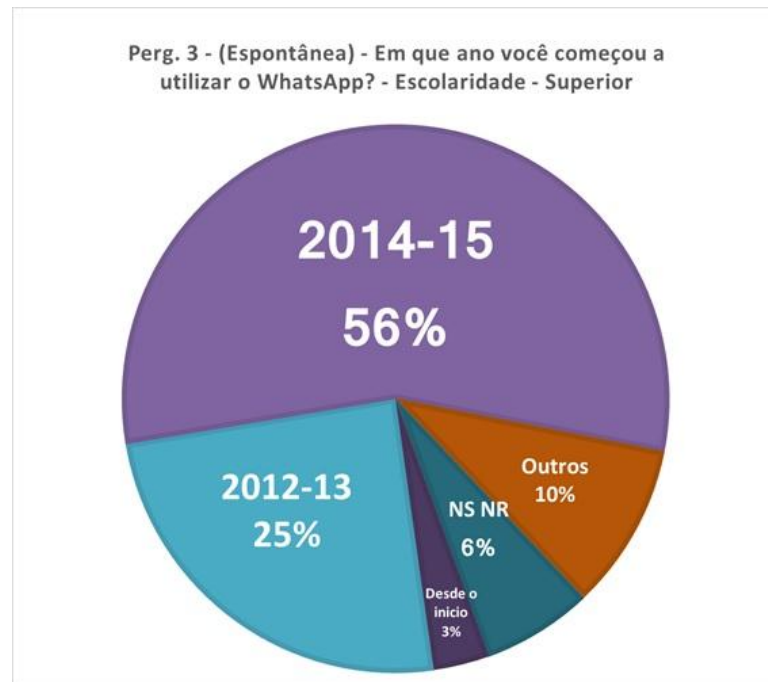
Finalmente, quanto à segmentação por escolaridade, o Ensino Médio é ilustrado no Gráfico 9, a maioria dos respondentes iniciou o uso do aplicativo *WhatsApp* nos biênios 2014/2015 (56% ensino superior; 43% ensino médio e 32% na pós) e 2012/2013 (25% ensino superior; 15% ensino médio e 29% na pós). Verificamos que os detentores de ensino superior (Gráfico 10) foram aqueles que mais rapidamente assimilaram a utilização do *WhatsApp* e curiosamente, entre estes, os detentores de pós-graduação (Gráfico 11) foram os que mais demoraram a adquirir o hábito, fato que não deixa de ser um aspecto contraditório quanto à assimilação desse dispositivo tecnológico de interconexão (BRASIL. Tribunal de Contas da União. 2015. 20/21p.).

Gráfico 9 - Pergunta 3- Escolaridade Médio



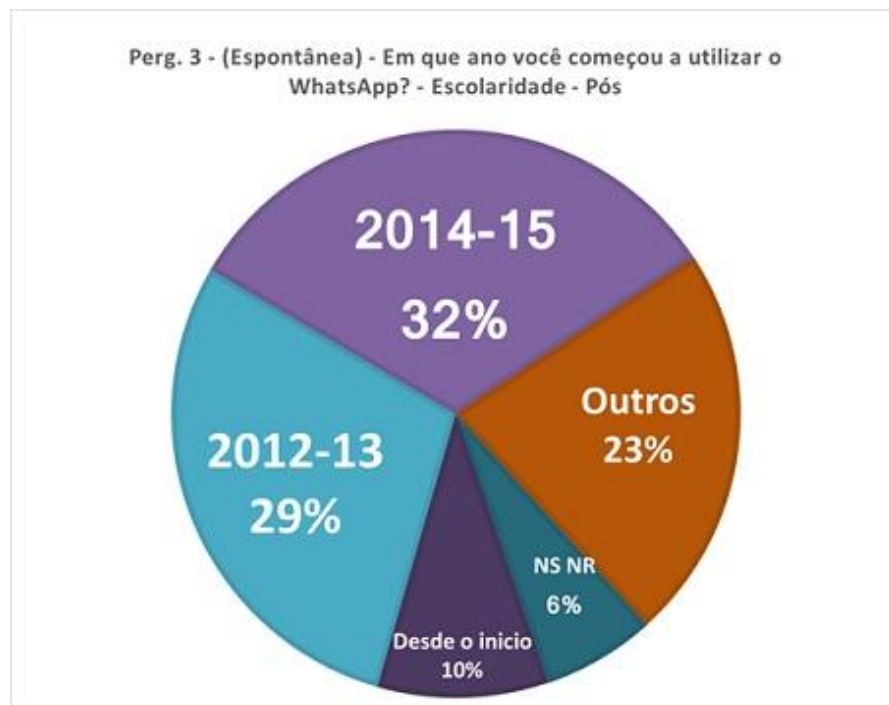
Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Bommers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

Gráfico 10 – Pergunta 3- Escolaridade Superior



Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Bombers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

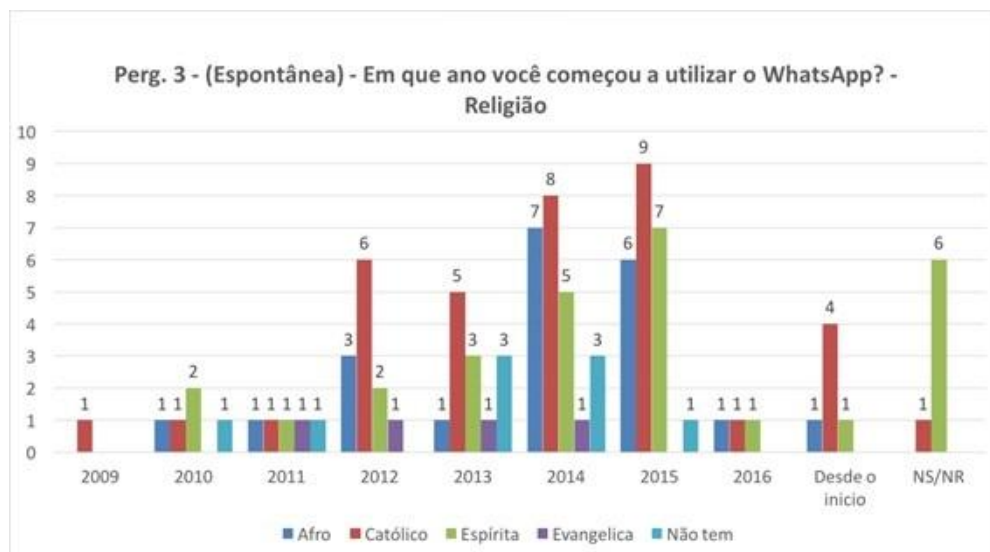
Gráfico 11 – Pergunta 3- Escolaridade Pós



Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Bombers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

Na segmentação por religião, a maioria dos respondentes também iniciou o uso do *WhatsApp* nos biênios 2014/2015 e 2012/2013, conforme ilustrado no Gráfico 12. Fazemos um destaque para a quantificação dos adeptos das Religiões Afrodescentes (ou Afro-brasileiras), pelo fato de um dos grupos em análise ter sido criado por uma Roça (terreiro/templo) de Candomblé e tendo como elemento de aglutinação justamente esse aspecto religioso.

Gráfico 12 – Pergunta 3- Religião



Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Bommers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

As demais religiões foram aquelas apresentadas por todos os respondentes da amostra e que não apresentaram nenhuma disparidade relevante quanto ao questionamento.

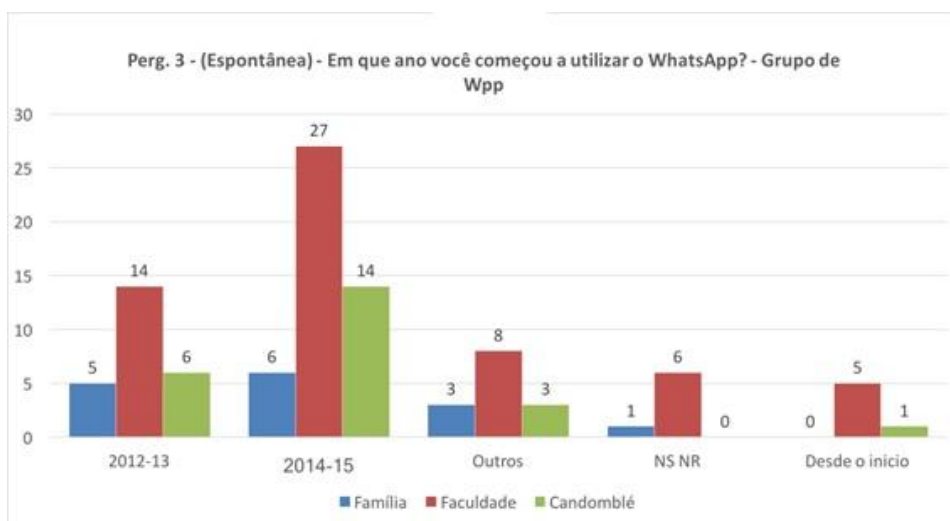
Observando-se a segmentação por início de utilização de grupo de *WhatsApp* e se levando em consideração os três grupos que foram objeto de análise, verificou-se que a maioria dos respondentes também neste caso iniciou o uso do *WhatsApp* nos biênios 2014/2015 e 2012/2013.

A correspondência quanto ao momento de início de uso do aplicativos por esses dois elementos qualificadores corresponde ao momento de popularização do *smartphone* e que coincide, no caso do Brasil, com uma exigência maior da sociedade quanto ao aspecto de

democratização de acesso à *Internet*, que até mesmo se tornou uma Política Pública de inclusão digital.²⁴

Quanto ao aspecto de inclusão digital, não negamos que ela se liga umbilicalmente ao aspecto de sociabilidade enquanto uma consequência cultural de ampliação de produtos tecnológicos na sociedade contemporânea, que foi uma das vertentes da análise realizada. Levando em consideração especificamente os três grupos que foram objeto de análise, observamos que o início de utilização de grupo de *WhatsApp* também aconteceu nos biênios 2014/2015 e 2012/2013, conforme Gráfico 13.

Gráfico 13 – Pergunta 3- Grupo de WhatsApp



Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Bombers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

A correspondência quanto ao momento de início de uso dos aplicativos com base nesses elementos qualificadores, aplicados aos grupos analisados, corresponde ao momento de popularização do *smartphone* e que coincide, no caso do Brasil, com uma exigência maior da sociedade quanto ao aspecto de democratização de acesso à *Internet* e de inclusão digital²⁵.

2.2 Pergunta 4: Como você começou a utilizar o *WhatsApp*?

A forma como se entra em contato com o aplicativo do *WhatsApp*, implicando na sua instalação no *smartphone* e que se constitui condição operacional prévia para seu uso, qualificando um indivíduo a trocar mensagens e a participar de grupos é fator relevante

²⁴ VIDE <http://portal.tcu.gov.br/biblioteca-digital/politica-publica-de-inclusao-digital.htm> - FLS. 26/30, 40/41, 56, 62

²⁵ VIDE <http://portal.tcu.gov.br/biblioteca-digital/politica-publica-de-inclusao-digital.htm> - FLS. 26/30, 40/41, 56, 62)

quanto ao tema pesquisado, particularmente quanto ao aspecto da sociabilidade como prática individual e consciente de cada um.

A maioria dos respondentes iniciou o uso de *WhatsApp* por indicação de amigos (61%), seguidos por indicação de familiares (18%). Ainda, 12% tomaram conhecimento do *WhatsApp* pela *Internet*, 6% por indicação de colegas de trabalho e 3% por outros meios que não foram detalhados pelos respondentes dessa opção. Essa informação é apresentada no Gráfico 14.

Gráfico 14 – Pergunta 4- Total Geral



Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Bombers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

Destaca-se também a acentuada diferença percentual entre as indicações feitas por amigos (61%) e familiares (18%), pois há um distanciamento muito grande entre ambas, sem que nesta pesquisa tivéssemos como justificar tal desvio, que é quase quatro vezes menor entre os grupos de amigos e familiares.

Pelo percentual obtido pela amostra e que se aplica aos grupos pesquisados, novamente verificamos que um aspecto tecnológico-interacional foi apresentado e assimilado pelos indivíduos em função de um relacionamento baseado em afeto, consideração e respeito por outra pessoa. Nesse caso, podemos afirmar aqui a presença de elementos relativos à solidariedade, já que o amigo é alguém por quem se nutre afeição, que não é no mesmo sentido quanto a um familiar consanguíneo, mas já constam os elementos que indicam lealdade no sentido de proteger e fazer o possível para ajudar sempre. Porém, nesse aspecto de

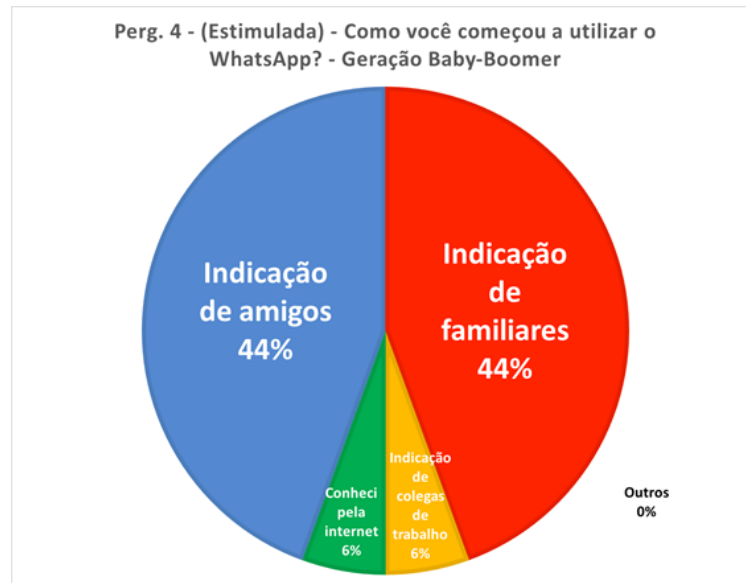
amizade, cremos ser relevante considerar o fator temporal, que não foi esmiuçado nesta pesquisa porque entendemos que amizade (AMIZADE, 2018), embora seja uma das mais comuns relações interpessoais dos indivíduos, no caso de sua constituição e manifestação via grupos de *WhatsApp*, não pode ser tida de forma idêntica para as gerações *Baby Boomers* e geração XY, por força dos aspectos culturais inerentes a cada uma delas.

Consequentemente, quanto aos grupos pesquisados, entendemos que um aspecto subjetivo dos respondentes foi o fator mais relevante para assimilação do aplicativo. Tal aspecto poderia ser tido como emoção ou sentimento, dependendo do fator que motivou o ingresso num grupo, entretanto isso não se configurou um dos aspectos de aprofundamento desta pesquisa. Os dados numéricos quanto ao aspecto geracional constam dos gráficos no anexo ao final deste documento e no anexo digital (*pen-drive*).

Observando-se a segmentação por geração, a maioria dos respondentes iniciou o uso do *WhatsApp* por indicação de amigos (*Baby-Boomers* 44%, Geração X 65% e Geração Y 62%), seguidos pela indicação de familiares (*Baby-Boomers* 44%, Geração X 15%). Constatou-se que o conhecimento do aplicativo pela *Internet* é significativamente maior na geração Y (28%) do que na *Baby-Boomers* (6%) e na Geração X (8%). Nota-se também que a indicação de familiares cresce no sentido inverso de avanço das gerações (Geração Y 5%; Geração X 15%; Geração *Baby-Boomers* 44%).

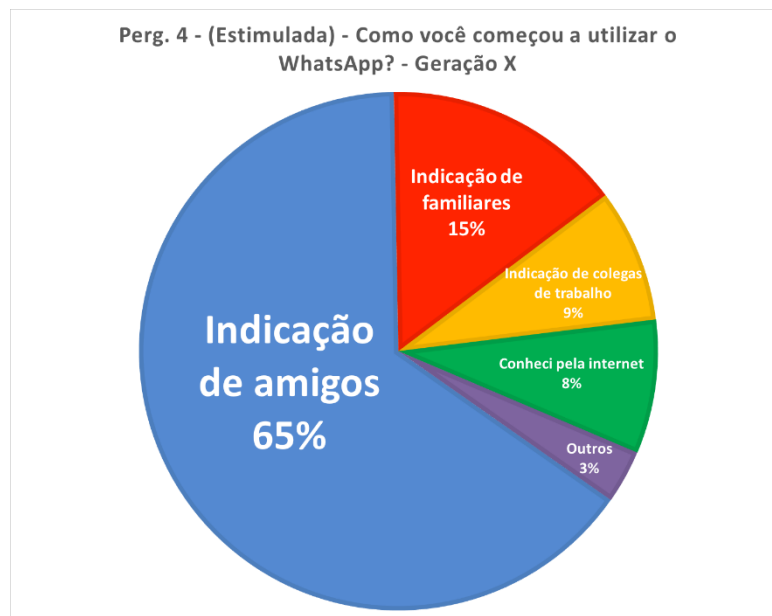
No caso da geração *Baby Boomers*, conforme ilustrado no Gráfico 15, a indicação de amigos e familiares tem a mesma proporção (44%), significando que no caso desses indivíduos o aspecto subjetivo e emocional é altamente relevante, apontando para uma possibilidade de que a valorização das relações familiares e de amizade seriam equivalentes no aspecto de influenciar as pessoas a assimilar um determinado valor e incorporá-lo enquanto conduta diária. Lembrando que aos indivíduos dessa geração foi praticamente imposta a assimilação dessas novas tecnologias de interação e comunicação em função do próprio contexto.

Quando analisamos o mesmo aspecto na geração X, ilustrado no Gráfico 16, destacando que foi nesta geração que houve expansão e consolidação de uso na sociedade, verificamos também um aumento sensível na influência dos amigos quanto à assimilação e uso dos *WhatsApp* (65%). E a influência familiar despenca acentuadamente para índices três vezes menores, sem que se tenha podido identificar o que teria gerado essa drástica redução, ainda mais na geração X para a qual o elemento familiar seria uma característica preponderante.

Gráfico 15 – Pergunta 4- *Baby Bombers*

Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Bombers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

Gráfico 16 – Pergunta 4- Geração X



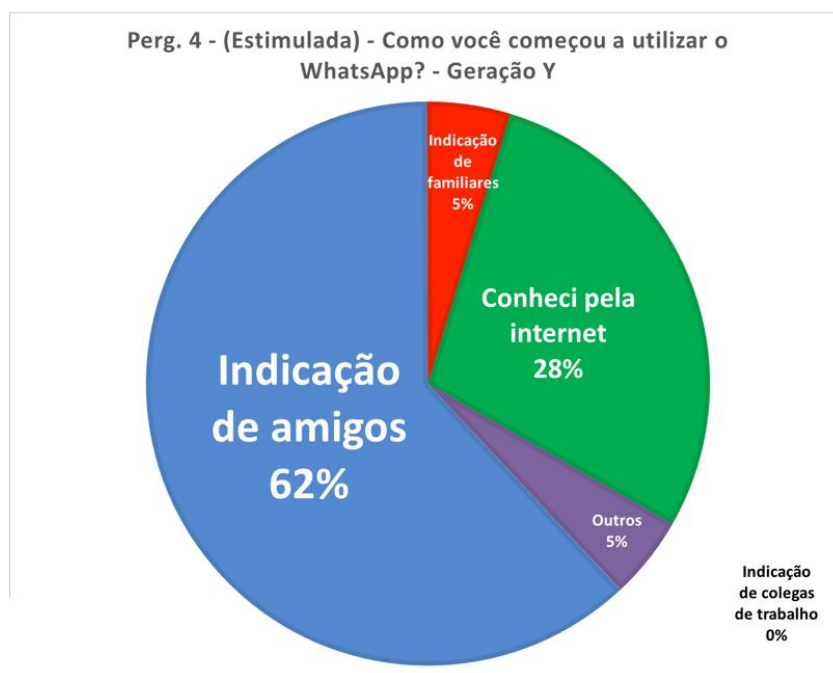
Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Bombers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

Por fim, na segmentação da Geração Y, apresentado no Gráfico 17, também a maioria dos respondentes iniciou o uso do *WhatsApp* por indicação de amigos (62%), num percentual

ligeiramente inferior ao da geração X, e o conhecimento do aplicativo diretamente pela *Internet* é expressivamente maior na geração (28%), fato que reputamos ser uma característica geracional perfeitamente compatível com ela mesma, que já nasceu com o acesso à *Internet* e o uso dos *smartphones* enquanto valor e conduta culturalmente sedimentados. Nota-se também que a indicação de familiares cresce no sentido inverso de avanço das gerações (Geração Y 5%; Geração X 15%; Geração *Baby-Boomers* 44%).

A determinação cultural enquanto valores e práticas repassados e consolidados pela *Internet* para essa geração, que é totalmente integrante da sociedade de tecnologia e informação (TICs), confirma que a forma de contato com o dispositivo e aplicativo, já tendo a *Internet* como um aspecto da realidade que não pode ser negado ou subconsiderado, certamente repercute no que seja a sociabilidade desses indivíduos.

Gráfico 17 – Pergunta 4- Geração Y



Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Bombers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

2.3 Pergunta 7: Ao iniciar a utilização do *WhatsApp* você interrompeu ou reduziu o uso de algum outro tipo de comunicação?

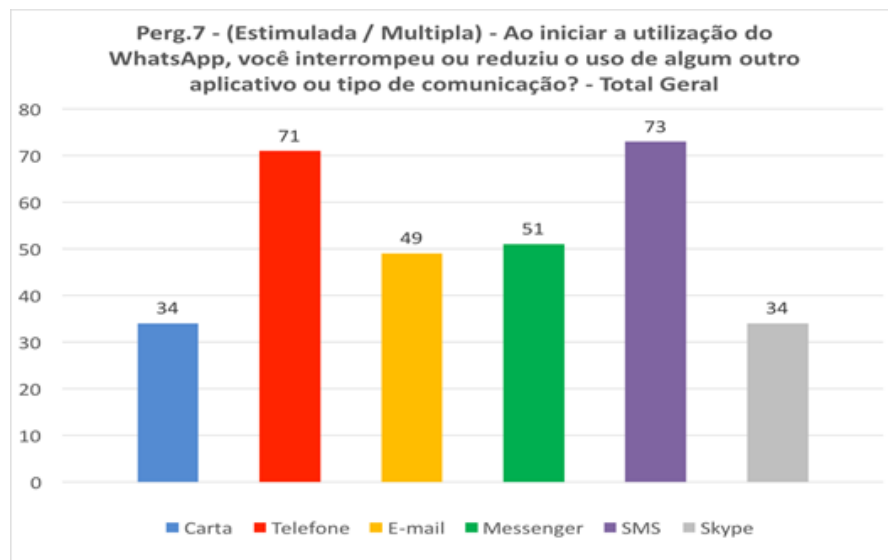
Quando da popularização na aquisição dos *smartphones* e com conseqüente ampliação do acesso à *Internet* enquanto implementação de uma Política de Inclusão Digital que passou a ser tido como fator de cidadania no Brasil, as formas de comunicação e interconexão

existentes até aquele momento necessariamente foram afetadas e modificadas, resultando em mudanças nos valores e práticas de sociabilidade que geracionalmente foram desiguais.

No Gráfico 18, está a maioria das declarações de interrupção de uso de comunicação após o início da utilização do *WhatsApp* – e conseqüentemente dos diversos grupos que ele possibilita participar. O uso de práticas mais tradicionais de comunicação e interação foi interrompido da seguinte maneira:

1. SMS (73 citações, correspondendo a 74% dos respondentes);
2. *smartphone* no seu uso convencional para ligações (71 citações, correspondendo a 72% dos respondentes);
3. *messenger* (51 citações, correspondendo a 52% dos respondentes);
4. e-mail (49 citações, correspondendo a 50% dos respondentes);
5. Skype (34 citações, correspondendo a 34% dos respondentes);
6. cartas (34 citações, correspondendo a 34% dos respondentes).

Gráfico 18 – Pergunta 7- Total Geral



Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Boomers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

Entendemos que essa modificação de práticas poderia ser indício de algum grau de concorrência do *WhatsApp* com os demais aplicativos digitais, ainda mais se considerarmos o aspecto geracional. As respostas da nossa amostra demonstram que apenas os integrantes das gerações *Baby Boomers* e *X* tiveram efetivo contato com todos aqueles aplicativos de interação, que foram se tornando obsoletos por uma imposição do próprio contexto

tecnológico. Há relatos informais de indivíduos da geração Y que jamais escreveram uma única carta.

Disso se pode visualizar que há implicações quanto aos aspectos de sociabilidade. Com uma boa margem de segurança, podemos afirmar que apenas os integrantes das gerações *Baby Bommers* e X tiveram efetivo contato com todos aqueles aplicativos de comunicação e interação (carta, SMS, telefone celular seguido pelo *smartphone*, *Messenger*, *e-mail* e *Skype*), que foram se tornando obsoletos por uma imposição do próprio contexto das sociedades contemporâneas²⁶.

Os resultados também revelam que, dos meios de comunicação interpessoal mediada ortodoxos (ou tradicionais para muitos), somente a carta foi citada, visto que todos os demais se constituem em meios digitais de interação que foram sendo deixados de lado em função das inovações tecnológicas de informação e comunicação. Contudo, dentre os grupos pesquisados, não há como afirmarmos categoricamente que essa mudança comportamental tenha ocorrido exclusivamente por conta do *WhatsApp*, sendo mais prudente falarmos numa concorrência entre os próprios dispositivos digitais que, em sendo aperfeiçoados, impuseram um tipo de obsolescência natural àqueles que lhes antecederam.

Também destacamos que em relação ao desuso dos meios de comunicação e interação digitais e que podem ser tidos como ortodoxos para a sociedade de informação e comunicação, há um relativo equilíbrio entre os seguintes pares: SMS-Telefone e *Messenger-e-mail*. O índice de desuso entre a Carta e o *Skype* foi o mesmo, em que pese serem formas distintas de contato verbal (escrita e audiovisual com idênticos 34%) enquanto práticas comuns aos indivíduos das gerações *Baby Bommers* e X.

Pelo Gráfico 18, também verificamos oscilação no percurso de desuso daqueles mecanismos de interação e que trouxeram implicações nos aspectos de sociabilidade e solidariedade em todos os grupos pesquisados e nos quais constam representantes de todas as gerações analisadas. O detalhamento quanto aos elementos demográficos está apresentado nos gráficos em anexo.

²⁶ Exemplificando isso temos o E-mail (do inglês e-mail, «idem», abreviatura de *electronic mail*, «correio eletrônico»). email in Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. [consult. 2018-04-04 17:47:52]. Disponível na *Internet*: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/email>

2.4 Pergunta 9: De quantos grupos de WhatsApp você faz parte?

Enquanto aplicativo, um dos aspectos fortes do *WhatsApp* é justamente a possibilidade de o indivíduo possuir seu perfil individual (privado), bem como poder integrar diversos grupos simultaneamente sem que haja qualquer tipo de vínculo entre eles. Dessa maneira, os usuários têm um vasto e diversificado potencial para interagir com outros indivíduos numa forma particularizada (tipo um face-a-face virtual) ou por algum elemento em comum enquanto interesse ou necessidade no caso dos grupos. Com isso, evidenciamos o patente aspecto de sociabilidade que seria inerente ao uso do aplicativo.

Até mesmo o tempo de existência dos grupos e a participação dos indivíduos neles é algo controlável pelos interesses e necessidades do indivíduo ou do próprio grupo. Isso acarreta que a interconexão nos casos dos grupos de *WhatsApp* está totalmente submetida à vontade de seus participantes, podendo ser tida como a motivação para se interconectar com os participantes daquele grupo pela troca das diversas mensagens possíveis.

O aspecto da solidariedade também emerge do objeto de estudo, mas sob a forma de uma solidariedade particularizada ou direcionada como forma para o atingimento de algum objetivo em comum enquanto interesse ou necessidade daquele agrupamento. E esse objetivo em comum pode ser para apenas um ou de todos os integrantes de um grupo de *WhatsApp*, mas enquanto resultado da atuação grupal de todos pela disseminação dos diversos tipos de mensagens.

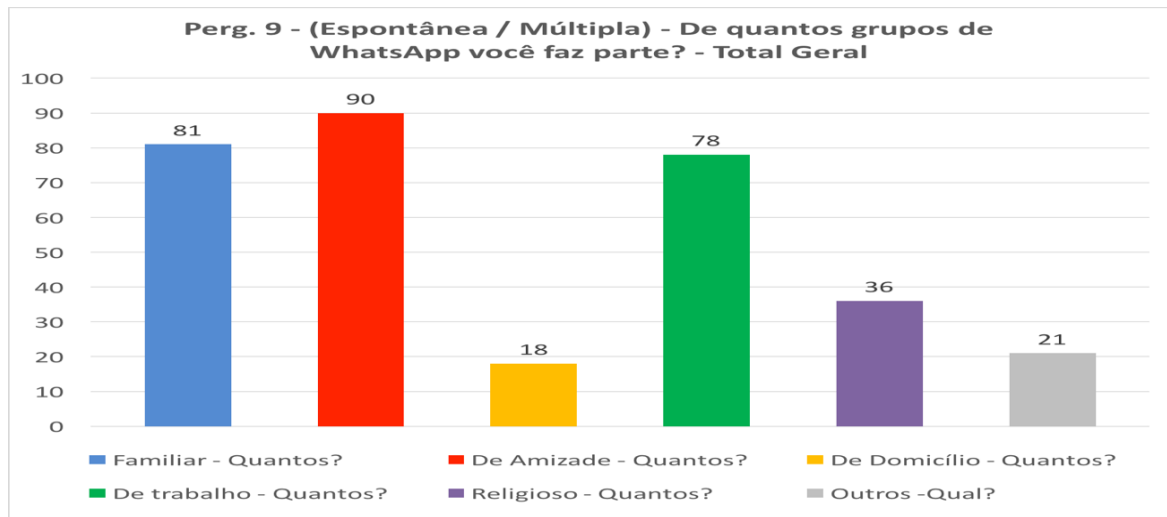
No caso dos grupos analisados, tal situação é evidente porque o próprio pesquisador os integra por vontade própria e por razões diversas, relativamente a cada um dos grupos, mas com aspectos comuns de sociabilidade e solidariedade entre seus integrantes. Por conta disso, temos que tanto a sociabilidade quanto a solidariedade se constituem elementos comuns entre os integrantes desses grupos, sendo aquele fator de aglutinação. No entanto, existe a possibilidade de apontarmos que seria a solidariedade que impulsionou a criação deles, sua manutenção e a participação dos seus membros. Também entendemos, aqui, que seria um tipo de solidariedade diferenciada ou particularizada daquela do senso comum.

Quando da aplicação da pesquisa, a maioria dos respondentes declarou que se utilizava do *WhatsApp* para a comunicação com grupos das seguintes categorias, conforme apresentado no Gráfico 19:

1. amizade (90 citações);
2. familiares (81 citações);

3. trabalho (78 citações);
4. religiosos (36 citações);
5. domicílio (18 citações);
6. outros (21 citações - sem especificação).

Gráfico 19 – Pergunta 9 – Total Geral



Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Bombers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

Ficou evidenciado que os grupos são formados por algum elemento de necessidade ou interesse comum, objetivo ou subjetivo, imediato ou longo prazo, especialmente em razão das próprias características do aplicativo²⁷. No caso dos grupos pesquisados, novamente o aspecto da amizade (AMIZADE, 2018) foi o mais fortemente utilizado pelos respondentes, seguido com muita proximidade pelos grupos do aspecto familiar²⁸.

Da pesquisa, emergiu novamente que há um fator psicológico e subjetivo, variando entre o sentimento²⁹ e a emoção³⁰ como aquele elemento de motivação para que os indivíduos integrassem e permanecessem nos grupos pesquisados. Por aqui, também constatamos senão uma somatória, uma imbricação dos aspectos de sociabilidade e solidariedade como o elemento de aglutinação³¹ dos indivíduos, ainda que os eles não tenham plena consciência disso. Quanto ao vínculo familiar enquanto fator de sociabilidade, não há muito a discutirmos

²⁷ vide <https://pt.wikipedia.org/wiki/WhatsApp>

²⁸ vide <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fam%C3%ADlia>

²⁹ vide <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sentimento>

³⁰ vide <https://pt.wikipedia.org/wiki/Emo%C3%A7%C3%A3o>

³¹ <https://www.dicio.com.br/aglutinar/>

porque os sentimentos e emoções quanto a essa célula primária da estrutura social já foram estudados em profundidade, demonstrando sua pertinência, em que pesem as novas conformações familiares que têm surgido por diversos fatores (sexualidade, orientação sexual, gênero etc.). Em grupos de *WhatsApp* essas características são mantidas, com as devidas influências que o universo virtual acaba por impor aos participantes. Todavia, quando o fator sociabilidade é aplicado ao aspecto de amizade em grupos de *WhatsApp*, mesmo com as informações colhidas pela pesquisa e que apontaram ser essa a maior motivação expressa pelos integrantes dos grupos analisados, não temos como asseverar que se constitua num tipo de aglutinação nos mesmos níveis dos grupos familiares.

Quando verificamos os dados demográficos da pesquisa (vide anexos), não ressalta dos mesmos quaisquer elementos que sejam relevantes a ponto de ser objeto de uma análise particularizada, pois, por causa das próprias características do *WhatsApp*, constatamos que os grupos são formados por algum elemento de necessidade ou interesse comum, objetivo ou subjetivo, imediato ou longo prazo.

Os aspectos da amizade e familiar foram os que mais se destacaram, ou seja, há um fator subjetivo quanto à proteção e envolvimento que é evidente na participação dos indivíduos nos grupos.

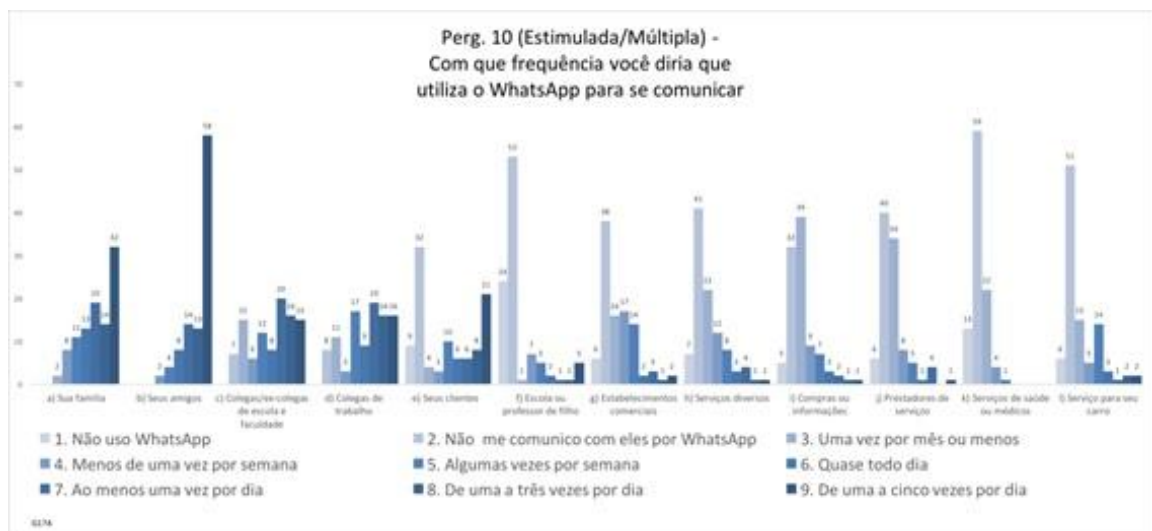
2.5 Pergunta 10: Com que frequência você diria que utiliza o *WhatsApp* para se comunicar com família; amigos; colegas escola-faculdade; colegas de trabalho; clientes; escola dos filhos; estabelecimentos comerciais; serviços; compras; prestadores serviço; serviços de saúde; serviços automobilísticos?

A pergunta 10, acima descrita, pretende aferir o tipo e intensidade das relações com uso de *WhatsApp*, com os diversos públicos de relacionamento pesquisados e, por isso, apresenta-se desmembrada em 12 subitens descritos anteriormente. Dessa forma, o Gráfico 20, Frequência de Uso do *WhatsApp*, indica duas variáveis por cada subitem de tipologia de relacionamento avaliado: a primeira concernente à quantidade de indivíduos na faixa de frequência de uso (eixo y – vertical); a segunda, faixa de frequência de uso do aplicativo (eixo-x – horizontal). Esta última grafada em diferentes tonalidades da cor azul, as mais escuras indicando maior frequência de uso.

A ideia é que o gráfico propicie uma percepção mais direta das ocorrências na simples visualização das cores e tamanho das colunas: quanto mais alta a coluna, maior o número de

indivíduos na faixa representada, quanto mais escura a tonalidade do azul, maior a frequência de uso do aplicativo na comunicação com o grupo indicado pelo subitem. Assim, o Gráfico 20 indica um espectro de uso que varia da não utilização até uma intensa utilização diária do aplicativo, na interação com o grupo indicado no subitem: do azul-claro ao azul-escuro. Ou seja, para a interação com os subgrupos analisados, há casos em que o indivíduo não utiliza o aplicativo para acioná-los, e casos de utilização de até cinco vezes ao dia.

Gráfico 20 – Pergunta 10 - Frequência de uso do WhatsApp (De A a L)



Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via WhatsApp nas gerações Baby Boomers e XY: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

Notamos dois grupos de *performances* opostas, quais sejam:

- um primeiro setor (o esquerdo do gráfico) em que dominam os espectros de tonalidade de azul mais escuro, com colunas mais altas (subitens “a” até “e” – família, amigos, colegas escola e faculdade, colegas trabalho, clientes), que apontam para uma utilização mais frequente com esses públicos;
- um segundo setor (o direito) em que dominam os espectros de tonalidade de azul mais claro, com colunas mais altas (subitens “f” até “l” – escola de filhos, estabelecimentos comerciais, serviços diversos, compras ou informações, prestadores de serviço, serviços de saúde, serviços de automóveis), que apontam para uma utilização menos frequente com esses públicos;
- não há uma especificação da quantidade de tempo despendido por esses indivíduos em suas interações por meio do aplicativo;

- d) em ambos os setores (esquerdo e direito) do gráfico, a intensidade de uso, medida pelo número de usuários, se apresenta semelhante;
- e) essa intensidade marcante presente em todos os tipos de interação verificados pode indicar uma certa dependência dos usuários tanto ao dispositivo (*smartphone*) quanto ao aplicativo (*WhatsApp*), tornando-os extensões do corpo e alma do usuário na sua vinculação com o real;
- f) é evidente que nos tipos de interação que envolvem sociabilidade e solidariedade, não só a intensidade (número de indivíduos utilizando o aplicativo) é relevante, mas também a frequência de uso é diária. Nas demais interações, vinculadas à praticidade da vida real (comércio, prestação de serviços, atividades liberais, dentre outras), embora apresentem intensidade de uso semelhante, como já observado, há sensível redução da frequência de uso, que agora deixa de ser diária.

As implicações do uso do *WhatsApp* pelas pessoas dos grupos analisados demonstram que há uma certa dependência quanto ao aplicativo, pois ele acaba se tornando realmente uma extensão de cada indivíduo na sua vinculação com o real. Por conseguinte, tivemos um extremo de indivíduos que não usam o *WhatsApp* e outros que utilizam de cinco a dez vezes por dia, ilustrado no Gráfico 20, e há uma distinção em relação aos grupos que são mais procurados. Em contrapartida, não há uma especificação de quanto tempo esses indivíduos dedicam a essas incursões no *WhatsApp*, não há segmentação pelos aspectos demográficos, pois isso não se mostrou relevante para os objetivos da pesquisa tanto no sentido de sociabilidade quanto no de solidariedade.

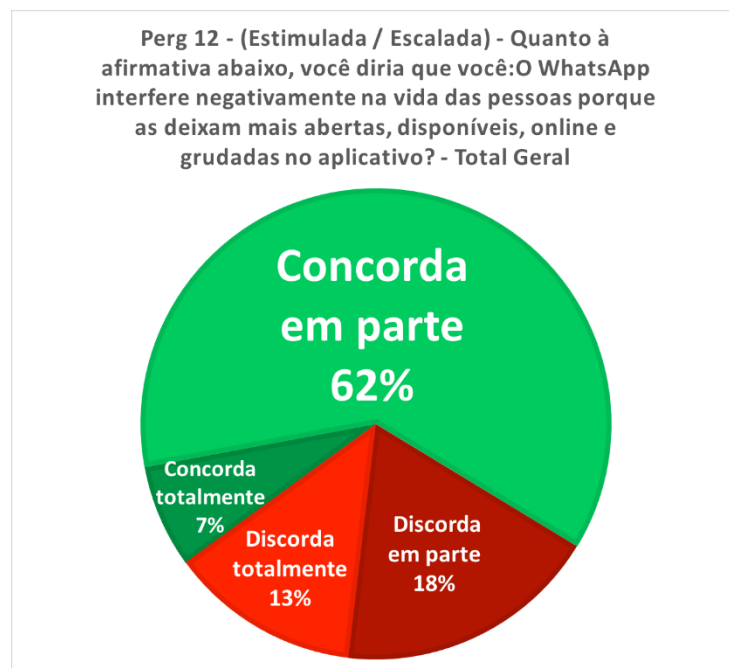
- a) a cor envolve na frequência de uso no aspecto diário (quanto mais escuro o azul maior é o uso)
- b) a altura na quantificação pelos indivíduos (implica no uso diário desse aplicativo. seria a comprovação da dependência sem que haja a presença física?)
- c) verificar os grupos de família - que é muito importante para a geração X, seguida pela *Baby Boomers* e no final a geração Y, isso quanto a ligação diária, no caso da escolaridade não há diferenças muito marcantes.
- d) pelo grupo de *WhatsApp* não houve diferença significativa no uso diário.

2.6 Pergunta 12: O *WhatsApp* interfere negativamente na vida das pessoas por que as deixam mais abertas, disponíveis, *online* e grudadas no aplicativo?

Para 43% da amostra, o *WhatsApp* não interfere negativamente no seu próprio dia-a-dia; 9% da amostra não sabe ou não respondeu, conforme apresentado no Gráfico 21. Dentre as declarações de interferência negativa em sua vida pessoal, as respostas indicaram que houve interferência:

1. no seu trabalho (28 citações);
2. nos seus estudos (23 citações);
3. nas suas relações familiares (20 citações);
4. nas relações com os seus parceiros (13 citações);
5. nas relações com seus amigos (12 citações).

Gráfico 21 – Pergunta 12 – Total Geral

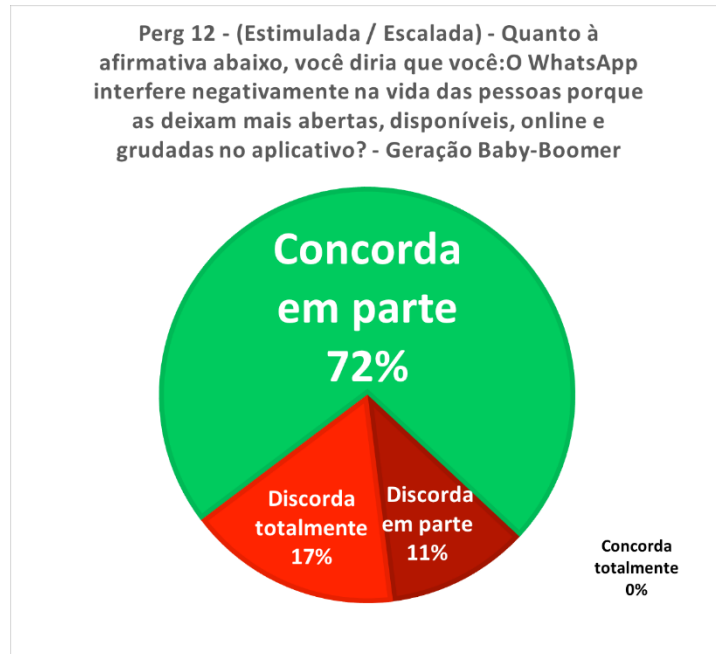


Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Bommers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

A influência do aplicativo na vida dos integrantes dos grupos analisados é incontestável, porém, quando questionados ao caráter de tal influência, houve uma expressiva concordância quanto ao aspecto negativo, justamente em função de que o aplicativo lhes ocupava a maior parte do tempo. Novamente a geração *Baby Bommers* foi a que mais expressivamente destacou esse aspecto negativo, conforme apresentado no Gráfico 22 abaixo. Sendo seguida pela geração *Y*, apresentado no Gráfico 23, o que não deixar de ser um

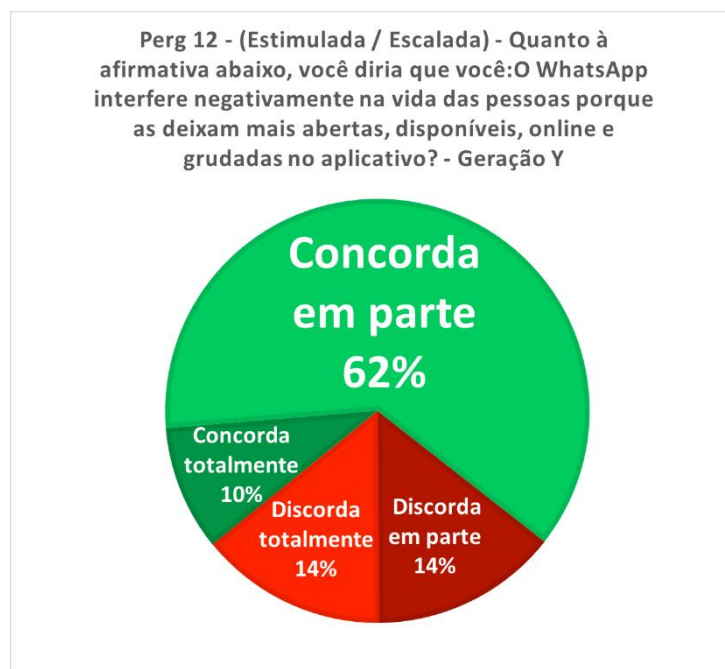
contraste inesperado. Dos *Baby Boomers*, tal postura é perfeitamente esperada, já que são indivíduos que tiveram no contato interpessoal real a base de sua sociabilidade.

Gráfico 22 - Pergunta 12 – *Baby Boomers*



Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Boomers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

Gráfico 23 – Pergunta 12 – Geração Y

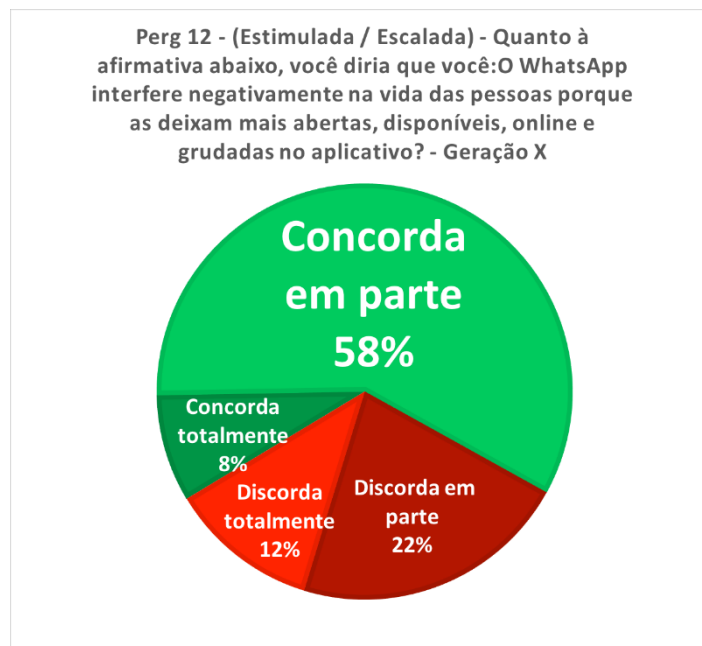


Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Boomers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

Quanto ao nível de concordância em relação aos aspectos negativos do *WhatsApp* apresentados pela geração Y, os dados coletados não conseguiram determinar a motivação do resultado, apontando uma possível distorção que não seja verdadeira.

No caso da geração X, apresentada no Gráfico 24, entendemos que a redução se deve ao fato de ser uma geração de transição de realidades, entre um contexto em que praticamente a tecnologia de comunicação e informação inexistia para outra em que essa tecnologia é a própria base de existência da sociedade.

Gráfico 24 – Pergunta 12 – Geração X



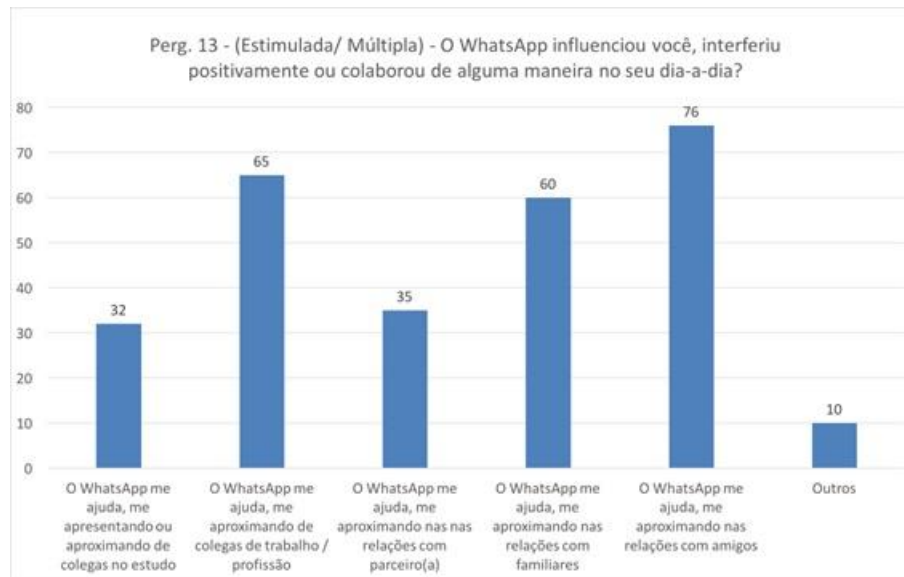
Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Bommers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

2.7 Pergunta 13: O *WhatsApp* influenciou você, interferiu positivamente ou colaborou de alguma maneira no seu dia a dia?

A maioria da amostra afirma que o *WhatsApp* influencia no processo de solidariedade das **outras pessoas** (33% concordam totalmente; 61% concordam em parte). Somente 5% da amostra discordam da afirmativa, conforme apresentado no Gráfico 25.

A análise por segmento não apresentou alterações significativas.

Gráfico 25 – Pergunta 13 – Total Geral

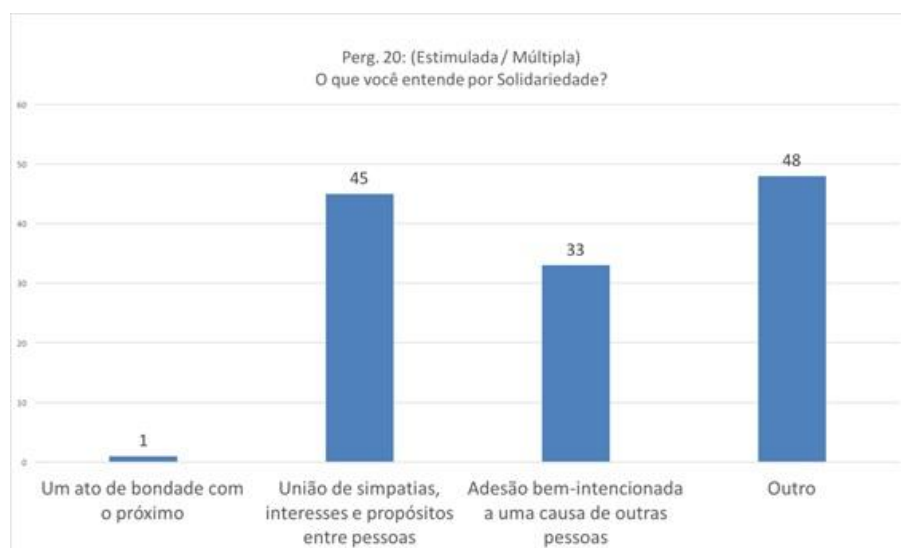


Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Boomers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

2.8 Pergunta 20: O que você entende por Solidariedade?

As respostas enunciadas unanimemente fazem menção a iniciativas coletivas (união de simpatias, interesses e propósitos entre pessoas, 45 citações; adesão bem-intencionada a uma causa de outras pessoas, 33 citações; outras similares, 49 citações), e estão ilustrados no Gráfico 26.

Gráfico 26 – Pergunta 20 – Total Geral



Fonte: “Sociabilidade e Solidariedade via *WhatsApp* nas gerações *Baby Boomers* e *XY*: uma análise das relações interpessoais mediadas” (MARTINS, J.W., 2018)

Dos dados, inferimos que há uma ideia generalizada de que solidariedade seria integrar um tipo de atividade coletiva em prol de um interesse ou necessidade compartilhados por todos do grupo, ainda que voltado para um resultado fora do grupo, mas visivelmente no aspecto de uma conduta caridosa até mesmo num sentido de religiosidade.

Os dados obtidos não demonstram se essa solidariedade resultaria em algo de efetivo no mundo real ou se constituiria apenas na multiplicação de alguma mensagem trocada entre os integrantes do grupo.

Não houve desvios relevantes nos elementos demográficos da mostra que justificassem algum tipo de aprofundamento, comprovando qual o entendimento da coletividade para solidariedade enquanto senso comum.

CONCLUSÃO

Considerando todos os aspectos teóricos estudados e comparando com os resultados obtidos com a amostra da pesquisa, não podemos estabelecer uma generalização comportamental da população brasileira relativamente ao impacto da interação pessoal por causa dos grupos *WhatsApp* a respeito dos conceitos avaliados: sociabilidade e solidariedade.

Pela amostra estudada, também podemos concluir que a sociabilidade e a solidariedade enquanto práticas individuais e coletivas em grupos de *WhatsApp*, realmente não podem ser tidas da forma que o senso comum as vê. O próprio referencial teórico aplicado sobre os três grupos analisados demonstrou as contradições ou instabilidades quanto àqueles elementos, seja como valores ou como práticas consolidada das sociedades tecnológicas.

No caso desta pesquisa, ainda houve como fator de afinamento e diferenciação quanto à sociabilidade e solidariedade os aspectos geracionais (*Baby Boomers*, XY), ou seja, imbricamos sobre um mesmo objeto – os três grupos de *WhatsApp* –, lentes diferentes que procuraram avaliar o quanto aqueles elementos culturais podem influenciar ou determinar os conceitos avaliados. Tudo isso elegendo o aplicativo *WhatsApp* como elemento de interação que perpassa as três gerações analisadas (*Baby Boomers*, XY). A análise das mensagens trocadas entre os integrantes dos grupos da Faculdade de Direito da UFES, de uma roça de Candomblé e um grupo familiar, nos aspectos de sociabilidade e solidariedade foi o elemento eleito para a abordagem. E cabe destacar que o próprio pesquisador integra o objeto de estudo, mas a abordagem implementada não pode ser tida como etnográfica em sua acepção plena.

Também quanto aos grupos analisados, devemos destacar que seus integrantes estão geograficamente dispersos pelo Brasil e até no exterior. O grupo da faculdade de direito na qual estudou o pesquisador tem como base a cidade de Vitória (ES), mas seus integrantes estão dispersos em várias outras cidades desse Estado e fora dele. O grupo de Candomblé está totalmente baseado no Rio de Janeiro. E o grupo familiar conta com integrantes em Mato Grosso, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Santa Catarina e até mesmo no exterior, especificamente na Alemanha.

Um fator que limitador da pesquisa, e que acabou prejudicando uma análise mais extensiva dos conteúdos das mensagens trocadas pelo grupo, foi o fato de o pesquisador ter

tido seu próprio *smartphone* roubado no início de 2017, o que implicou perda de praticamente todas as mensagens trocadas nos grupos até a aplicação do questionário da Fase I. Isso ocorreu porque o pesquisador não havia utilizado até aquele momento uma funcionalidade do seu modelo *iphone* que possibilitava o arquivamento na nuvem de todas as mensagens trocadas no aplicativo.

O impacto emocional da perda do aparelho e do histórico das mensagens trocadas é uma comprovação da dependência que muitos usuários desenvolvem quanto ao aplicativo. No nosso caso, essa perda de dados prejudicou a possibilidade de se fazer uma análise do discurso das mensagens quanto a situações de solidariedade, por exemplo. Decorreu que grande parte das informações trabalhadas foram as obtidas pelo questionário aplicado e que trouxeram aspectos bastante consideráveis quanto à relevância da pesquisa.

As diversas mudanças valorativas e comportamentais das sociedades de informação e comunicação são incontestáveis; foram e continuam sendo objeto de pesquisa de várias áreas do conhecimento humano por conta das implicações que estamos vivenciando em todo o planeta. A Sociologia, Antropologia, Filosofia, Informática, Engenharia, Medicina, dentre outras áreas do saber, são apenas algumas ciências que se debruçaram sobre pesquisas a respeito do impacto do *smartphone* e seus aplicativos (como é o caso do *WhatsApp*), que enquanto criação tecnológica concebida para facilitar as práticas de interação acabou indo muito além disso.

A sociabilidade mediada pelos grupos de *WhatsApp* certamente não é igual àquela de um contato direto entre os integrantes do processo de comunicação, ainda que isso seja possível no caso do aplicativo que permite ligações audiovisuais. Mesmo com tal possibilidade não há como negar a diferença entre duas pessoas poderem conversar e até mesmo se tocar por estarem fisicamente próximas, com aquele ato de apenas se verem e ouvirem estando espacialmente distantes.

O aspecto emocional e subjetivo da sociabilidade presencial e mediada pelo *WhatsApp* é algo comprovado, certamente tendo implicações até mesmo no nível de comprometimento dos interlocutores do processo. E se essa interconexão acontece entre vários indivíduos distantes entre si e ao mesmo tempo, como ocorre nos grupos do aplicativo, certamente que a impactação na sociabilidade será ainda maior. Se partirmos do princípio de que as práticas de solidariedade seriam um tipo de consequência ou resultado das práticas de sociabilidade, esta também seria impactada pelo contexto descrito acima. Praticar um ato de solidariedade com

alguém que está na sua presença e dentro de um espaço físico comum difere de fazê-lo com a intermediação de um dispositivo eletrônico.

Entendemos pelos grupos de *WhatsApp* analisados que as manifestações de solidariedade implicavam um tipo de acolhimento ou prática que ainda engloba aspectos de emoção e sentimento, apesar da mediação tecnológica. Ser solidário num grupo de *WhatsApp* pode ser entendido e praticado como o simples ato de reenviar uma mensagem postada. O conteúdo dessa mensagem (texto, GIF, audiovisual etc.) que se tenha recebido muitas vezes sequer é lida ou efetivamente sensibiliza aquele integrante num nível mais profundo e que implique comprometimento. Mas isso não pode ser generalizado nem mesmo na amostra analisada.

Nos grupos de *WhatsApp* analisados, verificamos a construção de uma teia de relações humanas aparentemente superficial, mas que não pode ser rotulada como falsa, pois a prática de sociabilidade é um processo contínuo desses indivíduos que criam em conjunto uma realidade social única: a sua relação. Daí que um ato de solidariedade resultante dessa prática também poderia ser mais frágil. Da própria consistência das relações humanas em grupos de *WhatsApp* emergiriam níveis e padrões diferenciados, porém efetivos de inter-relação dos participantes, atendendo a algum tipo de interesse ou necessidade que seja comum ao todo.

Como estamos imersos nessa sociedade de informação e comunicação independentemente da nossa vontade, entendemos que se consolidou um contexto de hiperconexão em que os indivíduos muitas vezes passam a agir de forma automatizada, seja quanto à sua sociabilidade, seja quanto à sua solidariedade. Isso não surpreende porque vivemos numa dependência tecnológico-virtual clara e que é comum a indivíduos de todas as gerações analisadas, com seus diferenciais em função de como aconteceu o processo de assimilação e inserção da tecnologia em suas vidas.

Na aplicação da pesquisa aos integrantes dos grupos analisados, de início já constatamos um contrassenso ou uma confusão quanto ao sentido de sociabilidade e solidariedade. E isso não se restringe apenas ao aspecto de polissemia³² como também pode parecer num primeiro momento enquanto senso comum. Esse contrassenso ou confusão se

³² Polissemia - *substantivo feminino*[Linguística] Que apresenta um grande número significados numa só palavra; cujo significado dependerá do contexto em que a palavra está inserida; por exemplo: cabo - cabo de vassoura, cabo militar, cabo da faca. Etimologia (origem da palavra polissemia). Do francês *polysémie*. Dicionário Online de Português, disponível em <https://www.dicio.com.br/polissemia/> Acessado em 08 de março de 2018

amplia quando tais aspectos são analisados sob o prisma geracional, pois seus significados são muito diferenciados para indivíduos das gerações *Baby Bommers* e *XY*.

Cena comum do dia a dia: o *smartphone* vibra ou toca e na maioria das vezes é uma mensagem de *WhatsApp* ou de qualquer outro aplicativo (*Facebook, Instagram, Twitter* etc.). Com aquela vibração ou toque, cria-se nas pessoas uma necessidade quase incontrolável de parar o que estiver fazendo para ver o que lhes chegou, independentemente de onde ou o que estejam fazendo. É nessa forma totalmente conectada que as pessoas vivem e exercitam sua sociabilidade e solidariedade. Essa prática se encorpou de tal forma à nossa cultura que muitos sequer veem isso como um vício ou uma dependência tecnológica, mas apenas como um ajuste de hábitos. A mudança, contudo, também leva-nos a perder inúmeras situações do universo real por estarmos continuamente com toda a atenção fixada no universo virtual.

No caso dos grupos de *WhatsApp*, como eles integram as redes sociais em função da *Internet*, esse aplicativo se impôs como ferramenta que proporciona mais liberdade de comunicação e interação entre as pessoas, ao menos *a priori*. Daí que o ditado popular “*a Internet aproxima quem está longe e afasta quem está perto*”, conforme ilustrado na Figura 4, pode ser aplicado com eficácia aos aspectos de sociabilidade e solidariedade abarcados por esta pesquisa.



Figura 4. Ilustração que representa bem as implicações para o relacionamento interpessoal consequente da comunicação mediada por *smartphones*
 Fonte: *Internet* (site Top Imagens, disponível em <http://www.topimagens.com.br/outros/4857-os-celulares-aproximam-e-afastam.html>)

Os grupos de *WhatsApp* inegavelmente potencializam as práticas de sociabilidade, mas não se pode afirmar categoricamente que também não coloquem em risco essas mesmas práticas, o que aparentemente seria um contrassenso. Isso decorre do senso comum de que ser sociável é estar ligado digitalmente ao maior número de pessoas e/ou grupos possível, durante o maior tempo possível. Não há uma preocupação com a qualidade dessas relações de sociabilidade, que em sua maioria não passam de um vínculo frágil, chegando muitas vezes a nunca se efetivarem no mundo real. Podem se constituir em relações estritamente virtuais. Por isso, inúmeras vezes deixamos de dar atenção a uma pessoa que esteja ao nosso lado e possa precisar para fazer isso com quem pode estar a quilômetros de distância ou até mesmo em outro país.

Pela amostra pesquisada, observamos que, com o uso do *WhatsApp*, houve diminuição da comunicação ao vivo e real entre os integrantes dos grupos. Por saberem que “fulano de tal” faz parte da sua lista de *WhatsApp*, seja individual ou num grupo, há uma relativa certeza da possibilidade de contato com ela a qualquer momento, o que também desobriga haver fluxo mais contínuo e real de contato com o outro.

Ora, será que isso não seria nocivo para uma sociabilidade que avançasse além da virtualidade, caso fosse necessário? Aplicando o mesmo cenário quanto à solidariedade, podemos afirmar que nos grupos analisados também tal prática foi afetada. Embora haja um sentimento de pertencimento quanto ao grupo, não haveria nenhuma obrigatoriedade de conduta efetiva naquele aspecto. Uma mensagem pedindo algum tipo de ajuda pode ser vista reencaminhada e simultaneamente ignorada pelo participante sem que isso fique evidente.

No aspecto de solidariedade, o que geralmente motiva o compartilhamento de mensagens é um elemento de comoção presente nela e que acabado por atingir o emocional dos participantes, levando-os a repassar. Ocorre que grande parte das vezes o aspecto da solidariedade termina aí, sem que haja uma preocupação de aquele fator de comoção ter tido efetividade enquanto prática do grupo. Pelos grupos analisados, concluímos que tanto a sociabilidade quanto a solidariedade são influenciadas e até mesmo determinadas (positiva ou negativamente) nos grupos de *WhatsApp*. Isso é avaliado por condutas efetivas conforme um real sentimento de pertencimento e uma opção espontânea de colaboração de cada indivíduo que não tem como ser imposta aos seus integrantes, fato que ficou evidente nas respostas às perguntas específicas sobre sociabilidade e solidariedade, especialmente pelos dados demográficos de geração, gênero, escolaridade e religião.

Quando tais aspectos foram questionados aos integrantes dos grupos de *WhatsApp* analisados, emergiu um consenso quanto à sociabilidade, que foi uma pergunta espontânea/múltipla, porém novamente se evidenciou aquela confusão quanto ao significado da sociabilidade.

A explícita vinculação ao uso do aplicativo foi suficientemente forte para que os respondentes entendessem que a sociabilidade no aspecto abordado não se limita apenas à possibilidade de vida em comum com seus semelhantes, ainda que na forma virtual. Nesse caso, para muitos a sociabilidade é representada pela quantidade de pessoas com as quais interaja pelo aplicativo, com relevância pela quantidade e não pela qualidade das mensagens trocadas. Destacamos que esse é o entendimento de grande parte da amostra.

O pesquisador, enquanto integrante dos grupos analisados, em quantificando as mensagens trocadas, verificou que realmente a praticidade do aplicativo é que faz sua dependência se tornar maior. Na correria do dia a dia, podemos nos interconectar e interagir com o *WhatsApp*, mesmo que minimamente, com alguém que pode estar em qualquer lugar do planeta. Dissemos minimamente porque não há uma evidente necessidade de algum sentimento de afeição e simpatia em relação à presença efetiva do outro, de estar realmente com o outro. E isso se tornou mais patente quando o aplicativo passou a disponibilizar as ligações com imagem em tempo real.

Quando filtramos aquele aspecto da sociabilidade, ressaiu que todos os respondentes admitem que o uso do aplicativo influenciou suas práticas. Nesse particular, sobre o elemento demográfico da escolaridade recaiu o maior desvio e novamente entre os detentores de pós-graduação, pois foram os que com maior intensidade não admitiram essa influência. Isso obriga dizer que, mesmo havendo uma ideia generalizada quanto à necessidade de uso do aplicativo para práticas de sociabilidade, muitos nem sequer conseguem perceber que a presença ou não dele em sua vida cotidiana influencia ou determina tais práticas.

A assimilação do *smartphone* é de tal monta, que muitos indivíduos o têm inconscientemente como uma extensão de seus próprios corpos e personalidades, não conseguindo se individualizar sem ele nas suas práticas diárias de sociabilidade. Esse quadro se constata a qualquer momento (público ou privado) e em qualquer lugar em que se veem pessoas lado a lado, mas cada uma interagindo no seu *smartphone*, numa atitude assimilada de que a tecnologia passou a ocupar o espaço que antes era dedicado à interação real com o outro. E isso nem acontece por uma teclagem frenética de textos, mas muitas vezes pelo

simples reenvio de mensagens, em sua maioria audiovisuais, sem que o conteúdo sequer tenha sido realmente visto com algum critério de consciência. A sociabilidade tem se tornado impessoal, uma vez que o aplicativo é tido e mais valorizado que a presença real de outro indivíduo.

Verificamos que isso é mais um hábito de cordialidade entre os integrantes dos grupos, como é o caso das inúmeras e até repetidas mensagens de saudação (bom dia, boa tarde, boa noite, bom final de semana etc.). Não temos como afirmar se haveria realmente um elemento subjetivo de vontade, desejo, emoção ou sentimento quando do envio dessas mensagens.

Nos grupos analisados, as exemplificações de solidariedade, como já dito, concentraram-se em atos relacionados a algum tipo de caridade, muitas com rara confirmação do resultado no mundo real. Dessa forma, entendemos que práticas de solidariedade via *WhatsApp* são extremamente fluidas e não implicam comprometimento efetivo. Apenas a divulgação da mensagem, nesse sentido, já é para a maioria dos respondentes a solidariedade efetivada. Todavia, a cordialidade também pode ser entendida como manifestação de sociabilidade e de solidariedade enquanto expressão de carinho, afeto ou amizade. No entanto, a consistência ou a sinceridade dessas manifestações poderia provar se estamos diante de um ato genuíno de sociabilidade ou de solidariedade. Pelos dados da amostra, concluímos que tanto a sociabilidade quanto a solidariedade praticada nos grupos são muito superficiais, frágeis, efêmeras e sem estabilidade. Acontece isso com representantes de todas as gerações analisadas, demonstrando que é num traço cultural adquirido pelas gerações *Baby Boomers* e *X*, mas bastante presente como conduta dos indivíduos da geração *Y*.

O aspecto subjetivo-emocional que permeia as relações interpessoais via *WhatsApp* foi forçado a se ajustar às características do aplicativo, ou seja, o seu uso acabou por determinar mudanças de conduta que culturalmente muitos indivíduos possuíam como consequência da realidade social da sua época.

Claramente, os indivíduos das gerações *Baby Boomers* e *X* foram os mais afetados nesse aspecto, tendo sido forçados a deixar de lado práticas construídas ao longo de toda a sua vida e até enquanto resultado dos seus processos educacionais e das suas relações familiares. Para esses indivíduos, o universo virtual e sua tecnologia confrontaram padrões de comportamento e acabou por modificá-los radicalmente. Já para os indivíduos da geração *Y*, não se deu assim, pois eles já nasceram e cresceram tendo o universo virtual e seus códigos de etiqueta como referência em todos os aspectos e locais. Seja no âmbito familiar, seja na

escola, seja no clube, seja nas suas relações pessoais íntimas ou públicas, a tecnologia do universo virtual se fazia presente em altos índices.

Os dados da pesquisa explicitam isso, com algumas diferenças pontuais vinculadas a algum dos aspectos do perfil da amostra (gênero, escolaridade etc.), o que de certa forma até mesmo contrariou o que era esperado pelo pesquisador em relação a algumas de suas ideias iniciais. Dessa maneira, em relação às consequências da interação virtual na vida real das pessoas, o resultado obtido contrariou o que esperávamos encontrar.

Os grupos de *WhatsApp* que podem ser tidos como forma simples para implementação da sociabilidade, acabaram por se revelar repletos de fatores internos e externos que podem até impedir sua ocorrência. Parte desses fatores se vincula às características individuais dos integrantes dos grupos e de como isso afeta sua assimilação e uso do aplicativo.

O aspecto geracional é o melhor exemplo disso, pois implica um *modus* de vida e convivência que tem pontos em comum entre as gerações *Baby Bombers* e *X*, mas que são totalmente díspares em relação à geração *Y*. E mesmo assim, a pesquisa demonstrou algumas incoerências que foram apresentadas no relatório de análise de dados.

Estaríamos diante de uma sociabilidade fluida e superficial, implicando uma solidariedade tênue e descompromissada, caracterizada por um grau maior de instabilidade que se modifica pelo ritmo frenético que nos é imposto pela sociedade de comunicação e informação como um todo.

Entendemos que tanto a sociabilidade quanto a solidariedade dos indivíduos se constituem num sistema operacional complexo, ainda mais quando mediadas pela tecnologia. O fluxo altamente intenso e contínuo de troca de mensagens acaba afetando o comportamento dos integrantes do sistema. Portanto, ao invés de sermos os protagonistas desse sistema, nós passamos a ser meras peças dele, já que fator tecnológico passou a se sobrepor ao fator humano. Se levarmos em conta que tanto a sociabilidade quanto a solidariedade se constituem em comportamentos sociais adquiridos, não teremos como negar que há uma opção individual de não integrar esse sistema posto. Ocorre que, em função da força tecnológica presente no contexto atual, tal opção está ficando rara. Estar conectado no mundo atual passou a se constituir pré-condição de existência enquanto ser humano, enquanto indivíduo, enquanto cidadão. Significa afirmar que a tecnologia passou a nos determinar enquanto indivíduos.

Se o dito acima for confirmado, então sociabilidade e solidariedade também serão determinadas pela tecnologia e não pela vontade dos indivíduos. Esta pesquisa aponta, ainda que de forma adstrita aos grupos analisados, que realmente é isso o que está acontecendo, pois se criou nos indivíduos uma necessidade psicológica de fazer parte de grupos de *WhatsApp*. E uma das consequências verificadas é uma redução extrema do contato real entre as pessoas.

Com base no suporte teórico, aplicando a pesquisa e vivenciando ocorrências de sociabilidade e solidariedade nos grupos analisados, constatamos que elas, potencial ou efetivamente realizadas, passaram a ser muito mais uma satisfação de caráter social dos indivíduos. Ter o *WhatsApp* e participar do maior número possível de grupos é visto como um fator de qualificação de todo e qualquer indivíduo enquanto integrante não só do universo virtual, mas também do real.

Como aspecto final desta pesquisa quantitativa e pela própria participação do pesquisador nos grupos analisados, verificamos que tanto o dispositivo *smartphone* quanto o aplicativo *WhatsApp* acabam por criar o que denominamos de “sociabilidade encapsulada” e “solidariedade encapsulada³³” relativamente às suas interações³⁴, tomando por empréstimo o termo “*encapsulated*” da área de Tecnologia de Informação (TI), aqui usada metaforicamente como sinônimo do termo encapsular³⁵.

Sobrepondo aquele sentido de “*encapsulated*” relativamente aos conceitos pesquisados de sociabilidade e solidariedade e se levando em conta nossa alta dependência da *Internet*, verificamos que os grupos de *WhatsApp* pesquisados acabaram se tornando um espaço de inclusão e proteção daqueles que os integram. Isso se constata pelos resultados da pesquisa quanto à frequência de uso e quantidade de usuários. Mesmo que isso ocorra de forma inconsciente para os próprios participantes dos grupos, segundo o que observamos.

A “sociabilidade encapsulada” é aquela em que os indivíduos exercem grande parte daquelas suas práticas nessas áreas ou grupos do universo digital, o que confirma a dependência tecnológica, bem como que os grupos de *WhatsApp* só se constituem quando há algum interesse ou necessidade comum de qualquer natureza.

Haveria, ainda que metaforicamente, uma cápsula de proteção em derredor dos integrantes dos grupos de *WhatsApp* para que implementassem de uma forma segura as suas

³³ sentido em inglês e tradução adaptada pelo pesquisador

³⁴ Wikipédia https://pt.wikipedia.org/wiki/Tecnologia_da_informa%C3%A7%C3%A3o

³⁵ <https://www.dicio.com.br/encapsular/>

interações, compartilhando-as apenas com quem estivesse dentro desse espaço protegido em que necessidades e interesses comuns seriam as motivações para a interação.

Nos grupos estudados, entendemos que tal forma de sociabilidade acaba restringindo ou reduzindo significativamente as práticas de interação apenas naquelas que podem ser concretizadas no plano da virtualidade. O contato humano se torna mais frio e remoto, podendo transformar-se em um fator de desumanização dos indivíduos.

Essa opção individual ou coletivamente implementada nos grupos de *WhatsApp*, quando sobreposta ao exercício da solidariedade, demonstra que também essa prática humana fica restrita apenas aos integrantes dos grupos. A solidariedade é minimamente igualável àquela que se extrai da “*Parábola do Bom Samaritano*” e até mesmo do sentido mais coloquial do termo.

Uma “solidariedade encapsulada” pode se constituir justamente no contrário, pois implicaria uma conduta de tratamento diferenciado somente em relação àqueles com quem tenhamos algum tipo de interesse ou necessidade que nos seja comum. Solidariedade nesses casos deixaria de ser uma prática que objetivasse atenção, ajuda, auxílio, amparo, assistência, socorro, caridade, proteção, defesa, amizade, companheirismo, camaradagem ou irmandade.

Essa constatação de podermos ser submetidos ao exercício de sociabilidade e solidariedade encapsuladas pode decerto ser tida como uma consequência natural das sociedades tecnológicas atuais. Avaliamos que a circunstância do encapsulamento poderia ser generalizada para todo o contexto da sociedade e rede, indiscriminadamente.

Após a análise da amostra, temos convicção de que este estudo poderá ter aplicações práticas quanto aos valores e práticas de sociabilidade e solidariedade mediadas pelo *WhatsApp*, ampliando um mapeamento de possíveis aspectos positivos ou negativos dos conceitos eleitos. Até mesmo a confusão existente entre os usuários de grupos de *WhatsApp* quanto ao que seja sociabilidade e a solidariedade, demonstra que a pesquisa se justifica e que deve prosseguir e aprofundar aqueles dados que foram tidos como uma “curva fora do padrão” e, nesse caso, concentrar o estudo em apenas uma geração poderia trazer resultados e contribuições aplicáveis às demais por comparações e ajustes.

Os resultados já obtidos e outros que podem ser extraídos por outro nível de análise da amostra podem gerar suporte para outras pesquisas e abordagens que discutam os aspectos da

conduta humana que foram visivelmente modificados pelas tecnologias de comunicação e informação.

Consequentemente, os dados obtidos com esta pesquisa já poderiam ser utilizados para se iniciar algum tipo de verificação sobre um possível vício que a participação em quantidades cada vez maiores de grupos de *WhatsApp* estaria se constituindo enquanto prática cultural de todas as gerações pesquisadas. Algumas das implicações quanto a isso já começaram a ser respondidas aqui.

A necessidade de estudos quanto a essas atuais formas de interação e das quais aparentemente não há mais retorno são relevantes até mesmo para causar algum tipo de reformulação em valores e práticas que já estejam consolidadas ou surgindo. Foi o que aconteceu no processo de implantação e popularização dos grupos de *WhatsApp*, por exemplo.

Enfim resta-nos indagar: somos sociáveis e solidários? Tais práticas estariam adstritas aos grupos aqui analisados, ou já estão encapsuladas nos grupos de *WhatsApp* existentes atualmente?

REFERÊNCIAS

***ALMEIDA**, Marco Antônio de. Sociedade em rede & redes de sociabilidade: algumas considerações sobre as relações entre tecnologia, cultura e sociabilidade. In: *Anais do Intercom 2005: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Rio de Janeiro: Intercom/UERJ, 2005. Disponível: <<http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/18420/1/R1609-1.pdf>>, Acessado em:

AMIZADE. In WIKIPEDIA, Enciclopédia Online. Disponível <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Amizade>>. Acesso [10/01/2018]

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 2004.

ÁVILA, Pe. Fernando Bastos. **Pequena enciclopédia de moral e civismo**. 2. ed. Brasília: Fename, 1975.

BALBONI, Mariana Reis. **Por detrás da inclusão digital: uma reflexão sobre o consumo e a produção de informação em centros públicos de acesso à Internet no Brasil**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-10102007-120815/pt-br.php>>. Acessado [14/03/2017]

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BERGER, Peter L.; **LUCKMANN**, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Lisboa: Dinalivro. 1999.

BERLO, David K. *O processo de comunicação - Introdução à teoria e à prática* (7ª ed.). São Paulo: Editora Martins Fontes. 1991

BRASIL, João Pompeu Souza. *Fundamentos antropológicos da comunicação. Fundamentos científicos da comunicação*. Petrópolis: Vozes, p. 74-103, 1973.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário escolar da língua portuguesa** [com a colaboração de Dinorah da Silveira Campos Pecoraro, Giglio Pecoraro, e Geraldo Bressane]. 11ª. Ed. 10ª. Tiragem – Rio de Janeiro, FAE, 1986.

BUMGARNER, Brett A. You have been poked: Exploring the uses and gratifications of Facebook among emerging adults. *First Monday*, v. 12, n. 11, 2007. Disponível <<http://www.firstmonday.dk/ojs/index.php/fm/article/view/2026/1897>>. Acessado []

CASTELLS, Manuel. A internet e a sociedade em rede. In: MORAES, Denis de (org). **Por uma outra comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

*CHERRY, Collin. *A Comunicação humana*. 2.ed. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1971.

*PELLANDA, Eduardo Campos. Comunicação móvel no contexto brasileiro. *Comunicação e mobilidade*, p. 11, 2009.

*CARVALHO, Thiago Fabres de; LEMOS, Clécio. *A greve da polícia e a explosão de violência no ES: premissas para o debate sobre a paz armada*. In **Carta Capital Online**, coluna Justificando, publicado em 09/02/2017. 2017. Disponível <<http://justificando.cartacapital.com.br/2017/02/09/greve-da-policia-e-explosao-de-violencia-no-es-premissas-para-o-debate-sobre-paz-armada/>>. Acessado [].

DILTHEY, Wilhelm. **Teoria das Concepções de Mundo - A consciência histórica e as concepções do mundo - Tipos de concepção do mundo e a sua formação metafísica**. Trad. Arthur Mourão. Lisboa: 10, 1992.

DOMICÍLIOS, T. I. C. TIC Domicílios: Proporção de Domicílios com Acesso à Internet. pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação. 2015.

*EPSTEIN, Isaac. *Cibernética e comunicação*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1973.

*FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmem. *O conceito de geração nas teorias sobre juventude*. **Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, p. 185-204, 2010. Disponível <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922010000200003> Consultado []

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2ª. Edição Revista e Ampliada, 18ª. Impressão. Ed. Nova Fronteira, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Editora Positivo. Livro/Digital, 2010.

FERNBACK, Jan; THOMPSON, Brad. *Virtual communities: Abort, retry, failure?* 1995. Manuscrito eletrônico. Disponível <<http://www.Well.com/user/hlr/texts/Vccivil.html>>. Acessado [].

*FREITAS, Rafael. *Sociabilidade, tecnologia da internet e comunicação*. **Observatório da Imprensa**. Edição No. 979, Diretório Acadêmico, caderno Mídia e Democracia. Publicado online em 14/01/2014 na edição 781. Disponível <http://observatorioidaimprensa.com.br/diretorio-academico/_ed781_sociabilidade_tecnologia_da_internet_e_comunicacao/>. Acessado em [].

*GERAÇÃO. In: *WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre*. Wikipédia, 2018. Disponível <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gera%C3%A7%C3%A3o#Classifica%C3%A7%C3%A3o_por_gera%C3%A7%C3%B5es>. Acesso [].

GOMES, Helton Simões. *WhatsApp é o 4º maior aplicativo da internet móvel do Brasil*. Notícia publicada em 27/02/2015 às 06h00m no caderno **Tecnologias e Games** do Portal G1, São Paulo, 2015. Disponível < <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/02/whatsapp-e-o-4-maior-aplicativo-da-internet-movel-do-brasil.html> >. Acessado [].

***GONDIM**, Veruska Narikawa. *A comunicação além da Internet: os grupos sociais formados na rede*. Monografia. (Aperfeiçoamento/ Especialização em Assessoria de Comunicação Social), 2003. Universidade Federal de Goiás. Orientador: Júlio Afonso Sá de Pinho Neto.

HOUAISS, Antonio. *Koogan/Houaiss enciclopédia e dicionário ilustrado*. 4ª. Ed., - Rio de Janeiro: Siefer, 2000.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Projeções e estimativas da população do Brasil e das Unidades da Federação*. Disponível <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>> Acessado []

IDC, IDC Latinoamérica. *Mercado brasileiro de celulares desacelera no terceiro trimestre de 2017, revela IDC Brasil*. Notícia publicada em 04/12/2017 na seção **IDC Releases** do site da IDC Latinoamérica, São Paulo, 2017. Disponível < <http://br.idclatin.com/releases/news.aspx?id=2258> >. Acessado [].

***JOSGRILBERG**, Fabio (Org.). **Comunicação e Mobilidade**. Salvador, EDUFBA, 2009.

***KURIKI**, Fabiana et all. *Conceituação de Redes Sociais: um olhar teórico sobre duas experiências práticas*. **RiSolidária**, 2004. Disponível <http://www.risolidaria.org.br/util/view_texto.jsp?txt_id=200409290015> Acessado []

***LACERDA**, Juciano de Sousa. *Redes digitais de solidariedade social - as estratégias e táticas de produção de significação em redes sociais de comunicação midiaticizadas pelo digital*. Um estudo de caso da Recomsol - Rede de Comunicadores Solidários à Criança. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, 2003. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Orientador: Alberto Efendy Maldonado

***LACERDA**, Juciano de Sousa. *Sistemas, redes e complexidade. A indústria cultural em tempos de Internet*. BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2004 Disponível <<http://bocc.unisinos.br/pag/lacerda-juciano-sistemas-redes.pdf>> . Acessado []

LEMOS, André. As estruturas antropológicas do ciberespaço. *Textos de Cultura e Comunicação*, Salvador, n. 35, p. 12-27, jul. 1996.

***LÉVY**, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993 (Coleção TRANS). -. Cibercultura. São Paulo: Editora, v. 34, 2000.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

***LÉVY**, Pierre. **Que é o Virtual?** O. Editora 34, 2003.

***LIMA**, Alessandro Barbosa. *Comunicação interpessoal on-line: um estudo sobre a utilização das redes sociais em ações de comunicação viral*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, 2005. Escola de Comunicação e Artes da USP. Orientador: Artur Matuck.

***MAIA**, João Luis de Araujo. A construção de valores comunitários, afetivos e linguísticos na rede: rumos de uma (con)vivência virtual. In: *VII Congresso Internacional Abralic*, 2002, Belo Horizonte. Mediações, territórios e redes. Belo Horizonte: Abralic, 2002. Disponível <<http://www.ufrgs.br/iletras/memoriabralic/nucleo.htm>>. Acessado [].

MAIA, Rousiley. Mídia e vida pública. Modos de abordagem. In. **MAIA**, Rousiley; **CASTRO**, Maria C.P.S. (Orgs.). **Mídias, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MAFFESOLI, Michel; **MAFFESOLI**, Michel. *No fundo das aparências*. Vozes, 1996.

MAFFESOLI, Michel. *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4a. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010.

***MARTIN-BARBERO**, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: **MORAES**, Denis de (org). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MEIRELLES, Fernando de Souza. *27º Pesquisa Anual do Uso de TI*. Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP). São Paulo. 2016. Disponível <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/19113/GVcia_Meirelles.%20A%20presente%20C3%A7%C3%A3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessada [].

MEYER, Gordon; **THOMAS**, Jim. *A postmodernist interpretation of the computer underground*. 1990. Manuscrito eletrônico. Disponível <http://www.eff.org/pub/privacy/security/h...cyberpunk/baudy_world_of_byte_ban.article>. Acessado [].

***MCLUHAN**, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Editora Cultrix, 1974.

***NUSSBAUMER**, Gisele Marchiori. Cibercultura, sociabilidade e subjetivação. *O Olho da História*, n. 14, Salvador (BA), junho de 2010. Disponível <http://oohodahistoria.ufba.br/wp-content/uploads/2016/03/gisele.pdf>.

OLIVEIRA, Márcio De. O Conceito De Representações Coletivas: Uma Trajetória Da Divisão Do Trabalho Às Formas Elementares. *Debates do NER*, Porto Alegre, Ano 13, No. 22 pp. 67-94, Jul./Dez. 2012.

ONU, Organização das Nações Unidas. Declaração Do Milênio. <www. undp. org/hdr2001>. Acesso em, v. 20, n. 03, p. 2009, 2000

PALÁCIOS, Marcos. *Cotidiano e Sociabilidade no Cyberespaço: apontamentos para discussão*. In NETO, Antonio Fausto; PINTO, Milton José (org.). **O indivíduo e as mídias**. Diadorim Editora. Rio de Janeiro, 1996.

***PELLANDA**, Nize Maria Campos; **SCHLÜNZEN**, Elisa Tomoe Moriya; **SCHLÜZEN JUNIOR**, Klaus. (Orgs.). *Inclusão digital: tecendo redes afetivas/ cognitivas*. Rio de Janeiro, DP & A, 2005, p. 376. Disponível [sinopse em http://www.livrosdepedagogia.com.br/livros_template.asp?Codigo_Produto=26069#200] .

PERSELL, Caroline Hodges. **Understanding Society**. 2. Ed. Nova Iorque: Harper & Row, 1987.

***PINHO NETO**, Júlio Afonso de. Redes digitais: uma nova sociabilidade. RUBIM; Albino Canelas, Bentz, Ione Maria Ghislene e PINTO, Miton José (Org.). *Práticas discursivas na cultura contemporânea*. São Leopoldo-RS: Editora Unisinos, p. 111-132, 1999. Disponível <http://www.unisinos.br/editora/>.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre, 2ª. Ed. Sulina, 2008.

QURESHI, Rima. Technical Report. ERICSSON Mobile Report: On the pulse of the networked society. Ericsson AB. November, 2014. Disponível <<https://www.ericsson.com/assets/local/mobility-report/documents/2014/ericsson-mobility-report-november-2014.pdf>>. Acessado [].

RABAÇA, Carlos Alberto; **BARBOSA**, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro, Ed. CODECRI, 1978.

***RAMOS**, Murilo Cesar Oliveira. Brasil, globalização e as redes digitais de banda larga. In: César Ricardo Siqueira Bolaño (Org.). *Globalização e Regionalização das Comunicações*. São Paulo: Educ/UFS, 1999, p. 165-185. Disponível <http://repositorio.portcom.intercom.org.br/handle/1904/12771>.

RHEINGOLD, Howard. *The Virtual Community: Homesteading on the Electronic Frontier*. HarperPerennial Paperback in USA, 1993. Manuscrito eletrônico. Disponível <<http://www.well.com/user/hlr/vcbook/index.html>>. Acessado [].

RIBEIRO, Paulo Silvino. Émile Durkheim: os tipos de solidariedade social. *Brasil Escola*. v. 15, 2015. Disponível <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/Emile-durkheim-os-tipos-solidariedade-social.htm>>. Acesso [08/09/2017].

SECOM, Secretaria De Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2015: Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. 2014. Disponível <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acessado []

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

***SOARES**, Karla. *WhatsApp é líder no Brasil; americanos usam mais Facebook Messenger*. Matéria publicada em 28/11/2013 as 07h00m no caderno **TechTudo** do Portal Globo.com difundida Via GigaOM. 2013. Disponível <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2013/11/whatsapp-e-lider-no-brasil-americanos-usam-mais-facebook-messenger.html>>. Acessado [].

SODRÉ, Muniz. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

***VAREJÃO**, Victoria. *Mais de 700 policiais foram indiciados por revolta no ES, diz secretário*. Matéria publicada em 10/02/2017 e atualizada em 15/03/2017 no caderno regional Espírito Santo do **Portal G1**. Espírito Santo. 2017. Disponível <<https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/mais-de-700-policiais-foram-indiciados-por-revolta-no-es-diz-secretario.ghtml>>. Acessado [].

***VAZ**, Paulo. Mediação e tecnologia. *Revista Famecos*, v. 8, n. 16, p. 45-59, 2001. Disponível <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3137>.

***VAZ**, Paulo. As esperanças democráticas e a evolução da Internet. *Revista Famecos*, v. 11, n. 24, p. 125-139, 2004. Disponível <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3272>>.

***VEJA**, Online. *Após 22 dias, termina 'greve branca' de PMs no Espírito Santo*. Matéria publicada pela redação da versão online da revista **VEJA**, do dia 25/02/2017 as 17h47m, no caderno Brasil. 2017 Disponível <<https://veja.abril.com.br/brasil/apos-22-dias-termina-greve-branca-de-pms-no-espírito-santo/>>. Acessado [].

WEBER, Max. *Conceitos Básicos de Sociologia*. Editora Moraes. São Paulo, 1987.

***WIKIPEDIA**, Enciclopédia Online. *Crise da segurança pública no Espírito Santo em 2017*. Online, 2017. Disponível <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Crise_da_seguran%C3%A7a_p%C3%ABblica_no_Esp%C3%ADrito_Santo_em_2017>. Acessado []

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

JOAQUIM WELLEY MARTINS

**SOCIABILIDADE E SOLIDARIEDADE VIA *WHATSAPP* NAS
GERAÇÕES *BABY BOMMERS* e *XY*: Uma análise das relações
interpessoais mediadas tecnologicamente**

CD CONTENDO TODOS OS GRÁFICOS GERADOS PELA PESQUISA
FASE II

(vide contracapa)

Rio de Janeiro

2018

QUESTIONÁRIO FASE I

QUESTIONÁRIO DE ANÁLISE EXPLORATÓRIA PRELIMINAR

O PRESENTE QUESTIONÁRIO SE DESTINA A COLETAR SUBSÍDIOS PRELIMINARES PARA A MINHA PESQUISA DE CMAPO DE DOUTORADO, QUE VERSA SOBRE O SEGUINTE:

O Impacto da Internet na Comunicação Interpessoal das Gerações X, Y e Z: OS

GRUPOS DE WHATSAPP COMO OBJETO DE ESTUDO.

Assim sendo teríamos como **OBJETIVO GERAL** a verificação de como se operou o desenvolvimento das relações interpessoais dessas três gerações em face da intermediação do universo digital, visto que essa intermediação aconteceu de forma diferenciadas em cada geração por fatores relacionados aos componentes tecnológico (computador, celular, notebook, tablet e toda a gama de programas e aplicativos vinculados aos mesmos) disponíveis. Já enquanto **OBJETIVO ESPECÍFICO** buscaríamos verificar quais os aspectos individuais impactam essa questão da comunicação interpessoal, sendo que isso tem a ver com elementos culturais, sociais, econômicos e conjunturais inerentes a cada geração, sendo que isso será buscado pela análise específica de grupos do **WHATSAPP**, o qual atende a todos os aspectos apresentados no objetivo geral.

As perguntas que se seguem **DEVEM/PODEM** ser respondidas livremente e sem qualquer tipo de cobrança de aspectos científicos, mas sim à partir da experiência pessoal e de vivência de cada um dos entrevistados com o **WHATSAPP** e o **GRUPO DO QUAL O MESMO FAZ PARTE**. As respostas devem ser **DIRETAS** e **CURTAS – NO MÁXIMO DEZ (10) LINHAS**.

QUESTÕES

- 01) IDENTIFICAÇÃO PESSOAL – NOME COMPLETO, CPF/MF, DATA DE NASCIMENTO LOCAL DE NASCIMENTO, ESCOLARIDADE, PROFISSÃO, LOCAL DE RESIDÊNCIA?
- 02) PORQUE VOCÊ SE UTILIZA DO WHATSAPP?
- 03) QUANDO E COMO VOCÊ INICIOU SUA UTILIZAÇÃO DO WHATSAPP?
- 04) COMO VOCÊ UTILIZA O WHATSAPP? FAZ PARTE DE MUITOS GRUPOS? POR QUÊ?
- 05) TEVE DIFICULDADES PARA UTILIZAR ESSE APLICATIVO? EM CASO DE RESPOSTA POSITIVA, QUAIS FORAM ESSAS DIFICULDADES E COMO AS SUPEROU.

- 06) A UTILIZAÇÃO DO WHATSAPP IMPLICOU NO ABANDONO E/OU REDUÇÃO DE ALGUM OUTRO TIPO/FORMA DE COMUNICAÇÃO – E-MAIL, TELEFONEMA, CARTAS, SKYPE, MESSENGER, ETC -? POR QUÊ?
- 07) VOCÊ SE JULGA DEPENDENTE OU NÃO DA UTILIZAÇÃO PERMANENTE DO WHATSAPP? POR QUÊ?
- 08) QUANDO HOVE A SUSPENSÃO DOS SERVIÇOS DO WHATSAPP NO BRASIL, EM MAIS DE UMA OCASIÃO, EM QUE ISSO IMPLICOU PARA VOCÊ? HOVE A BUSCA DE ALGUM OUTRO APLICATIVO SIMILAR IMEDIATAMENTE – COMO POR EXEMPLO O TELEGRAM, LINE, TALK ON, VIBE?
- 09) VOCÊ SERIA CAPAZ DE AVALIAR SE O WHATSAPP INFLUENCIOU OU NÃO VOCÊ NO ASPECTO DA SUA SOCIABILIDADE?
- 10) COMENTE O QUE VOCÊ ACHA DE RELEVANTE SOBRE O WHATSAPP E QUE NÃO FOI CONTEMPLADO PELAS QUESTÕES ACIMA!

QUESTIONÁRIO FASE II

Filtro: Usuários de Grupos de *WhatsApp*

Perg. 1:

(Estimulada)

Você conhece o aplicativo de *Internet WhatsApp*?

- a. Sim
- b. Não
- c. NS/NR

Perg. 2:

(Estimulada)

Você utiliza o aplicativo *WhatsApp*?

- a. Sim
- b. Não - Encerrar as entrevista
- c. NS/NR - Encerrar a entrevista

Perg. 3:

(Espontânea)

Em que ano você começou a utilizar o *WhatsApp*?

- a. Resposta: _____
- b. NS/NR

Perg. 4:

(Estimulada)

Como você começou a utilizar o *WhatsApp*?

- a. Indicação de amigos
- b. Indicação de familiares
- c. Indicação de colegas de trabalho
- d. Conheci pela *Internet*
- e. Outros: _____

Perg. 5:

(Estimulada)

Você teve dificuldades para utilizar o *WhatsApp*?

- a. Tive muita dificuldade
- b. Tive alguma dificuldade
- c. Tive pouca dificuldade
- d. Não tive dificuldade
- e. NS/NR

Perg. 6:

(Estimulada / Múltipla)

(Somente para quem teve dificuldades para utilizar o *WhatsApp*)

Como você superou essas dificuldades para utilizar o *WhatsApp*?

- ajuda da família
- ajuda de amigos
- ajuda de colegas
- ajuda de técnicos
- com ajuda do *YouTube*
- com ajuda do *Google*
- Outros. Quais: _____

Perg.7:

(Estimulada / Múltipla)

Ao iniciar a utilização do *WhatsApp*, você interrompeu ou reduziu o uso de algum outro aplicativo ou tipo de comunicação?

- a. Carta
- b. Telefone
- c. E-mail
- d. Messenger
- e. SMS
- f. Skype
- NS/NR

Perg. 8:

(Espontânea)

Você utiliza os grupos do *WhatsApp*?

- a. Sim
- b. Não - Encerrar as entrevista
- c. NS/NR - Encerrar a entrevista

Perg. 9:

(Espontânea / Múltipla)

De quantos grupos de *WhatsApp* você faz parte?

- a. Familiar - Quantos? _____
 - b. De Amizade - Quantos? _____
 - c. De Domicílio (da rua ou do bairro) - Quantos? _____
 - d. De trabalho - Quantos? _____
 - e. Religioso - Quantos? _____
 - f. Outros -Qual? _____
-

Perg 10:

(Estimulada e múltipla)

Com que frequência você diria que utiliza o *WhatsApp* para se comunicar com _____ ?

- a) Sua família

- a1. Mais de cinco vezes por dia
- a2. De uma a três vezes por dia
- a3. Ao menos uma vez por dia
- a4. Quase todos os dias
- a5. Algumas vezes por semana
- a6. Menos de uma vez por semana
- a7. Uma vez por mês ou menos
- a8. Não uso *WhatsApp* para me comunicar com eles
- a9. Não uso *WhatsApp*

- b) Seus amigos

- b1. Mais de cinco vezes por dia
- b2. De uma a três vezes por dia
- b3. Ao menos uma vez por dia
- b4. Quase todos os dias
- b5. Algumas vezes por semana
- b6. Menos de uma vez por semana
- b7. Uma vez por mês ou menos
- b8. Não uso *WhatsApp* para me comunicar com eles
- b9. Não uso *WhatsApp*

Cont. Perg 10:

(Estimulada e múltipla)

Com que frequência você diria que utiliza o *WhatsApp* para se comunicar com _____ ?

- c) Seus colegas/ex-colegas de escola, faculdade ou outros cursos

- c1. Mais de cinco vezes por dia
- c2. De uma a três vezes por dia
- c3. Ao menos uma vez por dia
- c4. Quase todos os dias
- c5. Algumas vezes por semana
- c6. Menos de uma vez por semana
- c7. Uma vez por mês ou menos
- c8. Não uso *WhatsApp* para me comunicar com eles
- c9. Não uso *WhatsApp*

- d) Seus colegas de trabalho

- d1. Mais de cinco vezes por dia
- d2. De uma a três vezes por dia
- d3. Ao menos uma vez por dia
- d4. Quase todos os dias
- d5. Algumas vezes por semana
- d6. Menos de uma vez por semana
- d7. Uma vez por mês ou menos
- d8. Não uso *WhatsApp* para me comunicar com eles
- d9. Não uso *WhatsApp*

- e) Seus clientes

- e1. Mais de cinco vezes por dia
- e2. De uma a três vezes por dia
- e3. Ao menos uma vez por dia
- e4. Quase todos os dias
- e5. Algumas vezes por semana
- e6. Menos de uma vez por semana
- e7. Uma vez por mês ou menos
- e8. Não uso *WhatsApp* para me comunicar com eles
- e9. Não uso *WhatsApp*

- f) Escola dos filhos, professores dos filhos

- f1. Mais de cinco vezes por dia
- f2. De uma a três vezes por dia
- f3. Ao menos uma vez por dia
- f4. Quase todos os dias
- f5. Algumas vezes por semana
- f6. Menos de uma vez por semana
- f7. Uma vez por mês ou menos
- f8. Não uso *WhatsApp* para me comunicar com eles
- f9. Não uso *WhatsApp*

- g) Estabelecimentos comerciais

- g1. Mais de cinco vezes por dia
- g2. De uma a três vezes por dia
- g3. Ao menos uma vez por dia
- g4. Quase todos os dias
- g5. Algumas vezes por semana
- g6. Menos de uma vez por semana
- g7. Uma vez por mês ou menos
- g8. Não uso *WhatsApp* para me comunicar com eles
- g9. Não uso *WhatsApp*

Cont. Perg 10:

(Estimulada e múltipla)

Com que frequência você diria que utiliza o *WhatsApp* para se comunicar com _____ ?

- h) Serviços diversos

- h1. Mais de cinco vezes por dia
- h2. De uma a três vezes por dia
- h3. Ao menos uma vez por dia
- h4. Quase todos os dias
- h5. Algumas vezes por semana
- h6. Menos de uma vez por semana
- h7. Uma vez por mês ou menos
- h8. Não uso *WhatsApp* para me comunicar com eles
- h9. Não uso *WhatsApp*

- i) Estabelecimentos comerciais para compras ou informações

- i1. Mais de cinco vezes por dia
- i2. De uma a três vezes por dia
- i3. Ao menos uma vez por dia
- i4. Quase todos os dias
- i5. Algumas vezes por semana
- i6. Menos de uma vez por semana
- i7. Uma vez por mês ou menos
- i8. Não uso *WhatsApp* para me comunicar com eles
- i9. Não uso *WhatsApp*

- j) Prestadores de serviços para sua casa

- j1. Mais de cinco vezes por dia
- j2. De uma a três vezes por dia
- j3. Ao menos uma vez por dia
- j4. Quase todos os dias
- j5. Algumas vezes por semana
- j6. Menos de uma vez por semana
- j7. Uma vez por mês ou menos
- j8. Não uso *WhatsApp* para me comunicar com eles
- j9. Não uso *WhatsApp*

- k) Serviços de saúde para você ou alguém da sua família – médicos, clínicas, psicólogos, fisioterapeutas

- k1. Mais de cinco vezes por dia
- k2. De uma a três vezes por dia
- k3. Ao menos uma vez por dia
- k4. Quase todos os dias
- k5. Algumas vezes por semana
- k6. Menos de uma vez por semana
- k7. Uma vez por mês ou menos
- k8. Não uso *WhatsApp* para me comunicar com eles
- k9. Não uso *WhatsApp*

- l) Prestadoras de serviços para o seu carro

- l1. Mais de cinco vezes por dia
- l2. De uma a três vezes por dia
- l3. Ao menos uma vez por dia
- l4. Quase todos os dias
- l5. Algumas vezes por semana
- l6. Menos de uma vez por semana
- l7. Uma vez por mês ou menos
- l8. Não uso *WhatsApp* para me comunicar com eles
- l9. Não uso *WhatsApp*

Cont. Perg. 10:

(Estimulada e múltipla)

Com que frequência você diria que utiliza o *WhatsApp* para se comunicar com _____ ?

- m) Advogado, gerente de banco ou outros profissionais para trocar informações sigilosas

- m1. Mais de cinco vezes por dia
- m2. De uma a três vezes por dia
- m3. Ao menos uma vez por dia
- m4. Quase todos os dias
- m5. Algumas vezes por semana
- m6. Menos de uma vez por semana
- m7. Uma vez por mês ou menos
- m8. Não uso *WhatsApp* para me comunicar com eles
- m9. Não uso *WhatsApp*

Perg.11:

(Estimulada/Múltipla)

O *WhatsApp* influenciou você, interferiu negativamente ou atrapalhou de alguma maneira no seu dia a dia?

- a. O *WhatsApp* me atrapalha ou dispersa e desconcentra nos estudos
- b. O *WhatsApp* me atrapalha ou dispersa e desconcentra no trabalho
- c. O *WhatsApp* me atrapalha ou dispersa e desconcentra nas relações com parceiro(a)
- d. O *WhatsApp* me atrapalha ou dispersa e desconcentra nas relações com familiares
- e. O *WhatsApp* me atrapalha ou dispersa e desconcentra nas relações com amigos
- f. Outros Não.
- g. NS/NR

Perg. 12:

(Estimulada / Escalada)

Quanto à afirmativa abaixo, você diria que você:

O *WhatsApp* interfere negativamente na vida das pessoas porque as deixam mais abertas, disponíveis, *online* e grudadas no aplicativo.

- a. Concorda totalmente
- b. Concorda em parte
- c. Discorda em parte
- d. Discorda totalmente
- e. NS/NR

Perg.13:

(Estimulada/Múltipla)

O *WhatsApp* influenciou você, interferiu positivamente ou colaborou de alguma maneira no seu dia a dia?

- a. O *WhatsApp* me ajuda, apresentando ou aproximando colegas no estudo
- b. O *WhatsApp* me ajuda, aproximando de colegas de trabalho / profissão
- c. O *WhatsApp* me ajuda, aproximando nas relações com parceiro(a)
- d. O *WhatsApp* me ajuda, aproximando nas relações com familiares
- e. O *WhatsApp* me ajuda, aproximando nas relações com amigos
- f. Outros: _____

- g. NS/NR

Perg. 14:

(Estimulada / Escalada)

Quanto à afirmativa abaixo, você diria que:

O *WhatsApp* interfere positivamente na vida das pessoas porque as deixam mais abertas, disponíveis, *online* e ligadas na tecnologia.

- a. Concorda totalmente
- b. Concorda em parte
- c. Discorda em parte
- d. Discorda totalmente
- e. NS/NR

Perg. 15:

(Espontânea / Múltipla)

O que você entende por Sociabilidade?

- a. ter prazer em levar vida em comum
- b. estar inclinado a viver em companhia de outros
- c. gostar de viver em sociedade
- d. Outro: _____
- e. NS/NR

Perg. 16:

(Estimulada)

Quanto à afirmativa abaixo, você diria que:

Na minha opinião, o *WhatsApp* pode influenciar nos processos de sociabilidade das pessoas, aproximando-as, deixando-as mais abertas, disponíveis, *online* e ligadas pela tecnologia.

- a. Concorda totalmente
- b. Concorda em parte
- c. Discorda em parte
- d. Discorda totalmente
- e. NS/NR

Perg. 17:

(Estimulada)

Quanto à afirmativa abaixo, você diria que:

Na minha opinião, o *WhatsApp* é incapaz de influenciar nos processos de sociabilidade das pessoas, porque a tecnologia só pode criar uma forma artificial de relacionamento e sociabilidade.

- a. Concorda totalmente
- b. Concorda em parte
- c. Discorda em parte
- d. Discorda totalmente
- e. NS/NR

Perg 18:

(Estimulada)

Você se considera uma pessoa sociável?

- a. Sim
- b. Não
- c. NS/NR

Perg. 19

Quanto à sua sociabilidade, você diria que o uso do *WhatsApp*:

- a. Influenciou muito, tornando-me mais sociável
- b. Influenciou, tornando-me mais sociável

- c. Influenciou pouco
- d. Não influenciou na minha sociabilidade
- e. NS/NR

Perg. 20:

Você poderia exemplificar uma conduta de sociabilidade utilizando o *WhatsApp*?

- a. Sim. _____

- b. Não
- c. NS/NR

Perg. 21:

Você poderia dizer o que mais você sabe, mesmo que apenas de ouvir falar, sobre a sociabilidade através de ferramentas digitais como o *WhatsApp* ?

- a. Sim. _____

- b. Não.
- c. NS/NR

Perg. 22:

(Estimulada / Múltipla)

O que você entende por Solidariedade?

- a. um ato de bondade com o próximo
- b. união de simpatias, interesses e propósitos entre pessoas
- c. adesão bem-intencionada a uma causa de outras pessoas
- d. Outro: _____
- e. NS/NR

Perg. 23:

(Estimulada)

Quanto à afirmativa abaixo, você diria que:

Na minha opinião, o *WhatsApp* pode influenciar nos processos de solidariedade das pessoas, aproximando-as, deixando-as mais abertas, disponíveis, *online* e ligadas pela tecnologia.

- a. Concorda totalmente
- b. Concorda em parte
- c. Discorda em parte
- d. Discorda totalmente
- e. NS/NR

Perg. 24:

(Estimulada)

Você se considera uma pessoa solidária?

- a. Sim
- b. Não.
- c. NS/NR

Perg. 25

Quanto à sua solidariedade, você diria que o uso do *WhatsApp*:

- () a. Influenciou muito, tornando-me mais solidária
 () b. Influenciou tornando-me mais solidária
 () c. Influenciou pouco
 () d. Não influenciou na minha solidariedade
 () e. NS/NR

Perg. 26:

Você poderia exemplificar uma conduta de solidariedade utilizando o *WhatsApp*?

- () a. Sim.

- () b. Não.

- () c. NS/NR

Perg. 27:

Você poderia dizer o que mais você sabe, mesmo que apenas de ouvir falar, sobre a solidariedade através de ferramentas digitais como o *WhatsApp* ?

- () a. Sim.

- () b. Não.

- () c. NS/NR

QUALIFICAÇÃO

Perg. 28

Por favor, informe seu nome:

Nome:

Perg. 29

Indique seu gênero:

- () a. Masculino

- () b. Feminino

- () c. Outro: Especificar: _____ .

Perg. 30

Indique sua data de nascimento: Dia: _____ Mês: _____ Ano: _____

Perg. 31

Indique seu local de Nascimento: Cidade: _____ UF: _____

Residência:

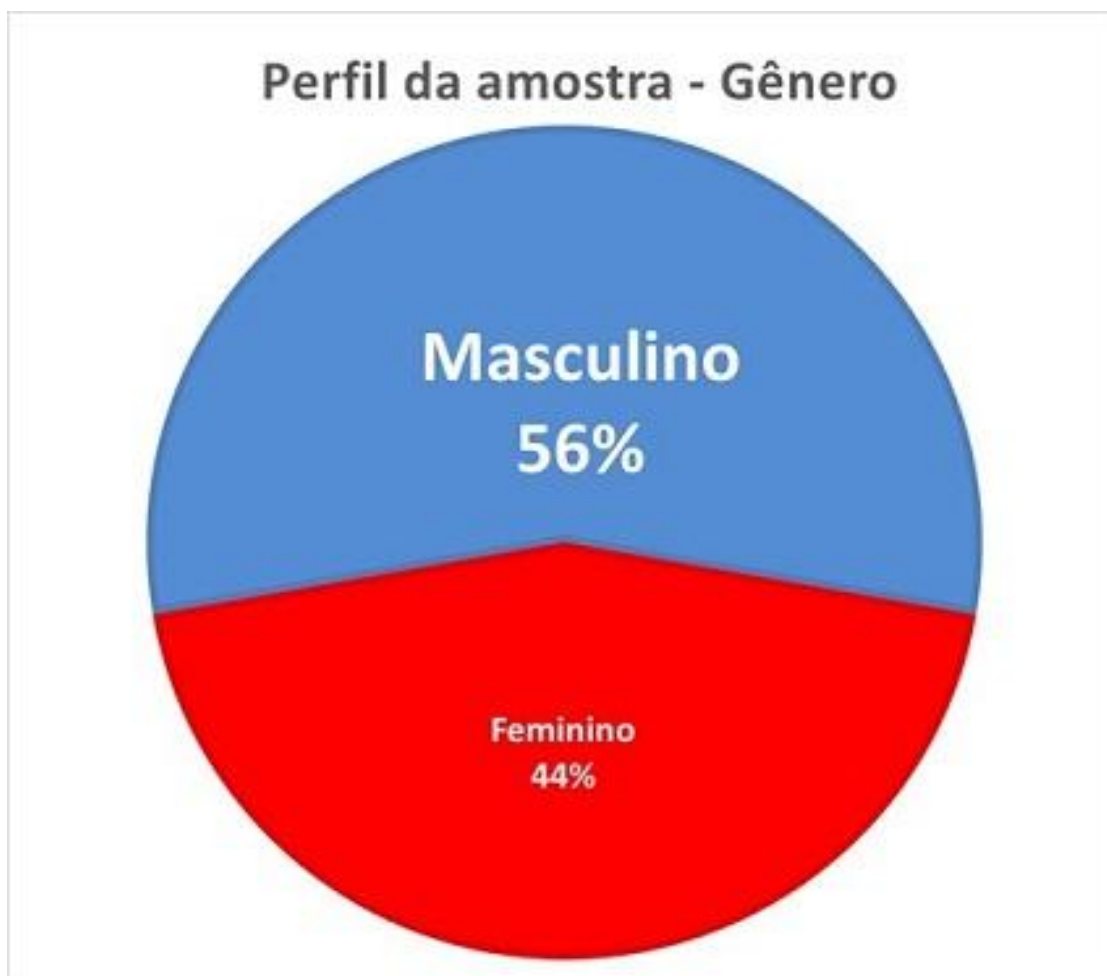
Rua: _____

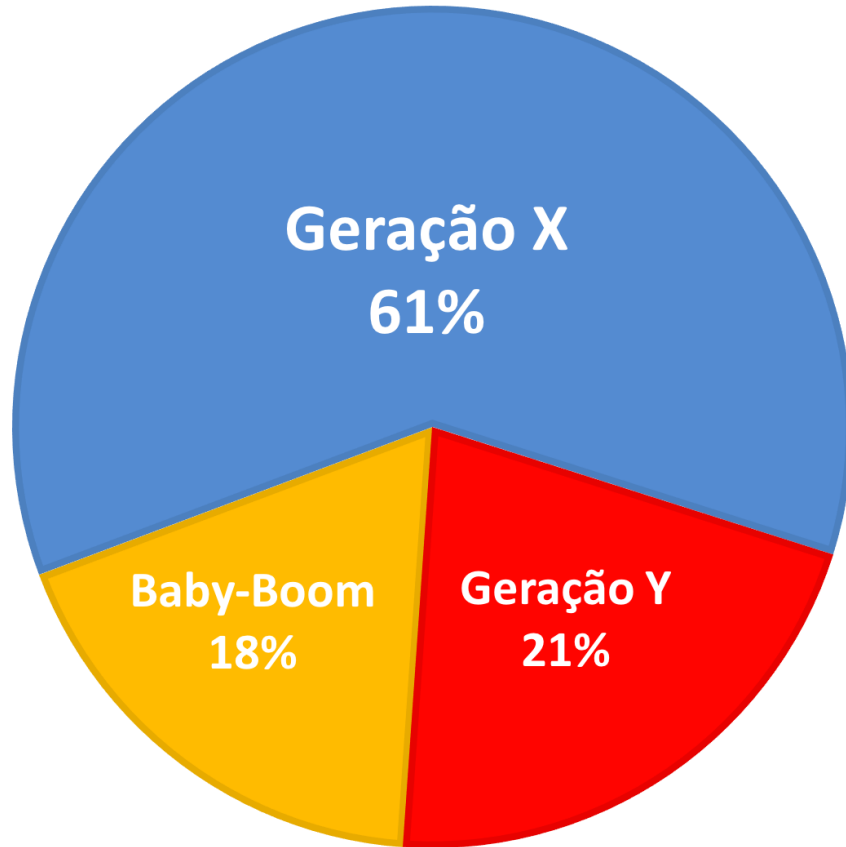
Número _____ Complemento: _____

Bairro : _____

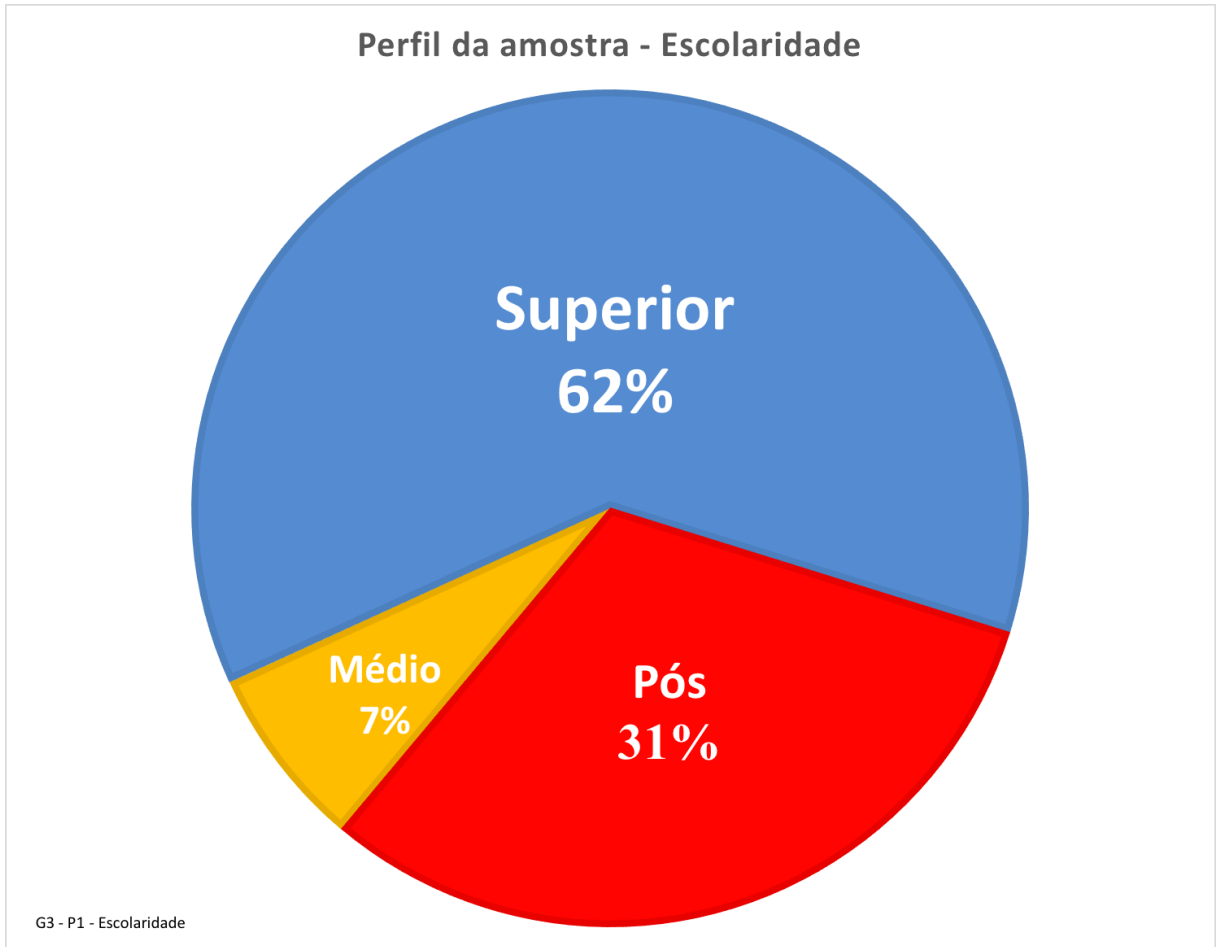
Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

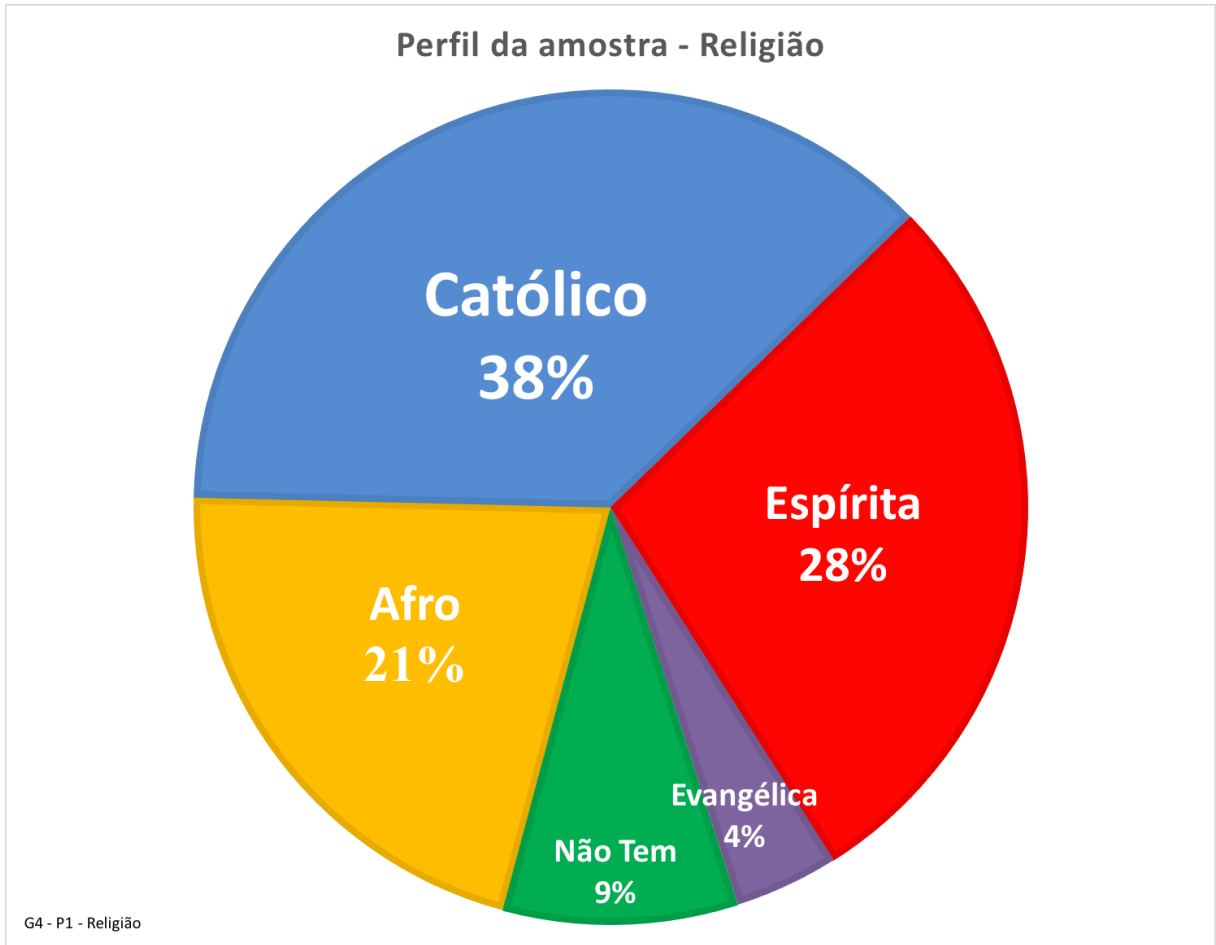
Escolaridade: _____ Profissão: _____ Religião: _____

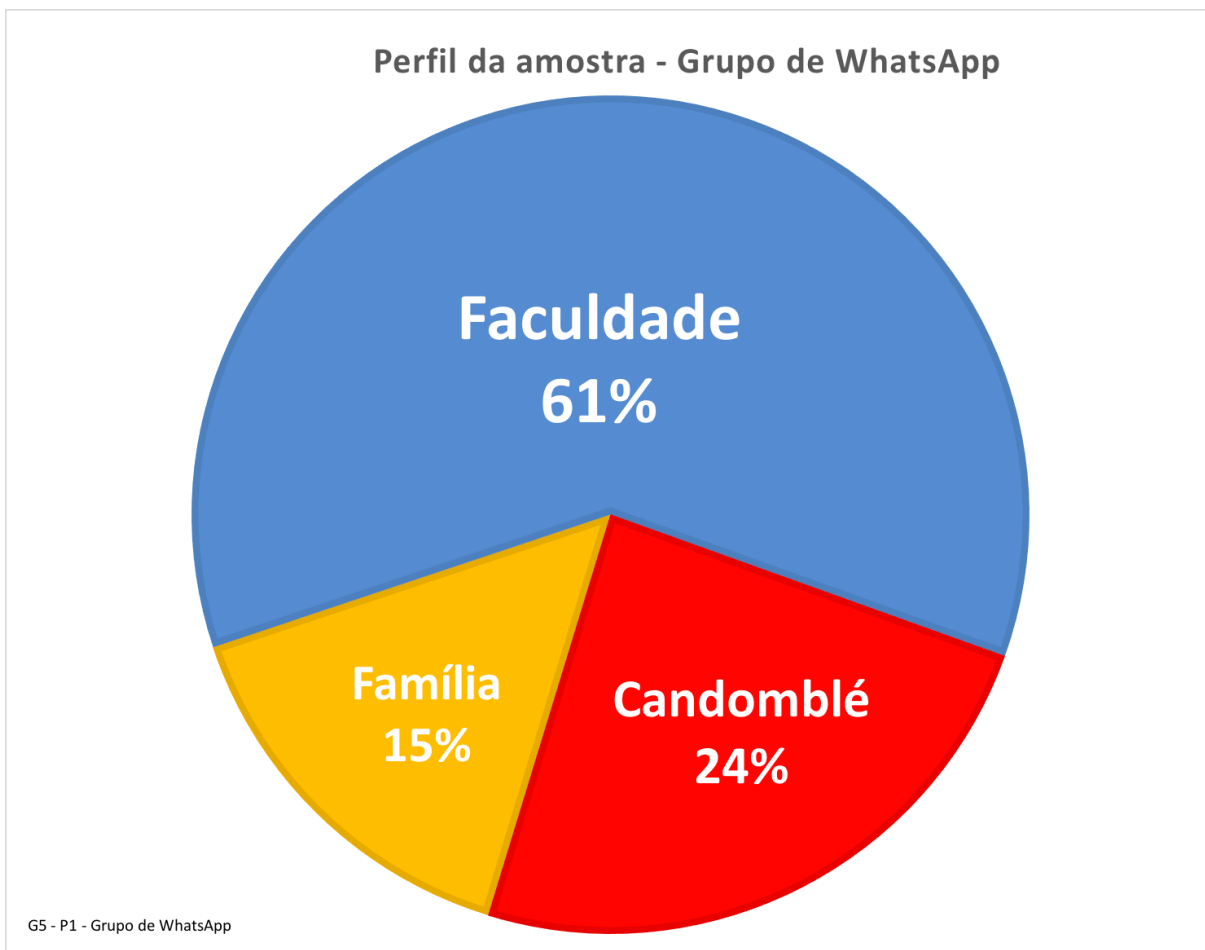
RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO FASE II

Perfil da amostra - Geração

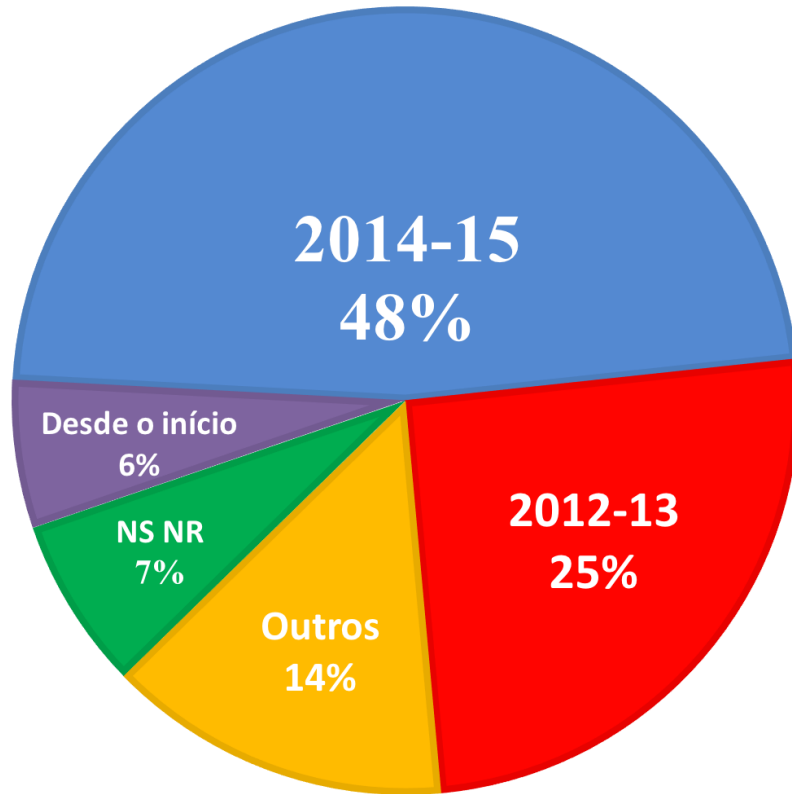
G2 - P1 - Geração



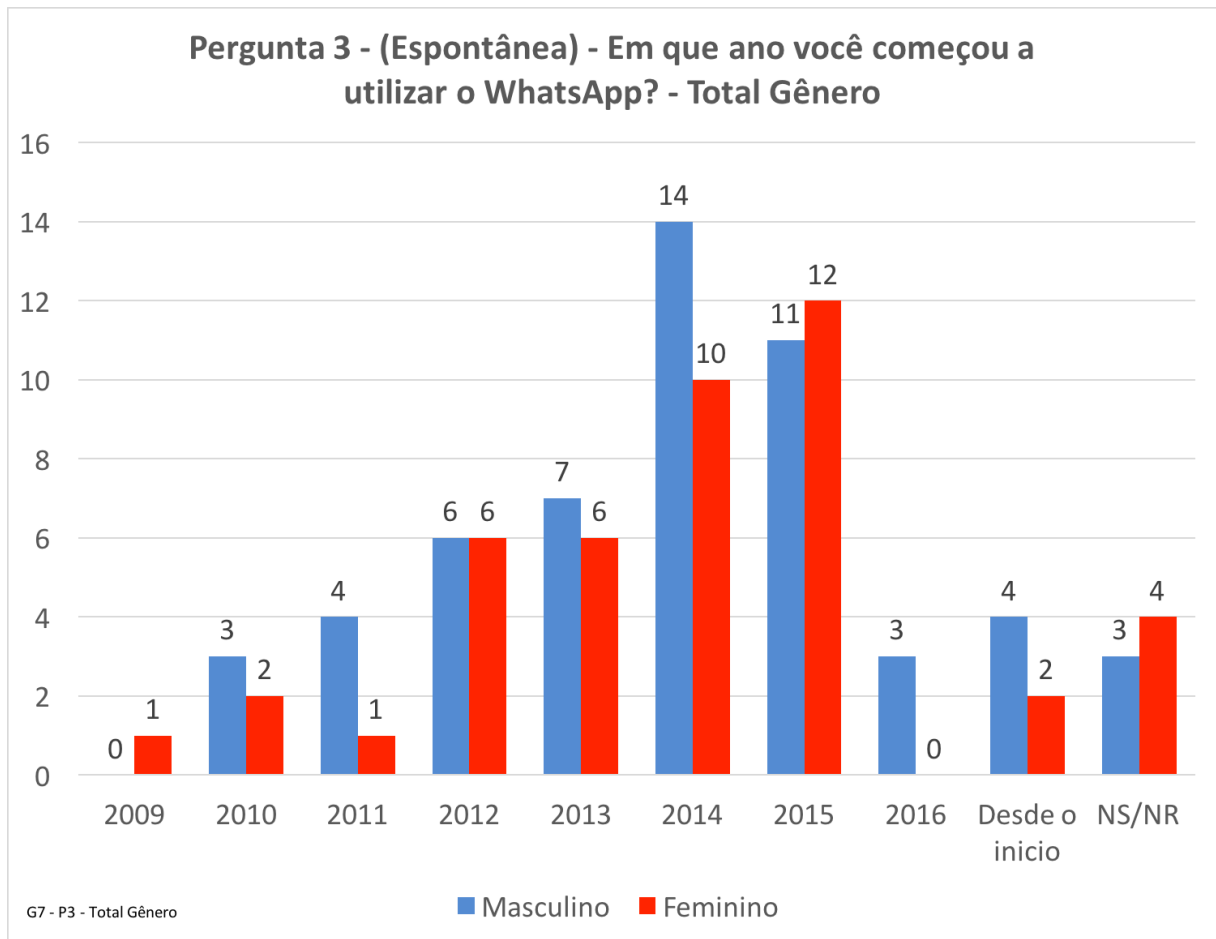




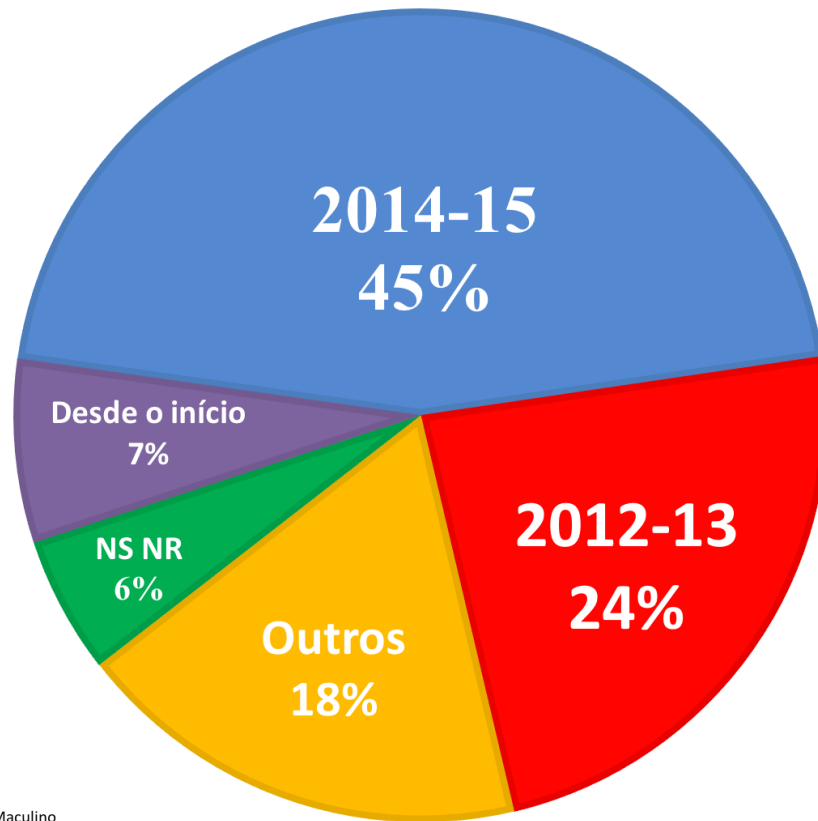
Pergunta 3 - (Espontânea) - Em que ano você começou a utilizar o WhatsApp? - Total Geral



G6 - P3 - Total Geral

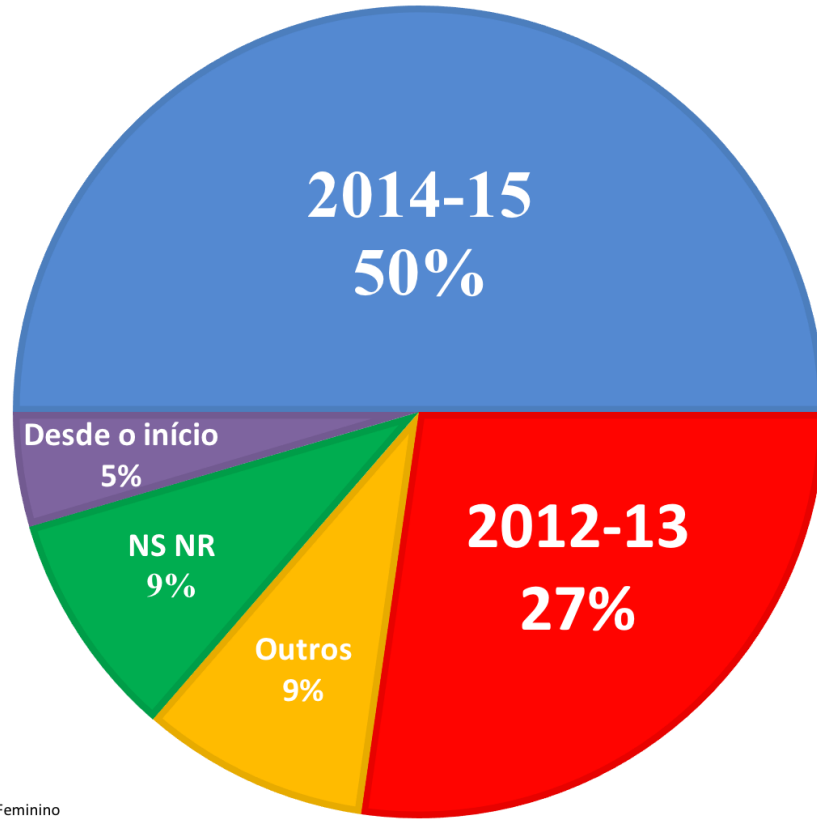


Perg. 3 - (Espontânea) - Em que ano você começou a utilizar o WhatsApp? Gênero Masculino

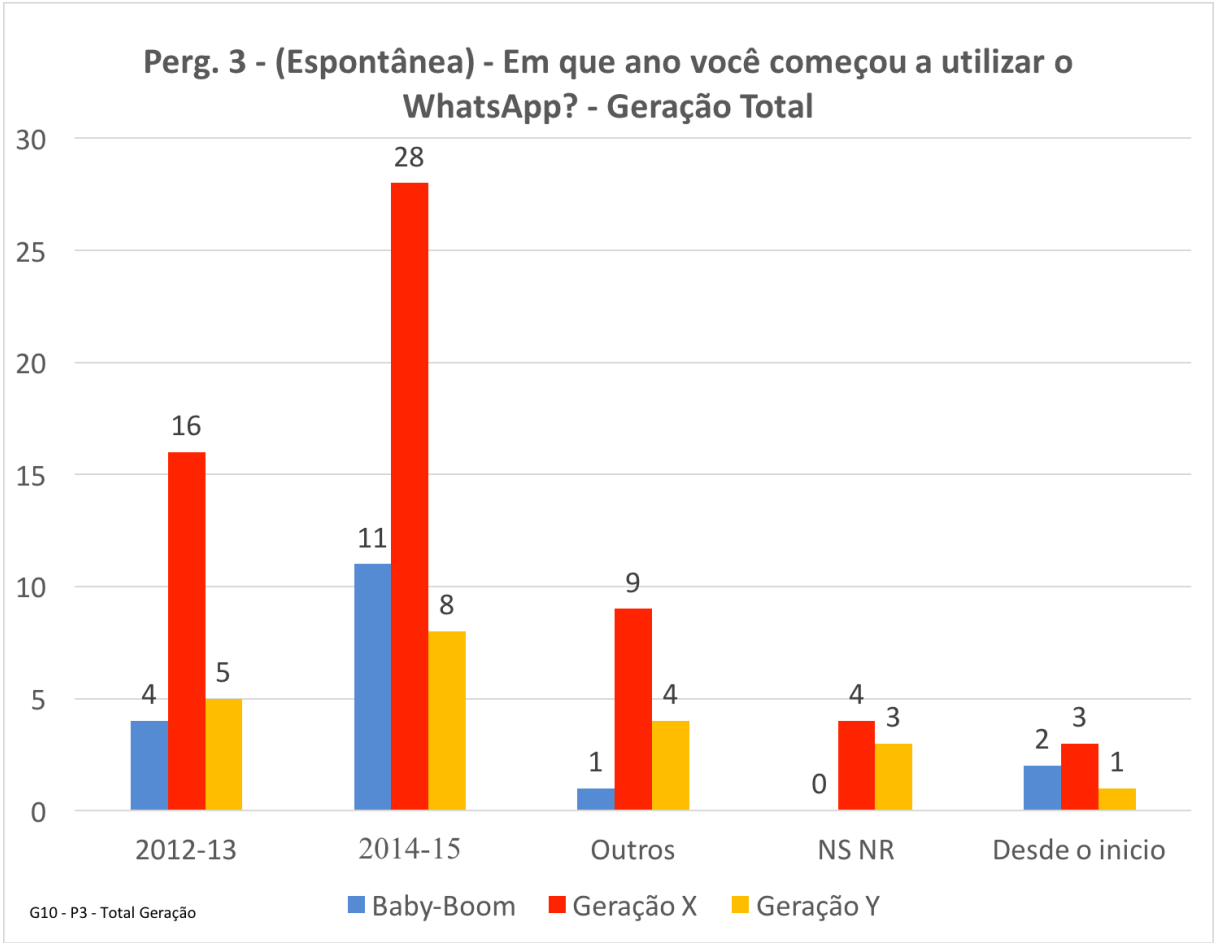


G8 - P3 - Total Gênero Maculino

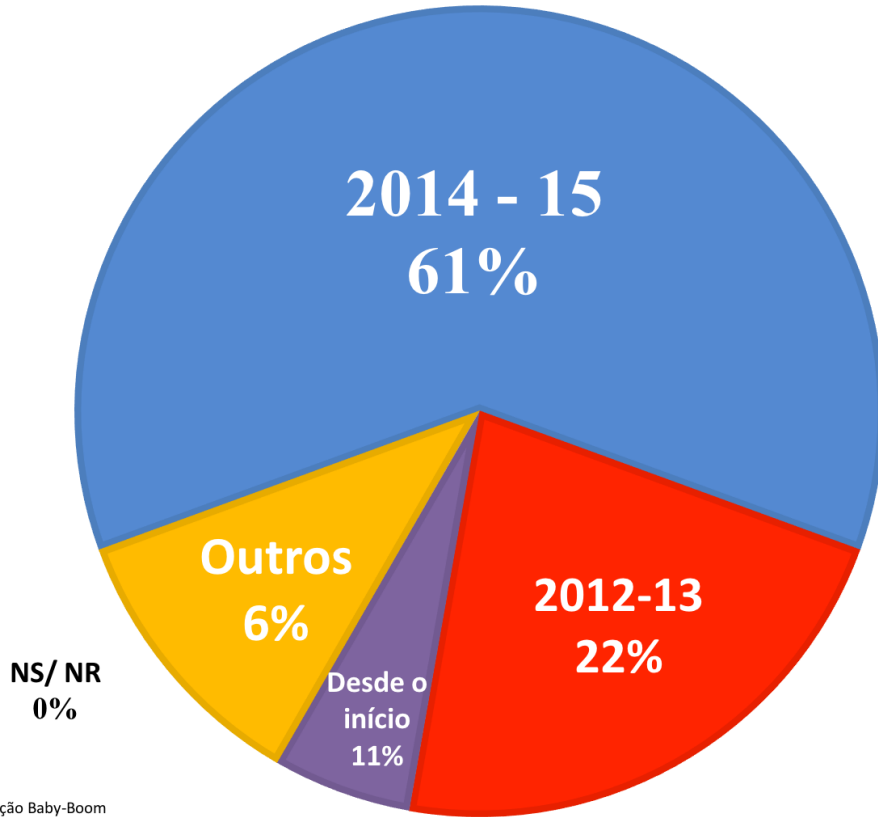
Perg. 3 - (Espontânea) - Em que ano você começou a utilizar o WhatsApp? Gênero Feminino



G9 - P3 - Total Gênero Feminino

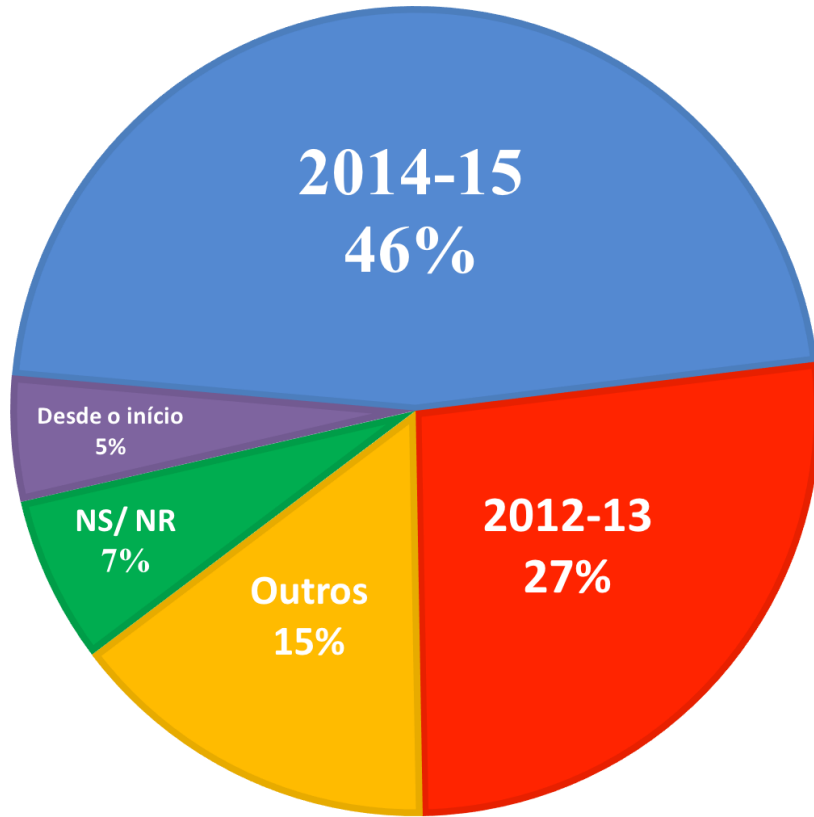


Perg. 3 - (Espontânea) - Em que ano você começou a utilizar o WhatsApp? - Geração Baby-Boom



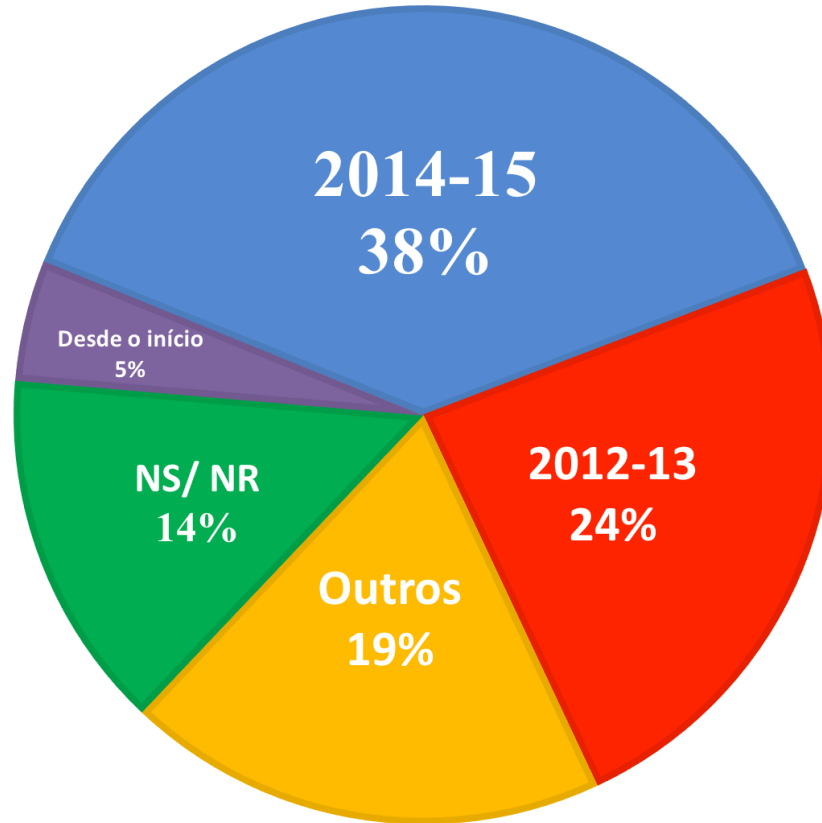
G11 - P3 - Geração Baby-Boom

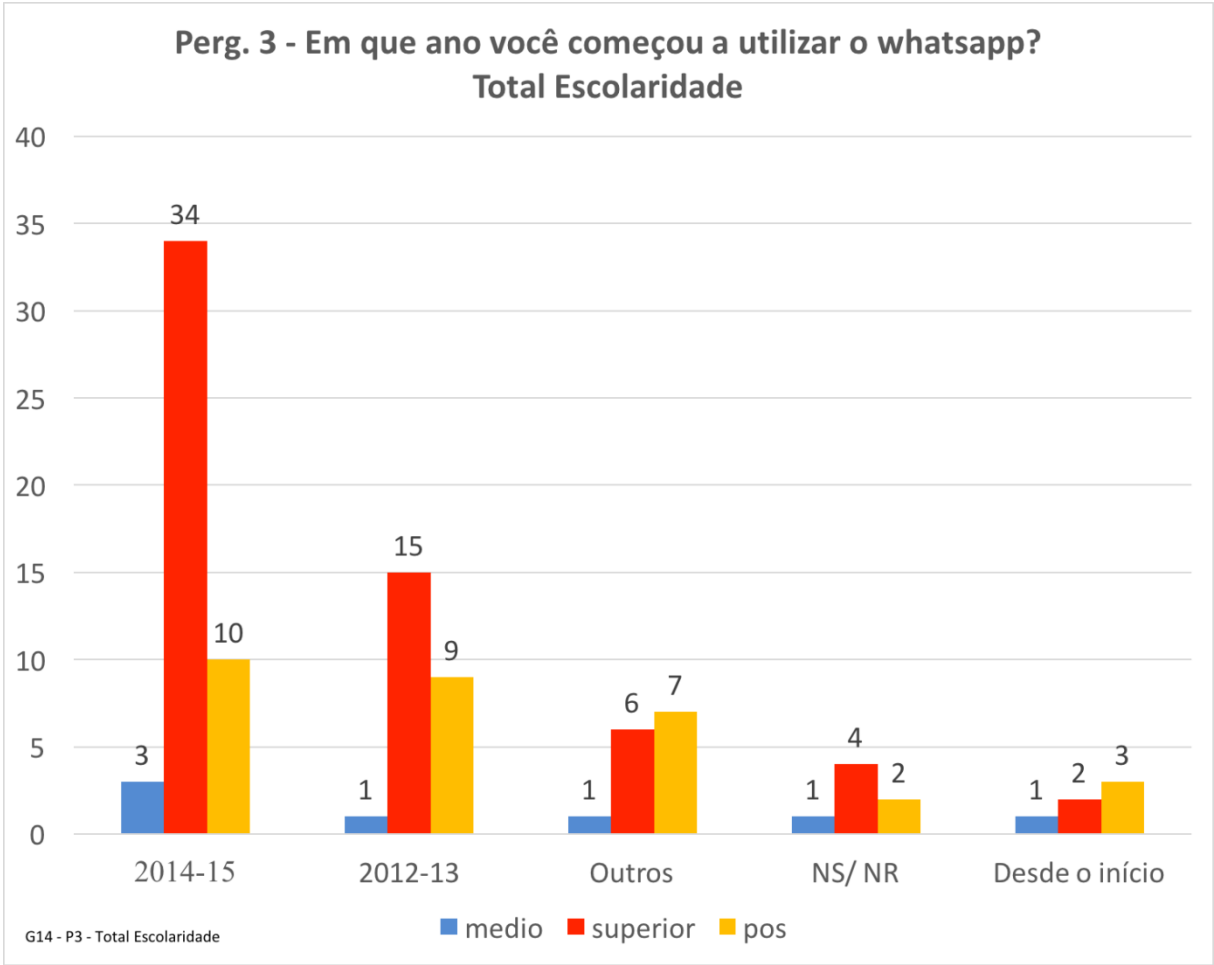
Perg. 3 - (Espontânea) - Em que ano você começou a utilizar o WhatsApp? - Geração X

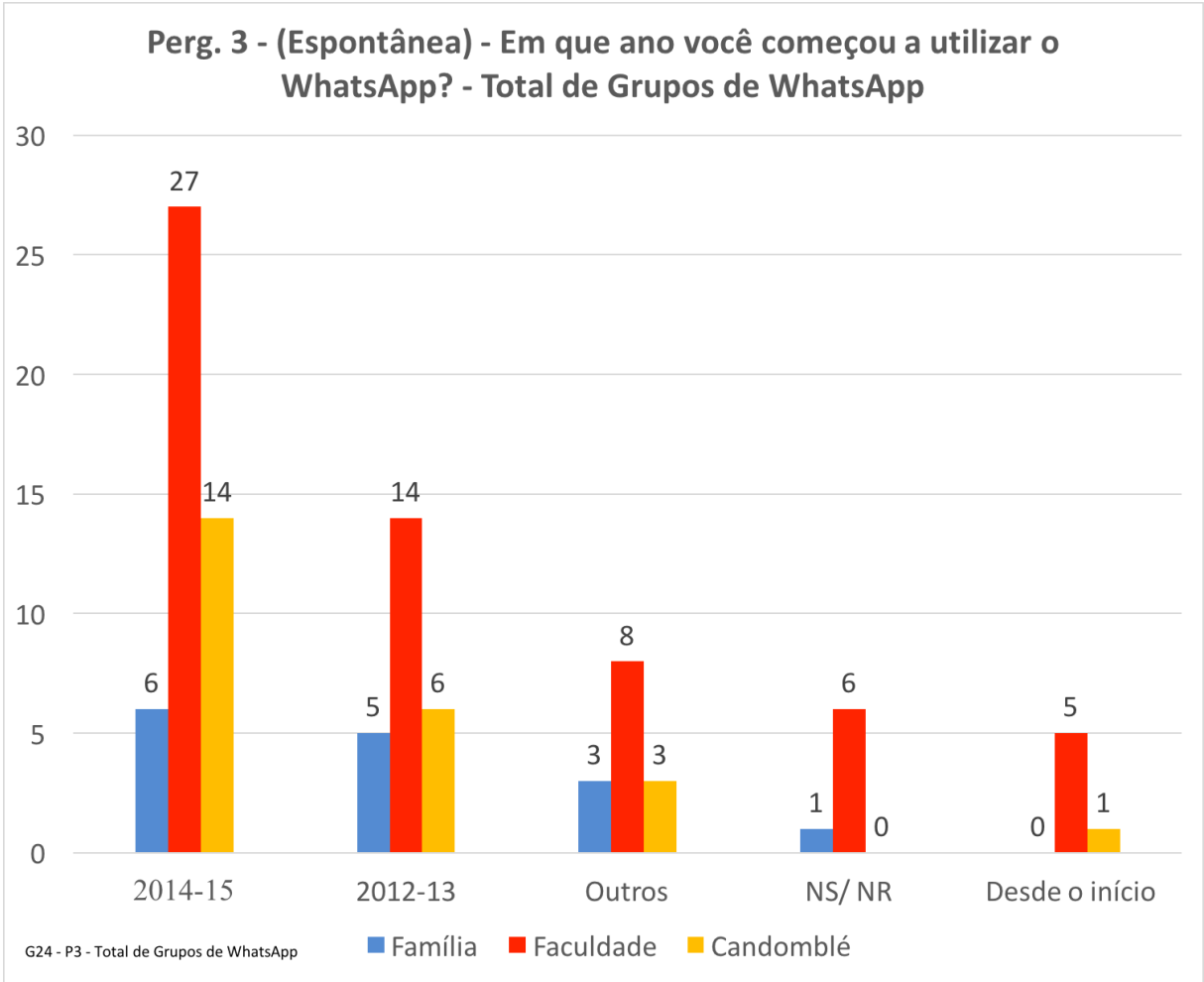


G12 - P3 - Geração X

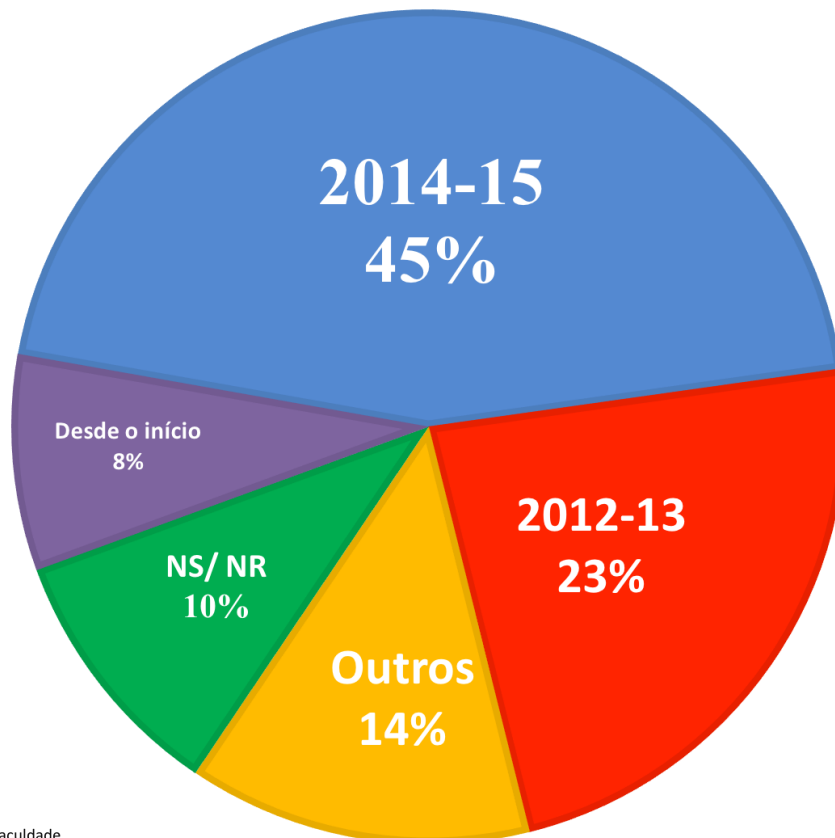
Perg. 3 - (Espontânea) - Em que ano você começou a utilizar o WhatsApp? - Geração Y



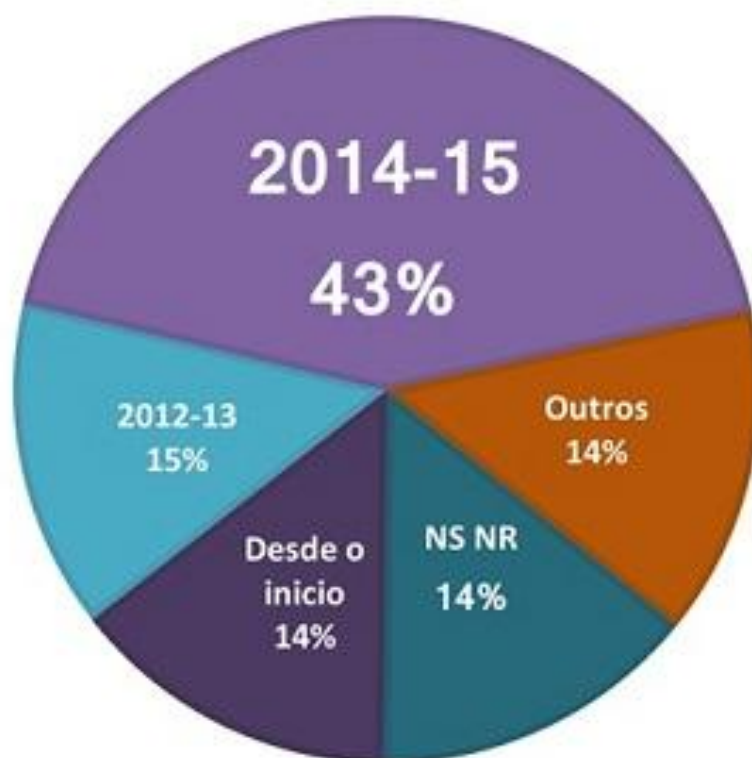




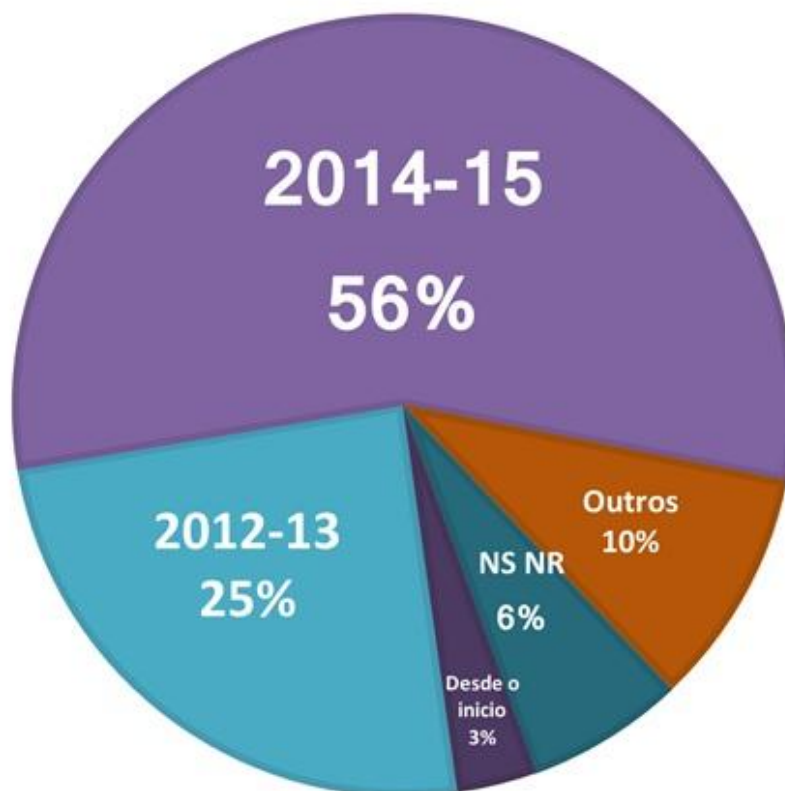
Perg. 3 - (Espontânea) - Em que ano você começou a utilizar o WhatsApp? Grupo de Faculdade



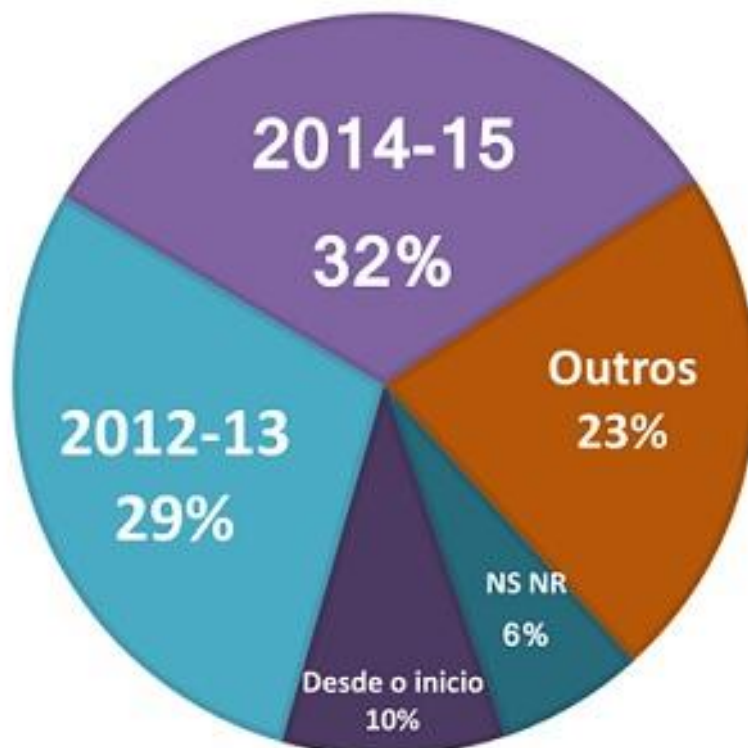
Perg. 3 - (Espontânea) - Em que ano você começou a utilizar o WhatsApp? - Escolaridade - Médio

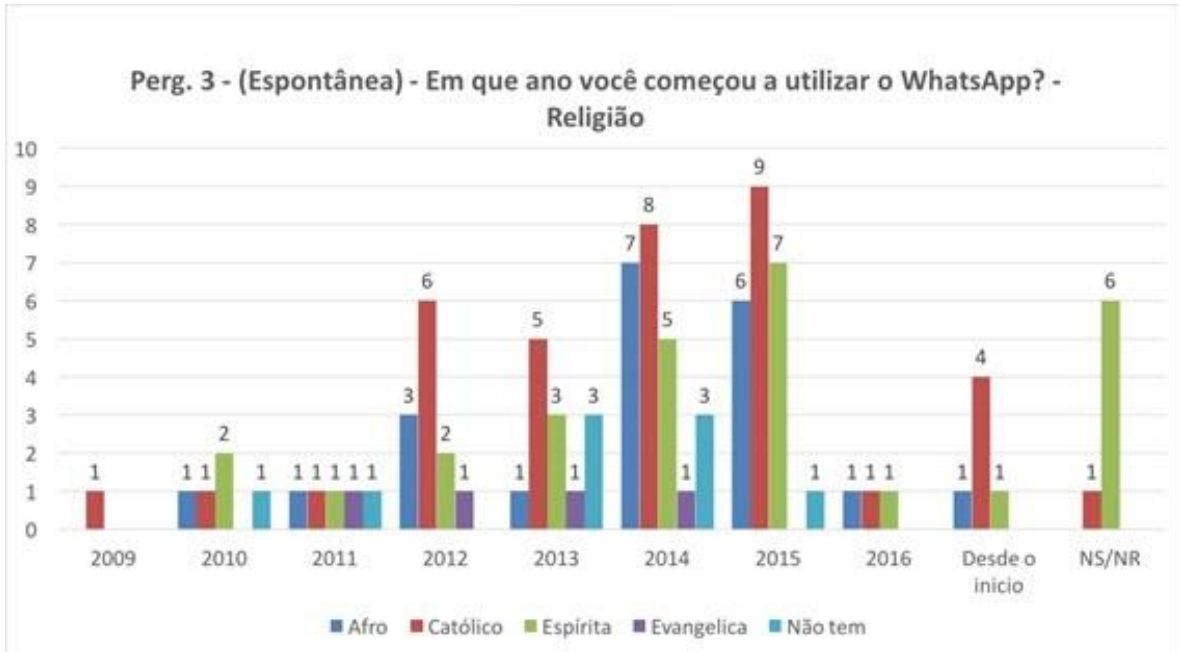


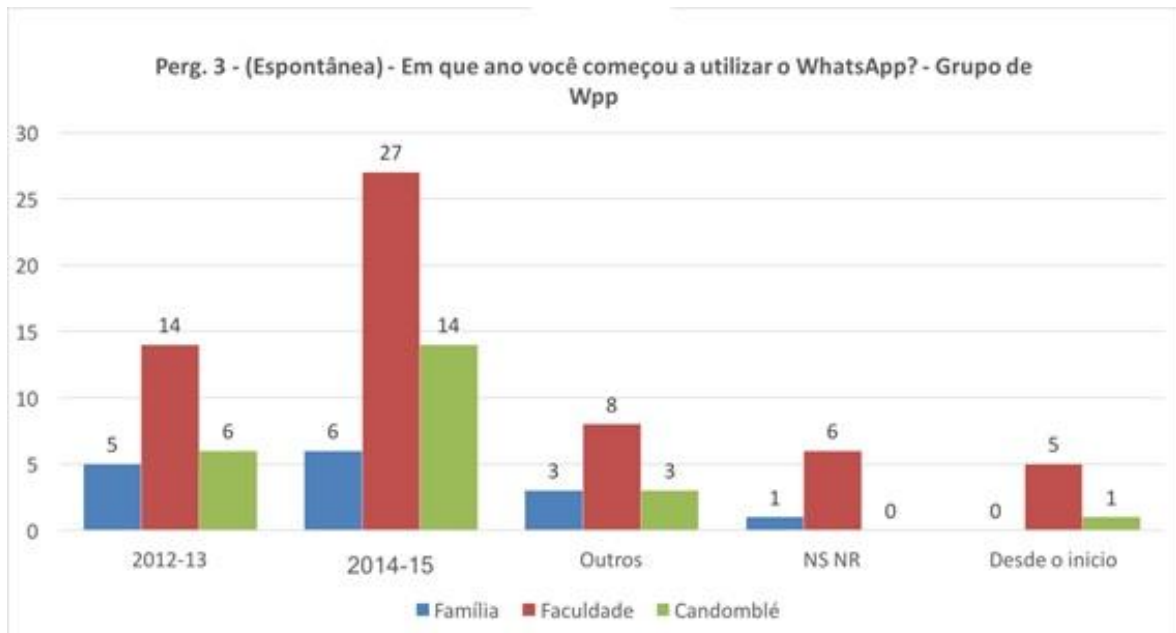
Perg. 3 - (Espontânea) - Em que ano você começou a utilizar o WhatsApp? - Escolaridade - Superior



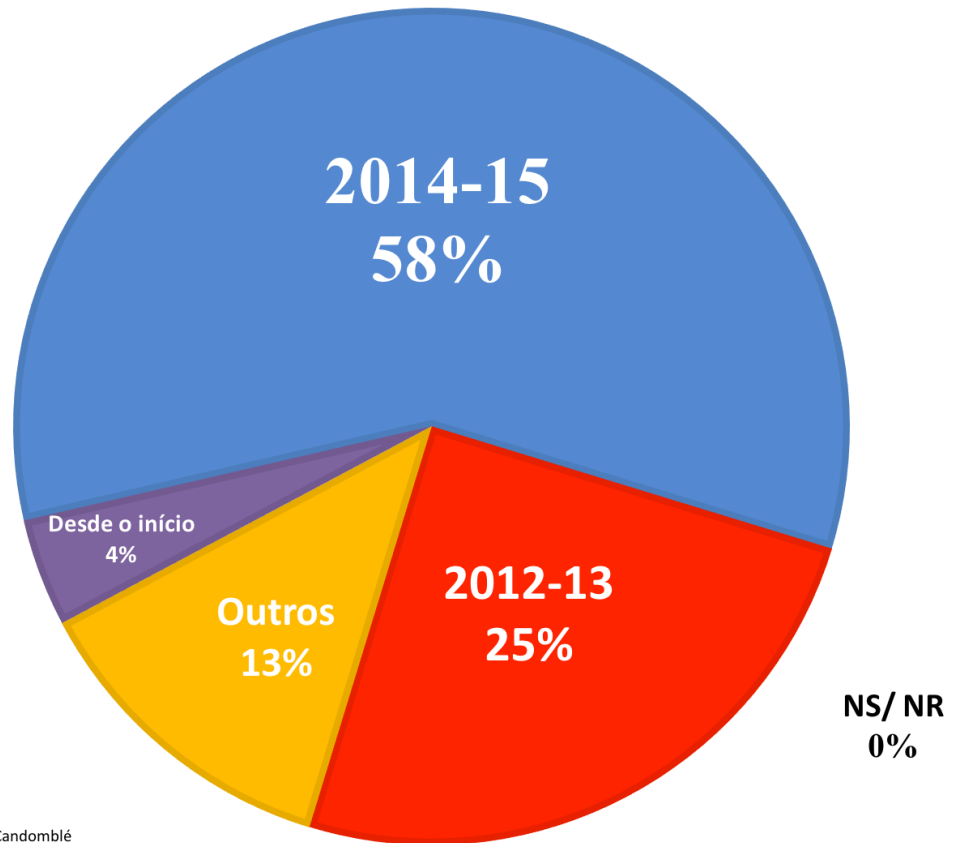
Perg. 3 - (Espontânea) - Em que ano você começou a utilizar o WhatsApp? - Escolaridade - Pós

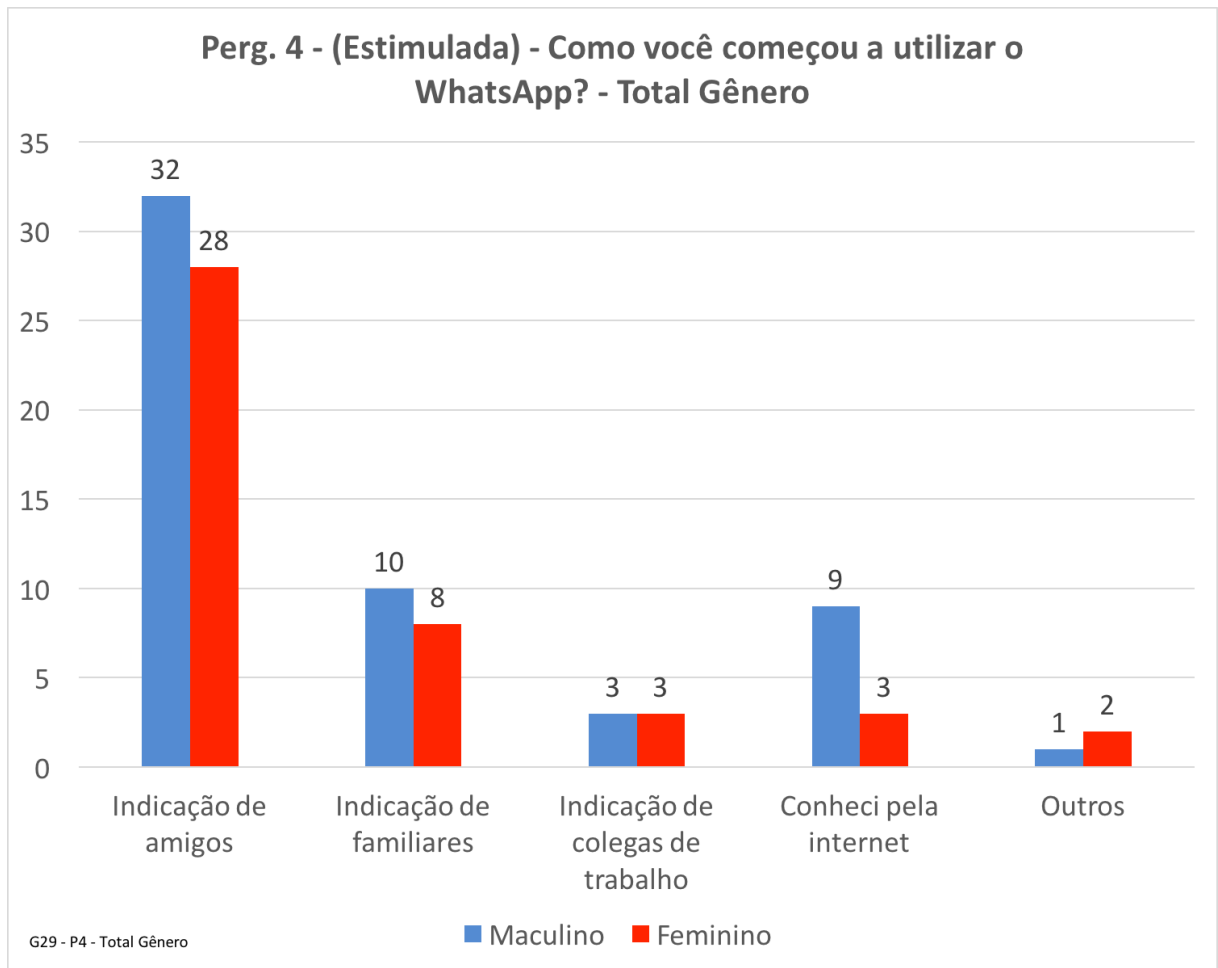


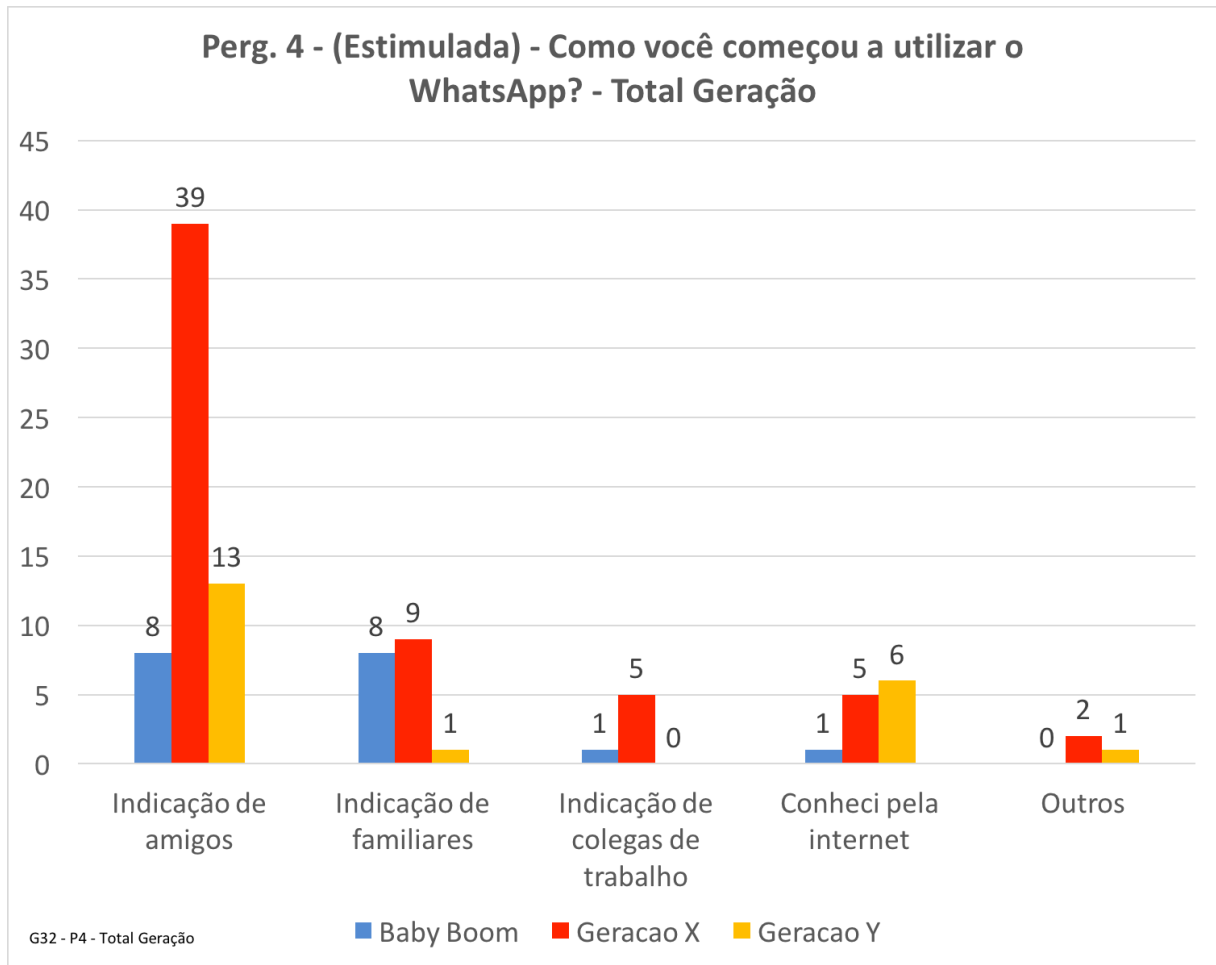


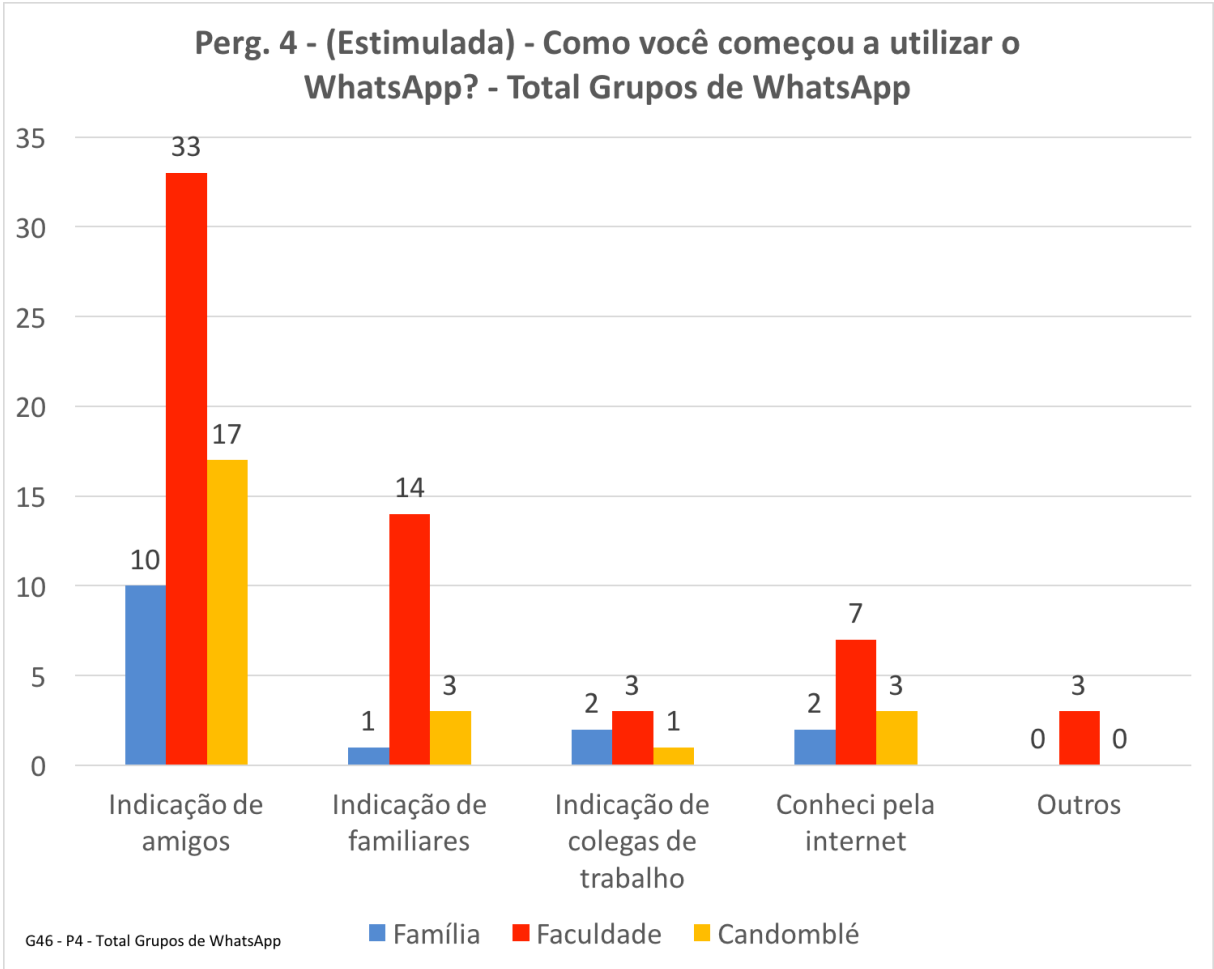


Perg. 3 - (Espontânea) - Em que ano você começou a utilizar o WhatsApp? Grupo de Candomblé





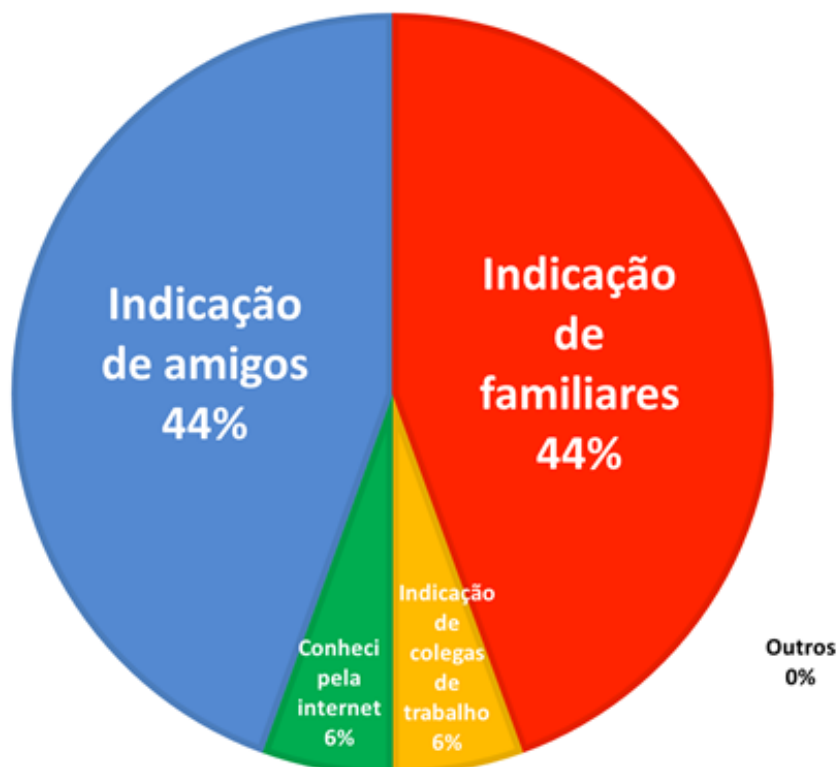




Perg. 4 - (Estimulada) - Como você começou a utilizar o WhatsApp? - Total Geral



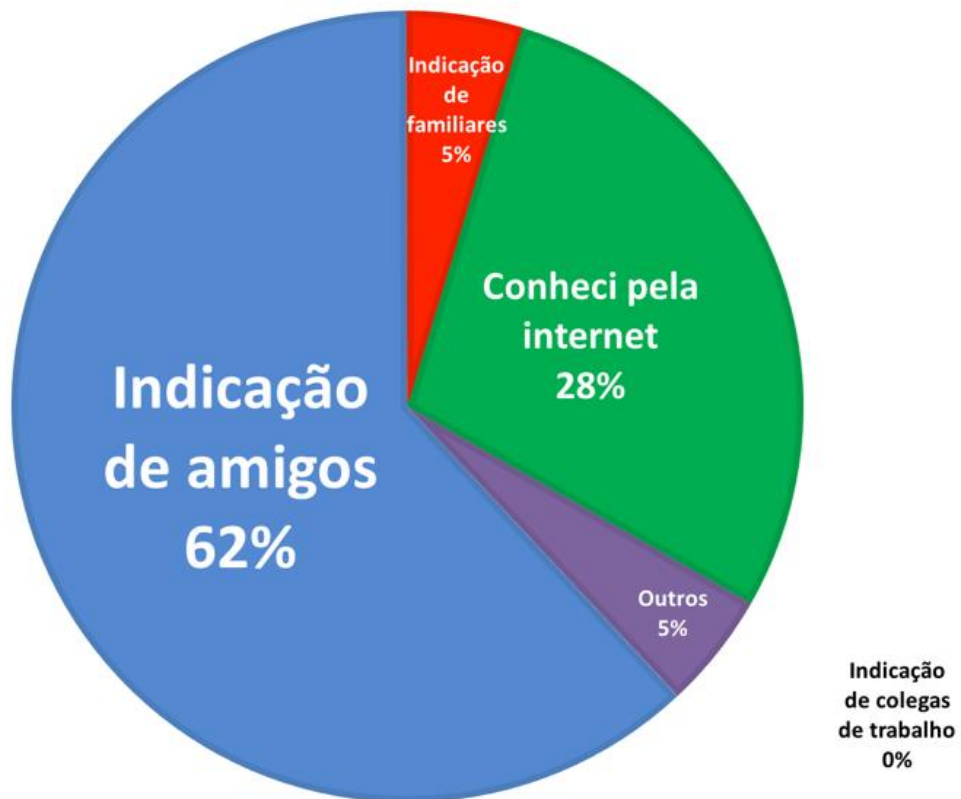
Perg. 4 - (Estimulada) - Como você começou a utilizar o WhatsApp? - Geração Baby-Boomer

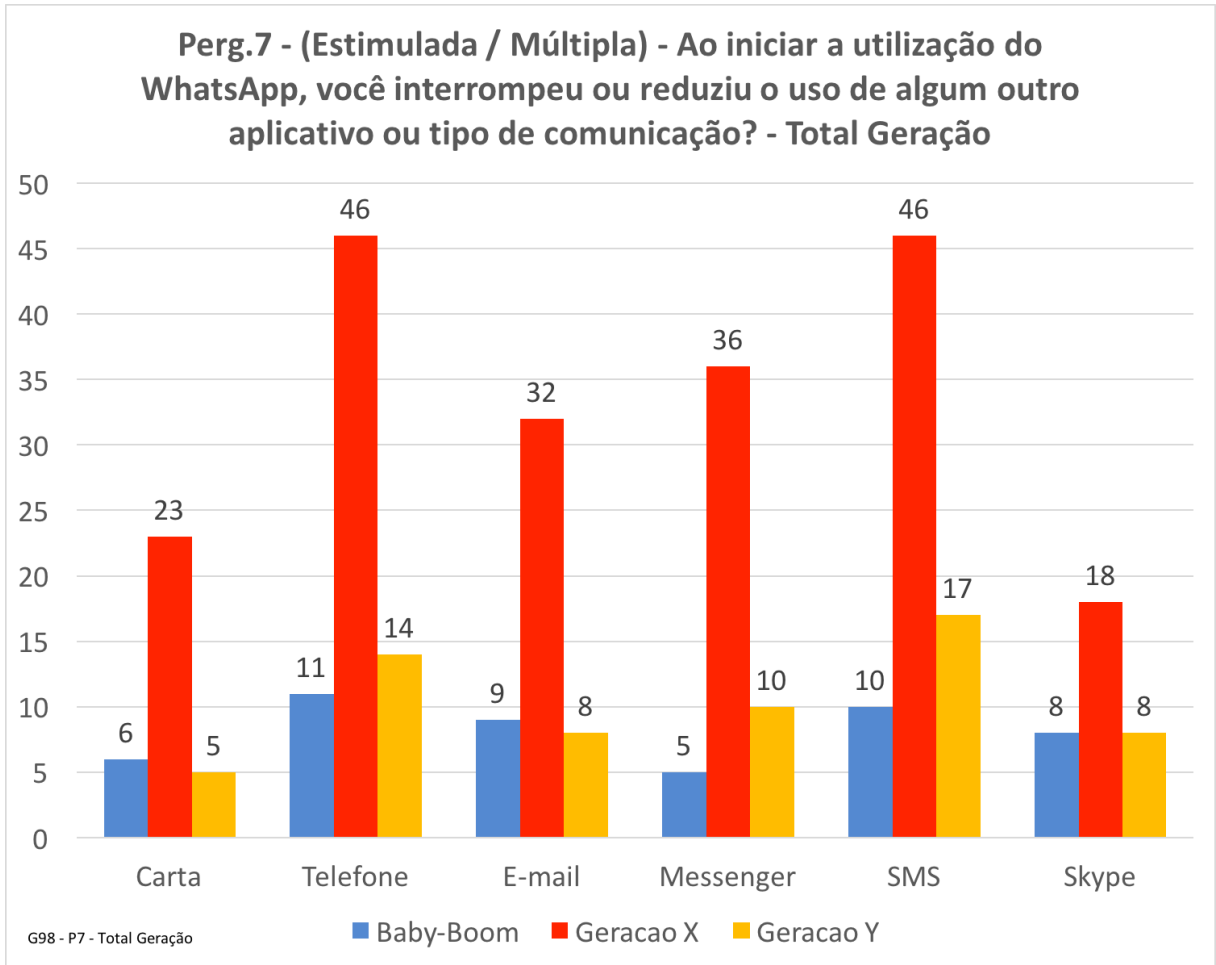


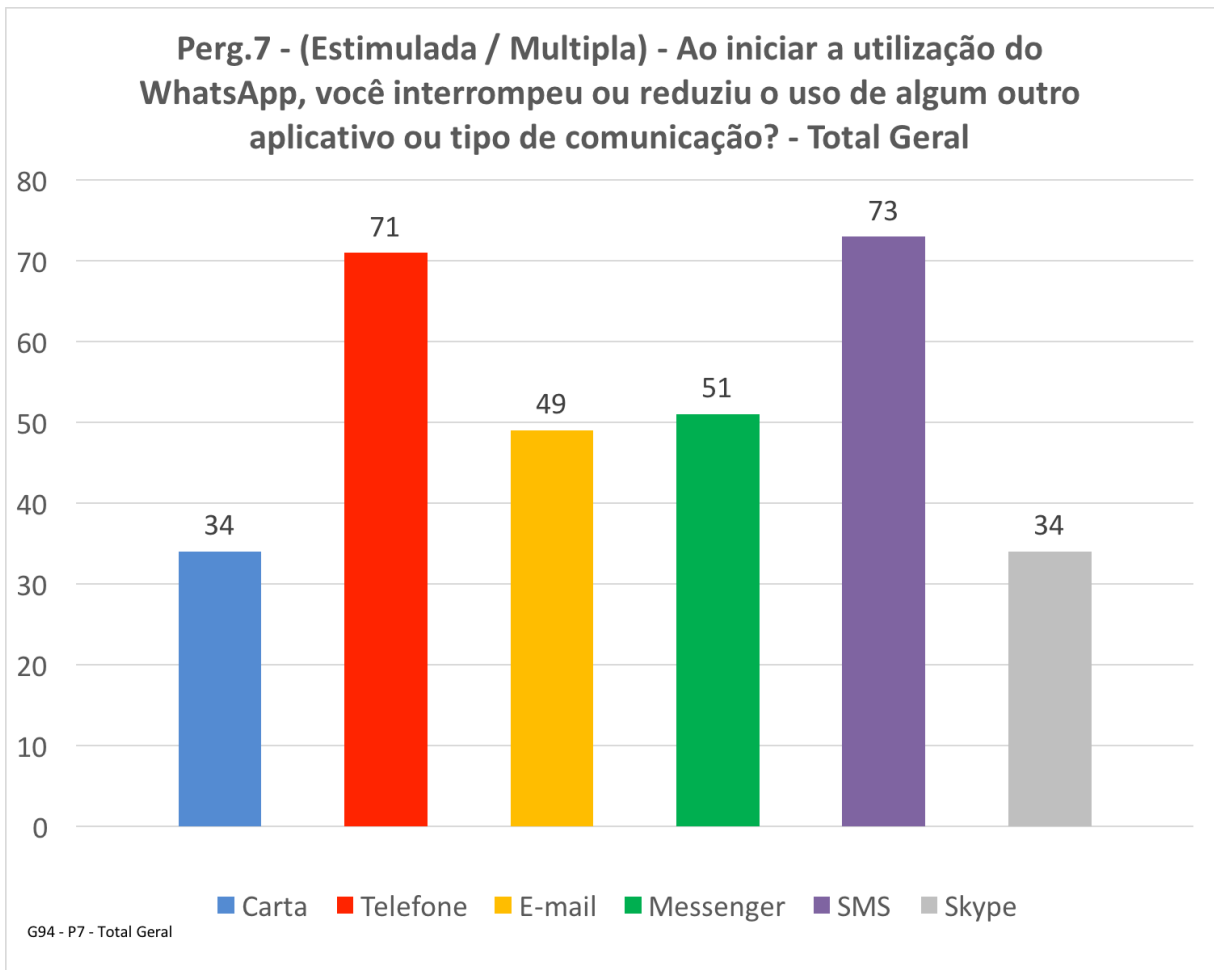
Perg. 4 - (Estimulada) - Como você começou a utilizar o WhatsApp? - Geração X

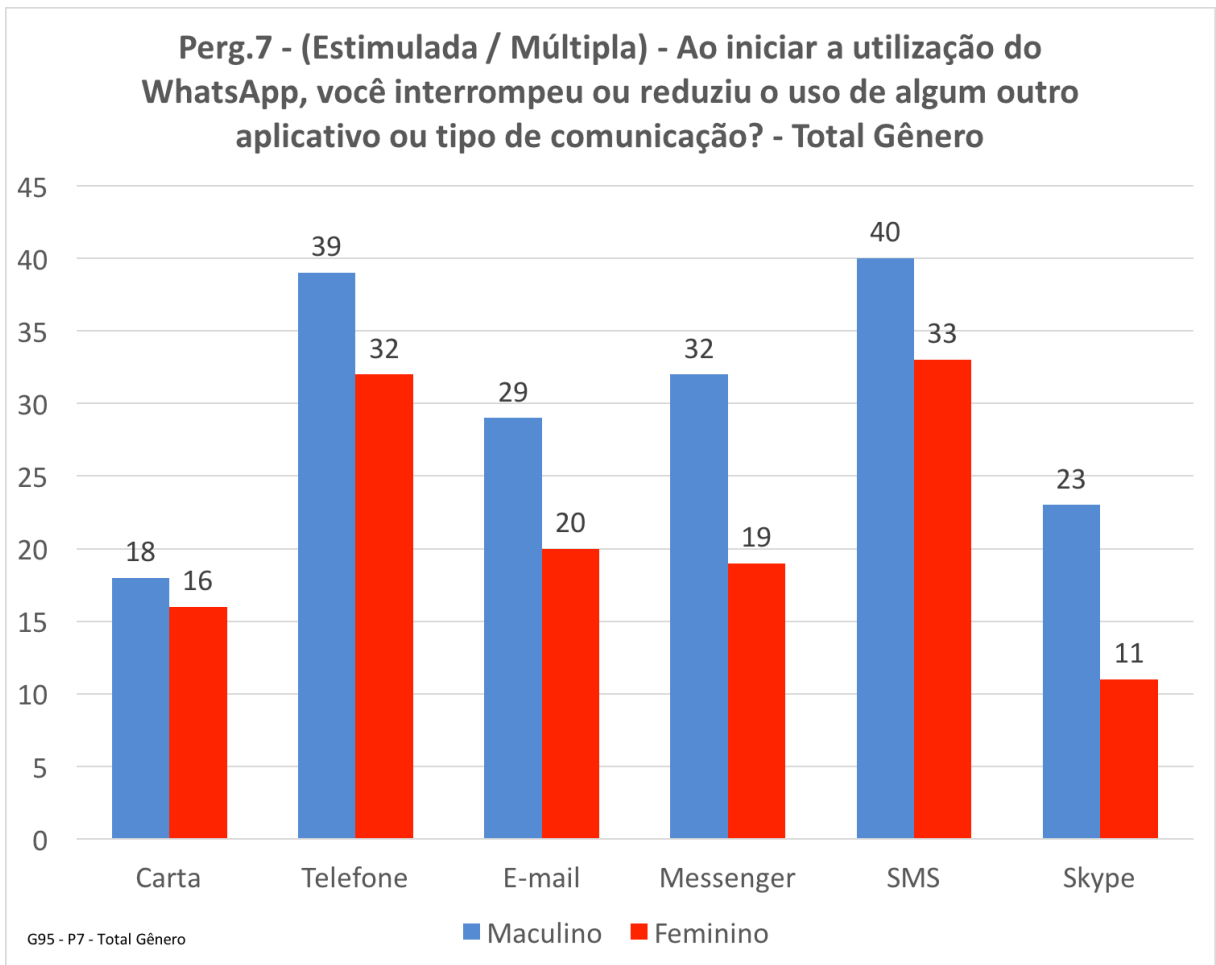


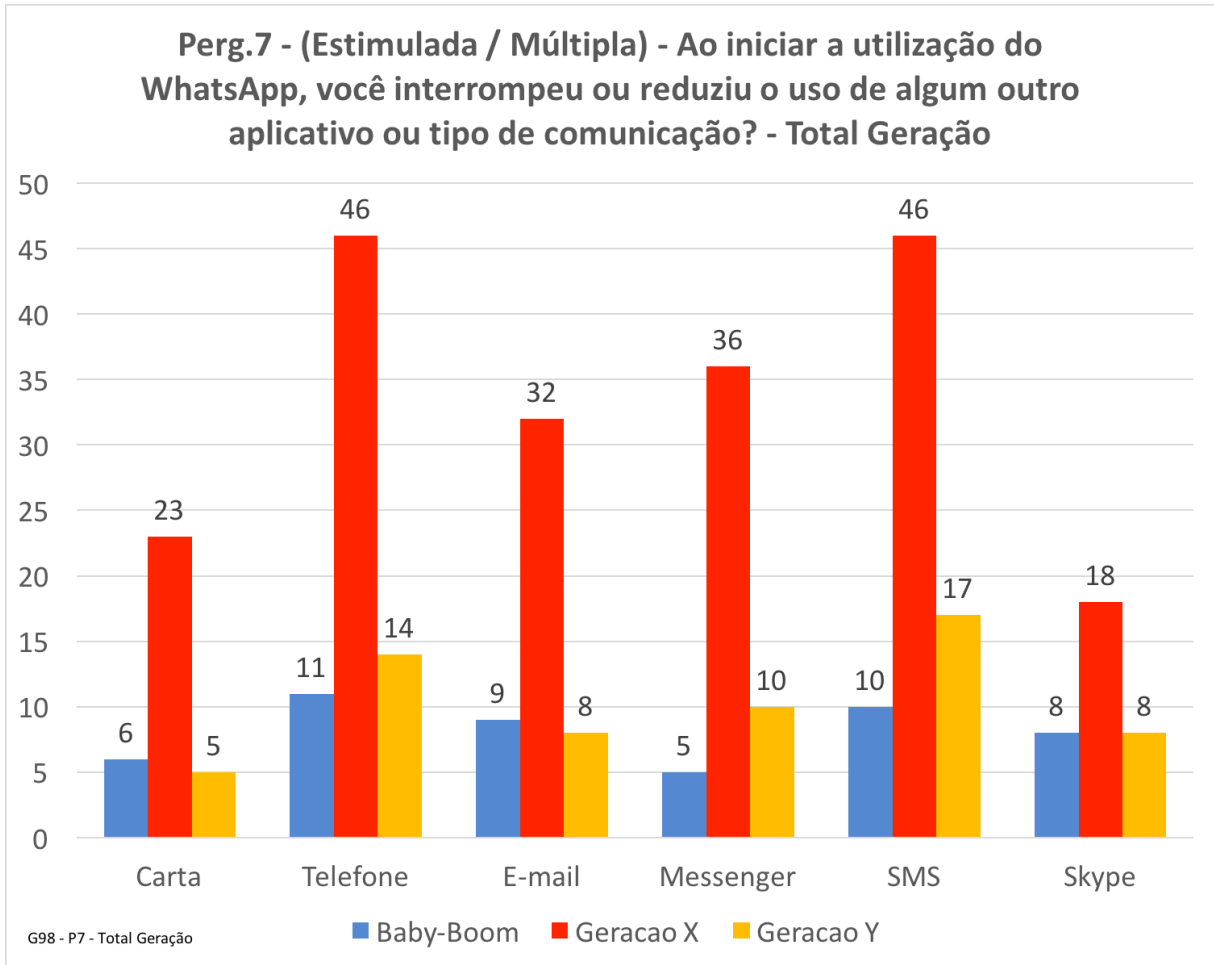
Perg. 4 - (Estimulada) - Como você começou a utilizar o WhatsApp? - Geração Y

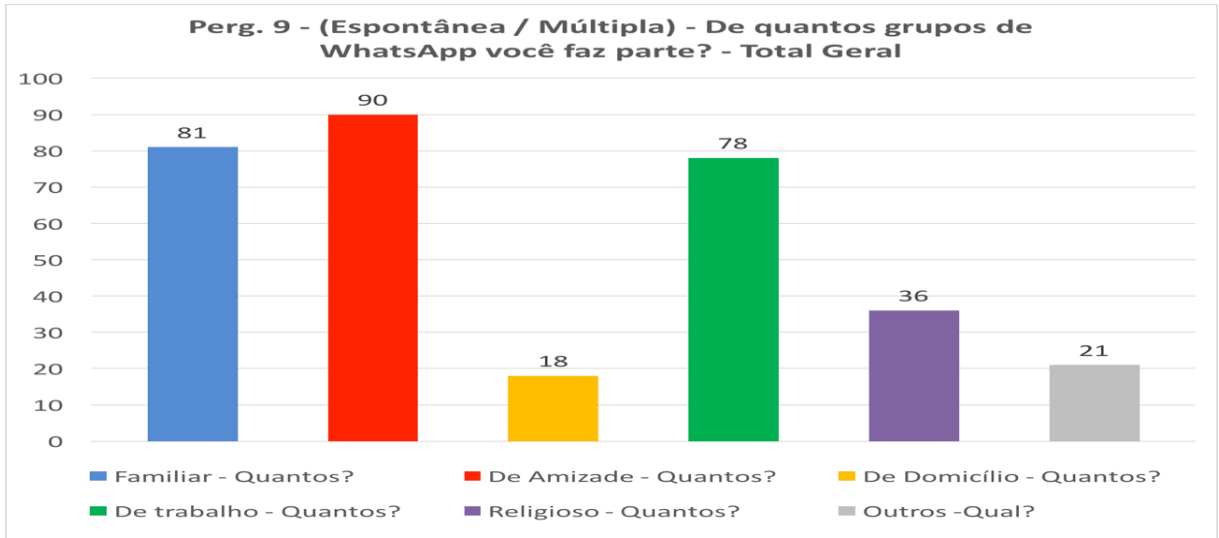




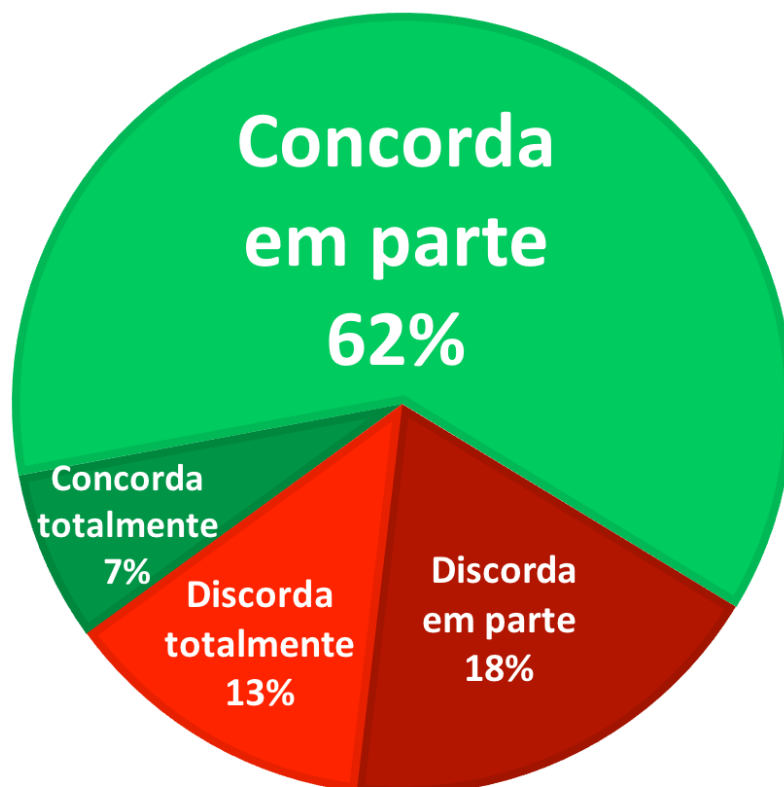




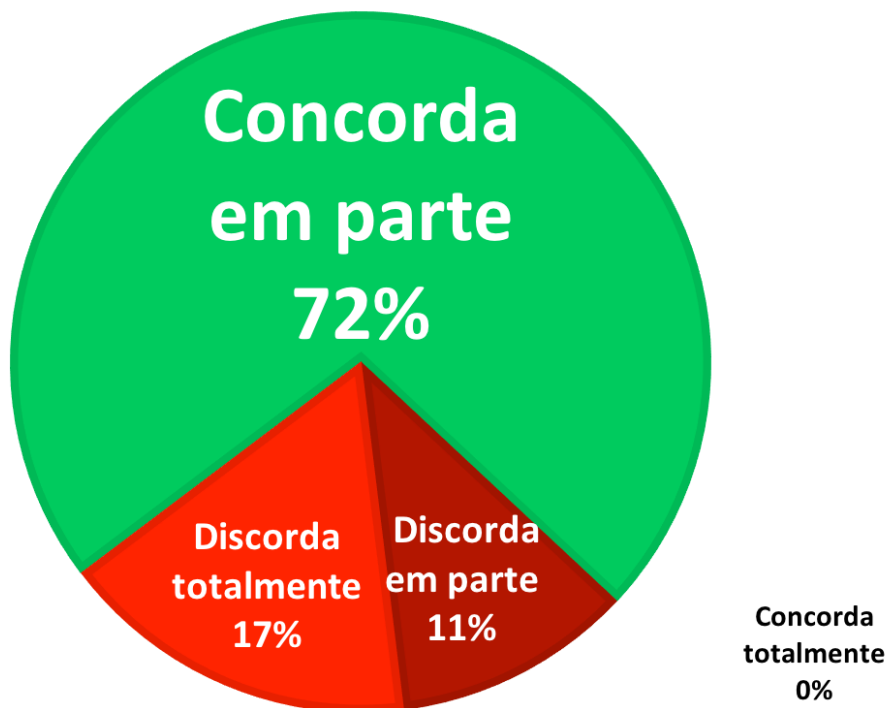




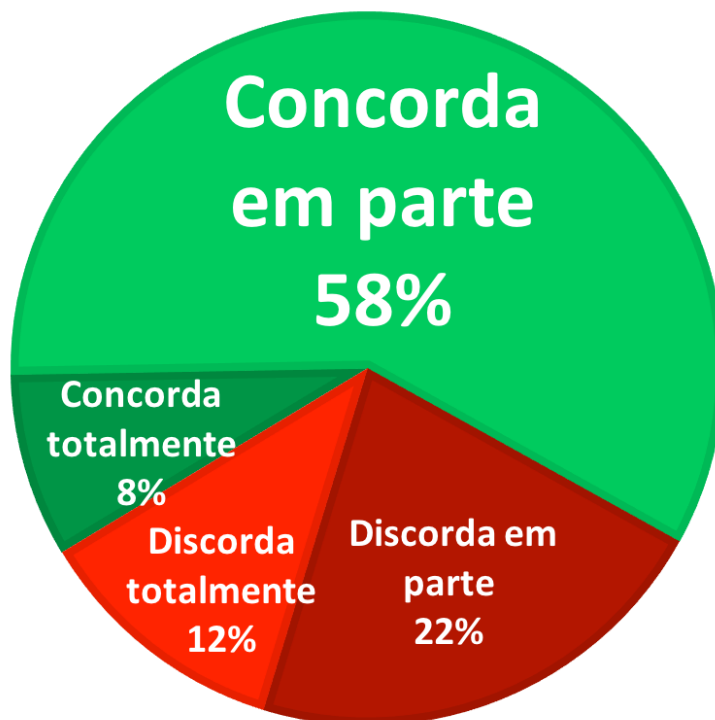
Perg 12 - (Estimulada / Escalada) - Quanto à afirmativa abaixo, você diria que você: O WhatsApp interfere negativamente na vida das pessoas porque as deixam mais abertas, disponíveis, online e grudadas no aplicativo? - Total Geral



Perg 12 - (Estimulada / Escalada) - Quanto à afirmativa abaixo, você diria que você: O WhatsApp interfere negativamente na vida das pessoas porque as deixam mais abertas, disponíveis, online e grudadas no aplicativo? - Geração Baby-Boomer



Perg 12 - (Estimulada / Escalada) - Quanto à afirmativa abaixo, você diria que você: O WhatsApp interfere negativamente na vida das pessoas porque as deixam mais abertas, disponíveis, online e grudadas no aplicativo? - Geração X



Perg 12 - (Estimulada / Escalada) - Quanto à afirmativa abaixo, você diria que você: O WhatsApp interfere negativamente na vida das pessoas porque as deixam mais abertas, disponíveis, online e grudadas no aplicativo? - Geração Y

